

RITA DO CARMO POLLI DA SILVA

SUJEITO PRONOMINAL NOS QUADRINHOS:

UMA ANÁLISE EM TEMPO REAL DE CURTA DURAÇÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Pós-graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon.

CURITIBA

2005

Dedico este trabalho à minha filha Mayara.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a duas pessoas de grande importância em minha vida: meu marido Darci e minha filha Mayara. A ele principalmente pela compreensão e infinita paciência nos muitos momentos em que o deixei de lado por estar ocupada demais com as obrigações que assumi em mais esta etapa de minha vida e por tudo o que *ele assumiu* para que eu pudesse ter mais tempo para esta empreitada. Agradeço a ele ainda pela sua existência e pela presença, sempre certa, em minha vida. A ela, agradeço pelos sorrisos, pelos abraços, pelos beijos que recebia enquanto trabalhava nesta pesquisa e ainda pela sua paciência e entendimento nos muitos momentos em que estive só, sem minha atenção e presença, contando histórias para as bonecas, falando sozinha em toda a fantasia dos seus cinco, agora seis anos. A vocês dois, que eu amo, agradeço imensamente.

Agradeço ainda a meus pais, especialmente a minha mãe, por ter cuidado de minha filha durante as muitas tardes em que precisei estar na universidade.

Agradeço ao Odair, cuja presteza e simpatia engrandecem a secretaria do departamento, a todos os professores do mestrado e muitíssimo a minha professora e orientadora Odete, que consegue falar durante muitas horas sem parar, com amor, com competência e conseguia nos manter em sala das duas às seis da tarde sem, na grande maioria das vezes, sequer lembrarmos de tomar um cafezinho e que sempre teve em mim uma admiradora de sua sabedoria e imensa dedicação ao estudo dos assuntos relacionados às línguas.

Também agradeço à Maristela, da Gibiteca da Fundação Cultural de Curitiba e à Filomena, da Diretoria de Patrimônio da mesma Fundação que, abrindo uma exceção, permitiram que eu retirasse os números das revistas em quadrinhos que eu precisava consultar.

Acima de tudo agradeço a DEUS por tudo o que ele já me deu, pela realização deste objetivo, e o mais importante, por tê-lo conhecido um dia e nunca mais ter sido a mesma.

Obrigada.

Aula de português

*A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.*

*A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?*

*Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.*

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE QUADROS.....	viii
LISTA DE GRÁFICOS.....	viii
SUMÁRIO DOS ANEXOS.....	viii
ABSTRACT.....	ix
RESUMO.....	x

CAPÍTULO 1

1. A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO.....	02
1.1. O modelo da análise.....	05
1.2. Objetivos.....	07
1.3. Organização do trabalho.....	09

CAPÍTULO 2

2. OS PRONOMES PESSOAIS.....	12
2.1. Os pronomes pessoais sujeito.....	12
2.1.1. A segunda pessoa <i>você/vocês</i>	15
2.1.2. A primeira pessoa <i>a gente</i>	20
2.2. A elipse do pronome sujeito.....	23
2.3. Os trabalhos de variação.....	26
2.4. Hipóteses.....	40

CAPÍTULO 3

3. AMOSTRA, METODOLOGIA E PONTO DE PARTIDA.....	43
3.1. O <i>cópus</i>	43
3.2. Metodologia.....	50
3.2.1. Os Grupo de Fatores.....	51
3.3. Casos descartados.....	54
3.4. Casos especiais.....	56

3.5. Codificação dos dados.....	59
3.6. Um ensaio: Mônica 1973 X Pato Donald 1973.....	60
3.6.1. Resultados do ensaio com a revista Mônica 1973.....	61
3.6.2. Resultados do ensaio com a revista Pato Donald 1973.....	64
3.6.3. Conclusões do ensaio com as revistas Mônica e Pato Donald, ambas de. 1973.....	66

CAPÍTULO 4

4. ANÁLISE DOS DADOS.....	76
4.1. Os grupos de fatores selecionados pelo Varbrul	76
4.1.1. As pessoas verbais.....	77
4.1.1.1. O pronome <i>a gente</i>	87
4.1.2. Tempo e modo verbal.....	95
4.1.3. Tipos de frases.....	102
4.1.4. Os fatores extralingüísticos.....	106
4.1.4.1. Ano de publicação.....	106
4.2. Os grupos de fatores não selecionados pelo Varbrul.....	110

CAPÍTULO 5

5. CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
ANEXOS.....	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Pronomes pessoais da língua Caingangue.....	19
TABELA 2 - Paradigmas flexionais apresentados por DUARTE (1993).....	27
TABELA 3 – Tendências de uso dos pronomes, em ordem decrescente, nos dados de MONTEIRO (1994).....	32
TABELA 4 - Preenchimento do sujeito pronominal em relação às pessoas verbais na revista Mônica 1973.....	61
TABELA 5 - Preenchimento do sujeito pronominal em relação ao grupo de fatores <i>tempo e modo verbal</i> na revista Mônica 1973.....	63
TABELA 6 – Preenchimento do sujeito pronominal em relação às pessoas verbais na revista Pato Donald 1973.....	64
TABELA 7 – Preenchimento do sujeito pronominal em relação ao grupo de fatores <i>tempo e modo verbal</i> na revista Pato Donald 1973.....	65
TABELA 8 – Preenchimento dos pronomes sujeitos nas revistas Pato Donald.....	77
TABELA 9 – Preenchimento do pronome sujeito a partir do grupo de fatores <i>tempo e modo verbal</i> nas revistas Pato Donald.....	96
TABELA 10 – Preenchimento do pronome sujeito a partir do grupo de fatores <i>tipo de frases</i> nas revistas Pato Donald.....	102
TABELA 11 – Preenchimento do pronome sujeito a partir do grupo de fatores ano de publicação nas revistas Pato Donald.....	106

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Número de revistas por ano de publicação que constituem o <i>cópus</i>	50
QUADRO 2 – Distribuição do grupo de fator <i>sexo</i> nas revistas Mônica e Pato Donald.....	69

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Evolução do preenchimento do sujeito em tempo real nas revistas Pato Donald	78
GRÁFICO 2 – O pronome <i>a gente</i> e sua referência na revista Pato Donald	91
GRÁFICO 3 - Uso dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , por década.....	92
GRÁFICO 4 – Uso do <i>futuro do presente</i> nas revistas Pato Donald.....	99
GRÁFICO 5 - Comportamento do preenchimento/não-preenchimento do sujeito Pronominal na revista Pato Donald a partir do grupo de fatores <i>ano de publicação</i>	107
GRÁFICO 6 – Preenchimento do sujeito pronominal a partir dos grupos de fatores <i>pessoas verbais</i> e <i>ano de publicação</i> , em porcentagem.....	109

SUMÁRIO DOS ANEXOS

ANEXO 01 – Lista das revistas consultadas.....	125
ANEXO 02 – Codificação dos grupos de fatores.....	129
ANEXO 03 – Tabelas das tabulações cruzadas – CROSSTAB – entre grupos de fatores.....	132
TABELA 1 – Pessoas verbais X Tempo e modo verbal.....	132
TABELA 2 – Tipos de frases X Pessoas verbais.....	133
TABELA 3 - Sexo X Pessoas verbais.....	134
TABELA 4 – Classificação etária X Pessoas verbais.....	135
TABELA 5 – Pessoas verbais X Ano de publicação.....	136
ANEXO 04 - E-mail da editora abril.....	137

ABSTRACT

The present research was developed based on the theoretical and methodological presumptions of the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) and focused on the pronominal variation in the Brazilian Portuguese, delimiting as the object of analysis the 1st and 2nd person pronouns: *eu*, *nós*, *a gente* and *tu*, *você*, *vocês*.

The corpus we analysed is part of the Duck Donald comics and was compounded of the editions of 1950 a 1952, 1963, 1973, 1983, 1993 e 2003/2004, adding, at the end of the process, 19.980 occurrences which were submitted to the VARBRUL computational program, for the qualitative and the quantitative analyses of data. The study had as main objective the investigation of the variational process represented by the alternation of the fulfillment/no fulfillment of the pronouns 1st e 2nd person pronouns in the subject position, verifying the possible linguistic conditioning of the phenomenon on written language represented in comics. Besides the variation analyses, we also studied the behavior of the pronouns *nós* and *a gente* separately to draw the trajectory of both in that period of time.

We worked with three linguistic variables: the grammatical personal, time and verbal form and types of sentences and three social: *sex*, *classification age* and year of publication.

Keywords: *subject pronominal, fulfillment of the subject, comics, shift in real time of near duration, brazilian portuguese, alternation*

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e teve como foco a variação pronominal no Português Brasileiro, delimitando como objeto de análise os pronomes de primeira e segunda pessoa: *eu, tu, nós, a gente/vós, você, vocês*.

O corpus analisado foi composto pelas revistas em quadrinhos Pato Donald e compreendeu as edições de 1950 a 1952, 1963, 1973, 1983, 1993 e 2003/2004 somando, ao final de todo o processo, 19.980 ocorrências, que foram submetidas ao programa computacional VARBRUL para análise quantitativa e qualitativa dos dados. O estudo teve como principal objetivo a investigação do processo variacional apresentado pela alternância do preenchimento/não-preenchimento dos pronomes de primeira e segunda pessoa em posição de sujeito, verificando os possíveis condicionamentos linguísticos e sociais do fenômeno na língua escrita representada pelos quadrinhos. Além da análise da variação estudamos o comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* separadamente para delinearmos a trajetória de ambos no período.

Trabalhamos com três variáveis linguísticas, *pessoa gramatical, tempo e modo verbal e tipos de frases*, e três sociais: *sexo, classificação etária e ano de publicação*.

Palavras-chave: *Sujeito pronominal, preenchimento do sujeito, histórias em quadrinhos, mudança em tempo real de curta duração, português brasileiro, alternância.*

CAPÍTULO 1

A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO

O professor de português deve propiciar que o aluno se conscientize *de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e sobre outras formas de expressar-se nessa língua e, além disso, que esse saber pode crescer com ele por toda a vida.*

Rosa Virgínia Mattos e Silva (2001)

1. A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO

A Gramática Tradicional (doravante GT) nos traz há muito a mesma língua, homogênea, imutável e estabelece que a norma padrão é a única correta; tudo que for diferente é considerado erro. A partir disso, muitos trabalhos vêm demonstrando que a língua preconizada pela GT está ultrapassada e desvinculada da realidade do português brasileiro (doravante PB). Esta situação possivelmente seja a grande responsável pelo fato de a Língua Portuguesa, enquanto disciplina escolar, estar sempre entre as mais odiadas e é a única com cujo objeto de estudo o aluno está em contato 24 horas por dia. Assim sendo esta deveria ser a disciplina mais atraente, a mais fácil. Mas não é esta a realidade. Um abismo de diferenças entre a GT e a prática lingüística faz com que o estudo da língua, em termos gramaticais, seja pesadoso e desestimulante. O estudante acha a língua portuguesa muito difícil; pior, muitos afirmam que *não sabem falar*, embora falem fluentemente, em outras palavras, eles mesmos percebem que a língua que falam não é aquela vista nas gramáticas e na maioria das aulas de Língua Portuguesa. Como alguém pode se interessar por um estudo de conceitos que não fazem parte da realidade? MENON (1995: 95) inicia seu trabalho apontando uma das muitas diferenças entre o que trazem os manuais escolares e a realidade lingüística, mais especificamente a diferença de que trata a presente pesquisa: os pronomes sujeitos.

A grande maioria dos manuais escolares continua a apresentar o paradigma dos pronomes pessoais sujeito como constituído das formas *eu-tu-ele; nós-vós-eles*, respectivamente pessoas do singular e do plural, independentemente das mudanças já ocorridas (e reconhecidas como tais) nesse sistema. É um fato inquestionável que *vós* já desapareceu completamente do uso – tanto oral como escrito – no português do Brasil, salvo nas mesmas gramáticas escolares, onde ainda se defende, e se impõe, o conhecimento e uso desta forma de maneira artificial.

A autora destaca que, independente das mudanças ocorridas e reconhecidas na língua, as gramáticas escolares continuam insistindo em formas desaparecidas, formas estas que em muitas regiões do Brasil nunca chegaram a ser usadas. Possivelmente os manuais escolares não mudem por seguirem exclusivamente a GT.

Segundo PERINI (1993), além da teoria que a GT pretende sustentar não encontrar respaldo na prática, há muitas contradições entre as suas afirmações. O autor resume

os problemas da GT em três grandes pontos: a inconsistência teórica e a falta de coerência interna, o caráter predominantemente normativo e o enfoque centrado em uma única norma com exclusão das outras. Segundo ele *só teremos uma gramática satisfatória como base para o ensino quando os três estiverem devidamente repensados*. (pág. 6)

Com base nessa afirmação podemos citar como exemplo dessa inconsistência teórica o estudo dos pronomes pessoais de um modo geral e, mais especificamente, a omissão do pronome sujeito. A análise da grande ocorrência de sujeitos pronominais preenchidos no PB vem sendo freqüentemente objeto de estudos. Muitos são os trabalhos realizados nesta área da língua portuguesa, que, segundo a GT é uma língua que não deve empregar o sujeito pronominal exceto em alguns casos específicos: dar ênfase à pessoa do discurso, evitar ambigüidades e opor as pessoas gramaticais (ALMEIDA, 1988; CUNHA e CINTRA, 1985; LAPA, 1982; CUNHA, 1984).

Autores como LIRA (1988), DUARTE (1993), MONTEIRO (1994), MENON (1994 e 1996b), BOTASSINI (1998), entre outros, têm demonstrado uma situação bastante diferente da apregoada pela GT. Os resultados das muitas pesquisas da área apontam no sentido de que o sujeito pronominal está sendo cada vez mais preenchido no PB em situações muito distantes daquelas previstas pela norma gramatical. Tem-se aí um exemplo de diferença entre a prática e a gramática.

A grande maioria dos trabalhos variacionistas apresenta corpus constituídos a partir de dados da língua oral. LIRA (1988) e DUARTE (1993) se diferenciam por apresentarem análise do PB a partir de ocorrências da língua escrita. Esta analisou peças de teatro e aquela, cartas pessoais. O trabalho ora apresentado tem como objetivo examinar um recorte do PB usado nas histórias em quadrinhos (doravante HQ) a partir de 1950 buscando examinar o comportamento do sujeito pronominal. Será analisado como o preenchimento vem se realizando nestes últimos 50 anos num corpus constituído pela revista em quadrinhos Pato Donald, recorte que possibilita uma *análise em tempo real de curta duração*.

Para a composição do corpus desta pesquisa optou-se por analisar somente as pessoas gramaticais propriamente ditas, aquelas referentes ao locutor e ao interlocutor conforme BENVENISTE (1976), ou seja, a primeira e a segunda pessoa do singular e do plural. Inicialmente foram analisadas todas as pessoas e o que se pôde perceber é que a terceira

apresentava um número bastante reduzido de ocorrências se comparadas às demais pessoas e um comportamento diferenciado justamente por não fazer referência às pessoas do discurso propriamente ditas, segundo BENVENISTE (1976). Para ilustrar apresento aqui os dados de uma revista, escolhida aleatoriamente dentro do conjunto de revistas inicial, a Pato Donald de número 1106, de 19/01/73. Foram encontradas 151 ocorrências de sujeito pronominal: 147 de primeira e segunda pessoas e apenas quatro de terceira, todas preenchidas, uma do narrador e três de personagens:

- (01) No ano que vem **eles** poderão vendê-lo na feira! (Pág. 16, um senhor para Mickey, falando das crianças, os sobrinhos do Mickey (eles = crianças)).
- (02) **Ele** não quer saber de chiqueiro perto de casa! (Pág. 18, Chiquinho, sobrinho do Mickey para Minnie (ele = vizinho do Mickey)).
- (03) Do jeito que **eles** me olham, chego a pensar que não gostam de recolher os papéis jogados no lixo, para serem vendidos como sucata! (Pág. 21, um funcionário do Tio Patinhas, pensando (eles = os demais funcionários)).
- (04) O Pateta não sabe, mas acaba de engolir o superamendoim defeituoso! E sendo assim, **ele** não age como os tipos normais de sua espécie! (Pág. 27, narrador (ele = superamendoim)).

Incluímos na pesquisa os pronomes *você/vocês* e *a gente* pelo fato de que estes, não constantes no paradigma dos pronomes pessoais das GTs e na grande maioria das gramáticas pedagógicas, estão presentes na língua falada e na escrita além de já constarem como pronomes numa vasta bibliografia de análise do PB, o que acrescenta mais um exemplo da desvinculação da GT com a realidade. Ampliou-se, desta forma, o número de pronomes visto que na primeira e na segunda pessoa há: *eu/tu/você/ vocês, nós/a gente*.

O número total de dados validados para esta pesquisa é bastante expressivo, 19.980 ocorrências da revista Pato Donald e 2.757 da revista Mônica do ano de 1973, utilizada numa análise comparativa com a Pato Donald do mesmo ano. Esta comparação buscou comprovar que uma revista traduzida de outras línguas não apresenta diferenças para o estudo em questão quando comparada a uma de produção nacional. Somadas, as ocorrências chegam a

22.737. Todas receberam tratamento estatístico a partir do uso do programa VARBRUL, um pacote de programas especialmente elaborado para tratamento de dados lingüísticos em variação. Tanto o número de dados da amostra comparativa quanto o da principal, permitem levantar hipóteses com uma certa segurança.

1.1. O MODELO DE ANÁLISE

O modelo adotado nesta pesquisa é o da Sociolingüística Variacionista, cujo iniciador foi William Labov. Para a Sociolingüística a língua é um sistema heterogêneo, que evolui e está sujeito às interferências de ordem social. Esta tem como objeto de estudo a variação, que entende como um princípio geral e universal, perfeitamente possível de descrever e analisar cientificamente. Estuda a língua em uso em uma comunidade de fala, voltando a atenção para a investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais.

O mecanismo pelo qual as línguas evoluem ainda não foi desvendado pelos lingüistas, mas parte da resposta, segundo LABOV (1974: 50), *pode ser encontrada através do exame minucioso das mudanças contemporâneas que se processam na comunidade de fala*, que, segundo o autor, é constituída por um grupo de pessoas que compartilham uma mesma atitude e usam uma variedade de língua (ou um sistema lingüístico) que é heterogêneo, porém de uma heterogeneidade sistemática, haja vista que as diferenças não impedem os membros de uma mesma comunidade de se entenderem, de se comunicarem, apesar de não falarem exatamente do mesmo modo. Segundo NARO & SCHERRE (1991), os grupos de falantes de uma comunidade de fala podem caminhar em diversas direções, alguns podem estar num processo de aquisição de novas formas enquanto outros estão, ao mesmo tempo, perdendo a forma. Há ainda grupos para os quais não existe mudança em curso, pois neles as formas lingüísticas podem estar estáveis.

Esta variação é, justamente, o objeto de estudo da Sociolingüística e é um fenômeno que ocorre em todas as línguas. Apesar disto, nem todos os fatos de uma língua estão sujeitos a variações. Existem regras gramaticais que não variam, chamadas categóricas, ou seja, regras que obrigam o falante a usar certas formas e não outras. As regras categóricas também são chamadas de invariantes e existem ainda regras invariantes em uma língua e passíveis de variação em outra, como é o caso do preenchimento do sujeito pronominal. No inglês, por

exemplo, este preenchimento é categórico, constituindo uma regra invariável. Diferente é o comportamento no PB, onde ora o pronome sujeito aparece preenchido, ora ausente, constituindo assim uma regra variável. Estas duas possibilidades de ocorrência são chamadas de *variantes da variável*. Segundo TARALLO (1995: 8) *as variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística*. Toda variação, sendo motivada, não-aleatória, pressupõe uma relação de dependência, ou seja, o emprego das variantes é influenciado por grupos de fatores lingüísticos ou extralingüísticos. Assim sendo, a variável é chamada de *dependente*, pois depende de outras para sua realização e os fatores que a influenciam são chamados de *variáveis independentes*.

A variável dependente desta pesquisa é a **regra do preenchimento do sujeito pronominal**. As variantes dessa variável são as formas que estão em competição: presença ou ausência dos pronomes.

As variáveis independentes que podem influenciar a presença ou a ausência do pronome pessoal na posição de sujeito, utilizadas para esta pesquisa, foram: **pessoa gramatical, tempo e modo verbal, tipo de frases** (variáveis lingüísticas ou internas), **sexo, classificação etária e ano de publicação** (variáveis extralingüísticas, ou externas).

Segundo NARO (2003: 17) a teoria da variação possui uma metodologia que constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas. Apesar disso, ainda segundo o autor, a teoria tem um problema: *como isolar separadamente o efeito de um fator quando tal fator nunca se apresenta isoladamente nos dados*, em outras palavras, existe uma combinação de fatores que atuam simultaneamente sobre uma mesma variante, possibilitando ou não a sua realização. Alguns modelos matemáticos foram propostos a fim de resolver esta questão. NARO (2003) esclarece que inicialmente Labov, em 1969, propôs o *modelo aditivo*. Tal modelo trabalhava com frequências e, por possuir um apelo intuitivo bastante acentuado e por problemas técnicos insuperáveis para a época, foi abandonado. Na sequência, em 1974, Cedergen e Sankoff propuseram a substituição das frequências por probabilidades. O modelo proposto por eles, o *multiplicativo* de aplicação, parecia menos eficiente que o modelo aditivo. Em 1978 Rousseau e Sankoff introduziram um novo modelo, o *logístico*, que reunia o que os anteriores tinham de

bom, substituindo-os na análise de quaisquer tipos de dados. Este modelo introduziu o termo “peso relativo” em substituição ao termo “probabilidade” e é capaz de superar a maioria dos problemas de análise, sendo atualmente o mais utilizado na Sociolinguística quantitativa.

Partindo do que foi exposto e pelo fato de ser perfeitamente possível dar um tratamento quantitativo aos dados, acredito que o tipo de análise adotado para esta pesquisa permitiu o alcance dos objetivos propostos.

1.2. OBJETIVOS

Tendo em vista que este estudo segue as orientações da sociolinguística variacionista, que orienta no sentido de se incluir fatores sociais ou extralingüísticos nos grupos de fatores alencados para a análise a fim de verificar se eles incidem ou não, e de que forma, no objeto de estudo, foram arrolados três grupos de fatores lingüísticos (*pessoa verbal, tempo e modo verbal e tipos de frases*) e três sociais (*sexo, classificação etária e ano de publicação*) que permitiram o alcance dos objetivos deste trabalho.

O objetivo central desta pesquisa é um *estudo em tempo real de curta duração* sobre o comportamento dos pronomes de primeira e segunda pessoa em posição de sujeito no período de 1950 a 2004, na revista Pato Donald, para verificar como a aplicação da regra variável, preenchimento/não-preenchimento pronominal, vem se realizando. A partir deste objetivo principal foram delineados outros, que constituem objetivos mais específicos.

Entre eles pretendo verificar se o *sexo* e a *idade* interferem na aplicação da regra variável, ou seja, se há uma diferenciação no preenchimento dos sujeitos pronominais entre homens e mulheres e entre a faixa etária mais jovem e a mais velha. BORBA (1993), analisando um pequeno *cópus* de falantes de Curitiba, não encontrou evidências de que a variável *sexo* fosse relevante, à mesma conclusão chegou BOTASSINI (1998) analisando um *cópus* composto de entrevistas do projeto VARSUL. Em contrapartida, MONTEIRO (1994) atesta que as mulheres tendem a preencher mais esta categoria enquanto OMENA (1996) verificou que as mulheres usam mais do que os homens o pronome *nós*. TAMANINE (2002), por sua vez, encontrou resultados opostos aos de OMENA, ou seja, a pesquisadora mostra uma pequena

tendência das mulheres (.52) ao uso de *a gente* e dos homens (.53) para o uso de *nós*. Segundo PAREDES DA SILVA (1991), tanto *sexo* quanto *idade* têm se mostrado pouco influentes nos trabalhos variacionistas sobre o mesmo fenômeno. Para BOTASSINI (1998), que também não verificou relevância no estudo destes grupos de fatores, isso aponta fortes indícios de que, na língua oral, a aplicação desta variável esteja relativamente estável. Como este *cópus* é composto de dados da língua escrita, objetivo verificar se estes grupos de fatores apresentam comportamento semelhante aos trabalhos acima citados.

Apesar de ROBERTS (1996) afirmar não ser tão simples estabelecer uma vinculação entre a morfologia verbal e a ausência do sujeito pronominal, objetivo verificar se a flexão verbal não marcada, ou seja, a falta de desinência número-pessoal do verbo, favorece ou não o preenchimento desta categoria. O autor justifica sua afirmação citando línguas como o chinês e o japonês que são totalmente desprovidas de concordância verbal e admitem o não preenchimento do sujeito, enquanto há línguas como o alemão e o islandês que possuem um sistema flexional bastante amplo e não admitem o sujeito não preenchido.

Objetivo também verificar se as frases interrogativas e a presença de um elemento de negação na frase propiciam o não preenchimento do sujeito pronominal, conforme DUARTE (1995).

Pretendo ainda averiguar se todos os pronomes têm o mesmo comportamento na posição de sujeito. MONTEIRO (1994) encontrou um alto índice de preenchimento de primeira pessoa, em relação aos demais pronomes.

Objetivo identificar que fatores favorecem o uso do pronome *a gente*. Segundo OMENA (1996) estes fatores são, entre outros, formas gerundiais, tempos não marcados e tempo presente. Analisando, em rodada separada, as ocorrências de *a gente* na posição de sujeito, busco verificar se: (i) ele ocorre predominantemente como indeterminador ou como pronome de primeira pessoa do plural, (ii) se há ocorrência de uso também como primeira pessoa do singular. Concomitantemente vou observar a regularidade de uso do pronome *nós* no período estudado. OMENA (1996) apresenta dados que apontam o pronome em queda.

Como último objetivo específico pretendo confrontar os resultados encontrados com os já publicados, por exemplo, DUARTE (1993) e LIRA (1988), autoras que constituíram seus *córpus* a partir da língua escrita.

1.3. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Esta dissertação é composta de cinco capítulos. O próximo traz uma breve explanação sobre o pronome sujeito no PB a partir do latim, comentando o fato de o quadro atual dos pronomes nas GTs não corresponder ao uso real da língua, quer seja ela escrita ou falada, ou seja, este quadro incluso nas gramáticas, pedagógicas ou não, continua trazendo as pessoas clássicas *eu, tu, ele (a), nós, vós, eles (as)*, sem considerar a quase total extinção da forma *vós*, o uso da forma *tu* em apenas algumas regiões do país e deixando de mencionar os pronomes *você/você* e *a gente*, respectivamente de segunda e de primeira pessoa. Fazemos ainda uma breve apresentação da noção de pessoa de BENVENISTE (1976), contrapondo com a noção de pessoa da GT. Seguindo a linha de divergências entre ela e o PB apresenta-se, na seqüência, um breve histórico do uso do *você* e do *a gente*, mencionando os processo de gramaticalização de cada um, bem como o tratamento dispensado a eles pela GT. Na seqüência encontra-se uma apresentação dos resultados de alguns trabalhos sobre o preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal, que apontam unanimemente para um preenchimento cada vez maior desta categoria, a saber: LIRA (1988), PAREDES DA SILVA (1991), FREITAS (1991a/b), DUARTE (1993), MONTEIRO (1994), OMENA (1996). Para finalizar o capítulo elenco as hipóteses que nortearam o presente trabalho.

No capítulo terceiro esclareço sobre a constituição do *córpus* desta pesquisa, com explicações detalhadas sobre sua composição e apresentando algumas considerações sobre as HQ e sobre a linguagem oral e escrita. Depois, exhibe-se a metodologia adotada com a exposição das variáveis lingüísticas e extralingüísticas. Os fatores que se acredita exercerem influência no condicionamento da variável dependente são postulados na seqüência. São esclarecidos ainda os procedimentos adotados para o levantamento e a seleção dos dados, explicitando as ocorrências desconsideradas, os casos especiais e a codificação que todos os grupos de fatores receberam para que pudessem ser submetidos a tratamento estatístico adequado. A título de comparação foi feita análise entre a revista que compõe este *córpus* (Pato Donald) e a revista da Mônica com o objetivo de localizar possíveis diferenças entre as publicações, já que uma é tradução e a outra,

cem por cento brasileira, e este fato poderia gerar indagações a respeito da publicação escolhida. SILVA (1982) justificou o *cópus* de sua pesquisa, que incluía revistas em quadrinhos, argumentando que as selecionadas eram *genuinamente brasileiras*, e entre elas está a revista Mônica. Para esta análise comparativa foram selecionadas as revistas de 1973 de ambas as publicações, o que resultou em um conjunto de 7.159 ocorrências, das quais somente 6.722 foram consideradas para as rodadas do VARBRUL. As tabelas com os resultados são apresentadas neste capítulo, bem como as conclusões a que se pôde chegar.

O quarto capítulo traz a análise quantitativa e qualitativa dos dados que compõem o *cópus* principal do trabalho. Os resultados estão apresentados segundo a seleção de relevância apresentada pelo programa VARBRUL. Neste capítulo também discuto os objetivos alcançados e as hipóteses que foram e que não foram confirmadas a partir dos dados obtidos nos 54 anos da revista Pato Donald.

O último capítulo traz as conclusões às quais pude chegar e, por fim, nos anexos, é possível ver a lista de toda as revistas consultadas, os grupos de fatores e os símbolos utilizados para a codificação dos dados, as tabelas das tabulações cruzadas feitas para acurar a análise de alguns dados, etc.

CAPÍTULO 2

OS PRONOMES PESSOAIS

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da nação brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

2. OS PRONOMES PESSOAIS

Em meio às diferenças existentes entre a GT e o PB falado e escrito está a relação dos pronomes pessoais, que são apresentados pela tradição normativa com três pessoas (primeira - o emissor, segunda - o receptor e a terceira - o assunto) e seis formas pronominais, sendo três para o singular (*eu, tu, ele/a*) e três para o plural (*nós, vós, eles/as*). No PB, no entanto, as formas pronominais são oito, quatro para o singular (*eu, tu, você, ele/a*) e o mesmo número para o plural (*nós, a gente, vocês, eles/as*). Das quatro formas do singular, na maior parte do Brasil, apenas três são usadas: *eu, você, ele/a*. Além dessa diferença, a própria noção de pessoa trazida pela GT é questionada por muitos lingüistas.

Neste capítulo faço uma breve explanação sobre o pronome pessoal sujeito na GT e no PB, citando brevemente BENVENISTE (1976) para depois esclarecer alguns pontos sobre os pronomes *você/vocês* e *a gente* e sobre a elipse do sujeito pronominal, aconselhada pela GT. Para encerrar o capítulo apresento alguns trabalhos da área de variação lingüística que abordam o tema aqui proposto.

2.1. OS PRONOMES PESSOAIS (SUJEITO)

Em Latim existiam formas específicas para indicar a primeira pessoa, o falante, e a segunda, o ouvinte, mas não havia pronome pessoal para a terceira. Havia cinco casos com flexões representando o singular e o plural para a primeira pessoa e seis casos, também com flexão de número, para a segunda.

PRIMEIRA PESSOA		
Caso	Singular	Plural
Nominativo	Ego (eu)	Nos (nós)
Genitivo	Mei (de mim)	Nostrum ou nostri (de nós)
Dativo	Mihi (a mim, para mim, me)	Nobis (a nós, para nós, nos)
Ablativo	Me (por mim)	Nobis (por nós)
Acusativo	Me (me)	Nos (nós)

SEGUNDA PESSOA		
Nominativo	Tu (tu)	Vos (vós)
Acusativo	Tu (tu)	Vos (vós)
Genitivo	Tui (de ti)	Vestrum ou vestri (de vós)
Dativo	Tibi (a ti, para ti, te)	Vobis (a vós, para vós, vos)
Ablativo	Te (por ti))	Vobis (por vós)
Acusativo	Te (te)	Vos (vos)

Para referir-se a algo que não fosse o ouvinte ou o próprio falante eram utilizados pronomes demonstrativos:

Hic, haec, hoc	→ este, esta, isto
Iste, ista, istud	→ esse, essa, isso
Ille, illa, illud	→ aquele, aquela, aquilo
Ipse, ipsa, ipsum	→ ele mesmo, ela mesma, o próprio, etc.
Is, ea, id	→ este, esta, isto, esse, aquele, o ,a
Idem, eadem, idem	→ o mesmo, etc.

Como resultado desta alteração temos em português o seguinte quadro de pronomes pessoais sujeitos, presente em todas as GTs.

<i>Pessoa</i>	<i>Pronome sujeito</i>
1. ^a singular	Eu
2. ^a singular	Tu
3. ^a singular	Ele/ela
1. ^a plural	Nós
2. ^a plural	Vós
3. ^a plural	Eles/elas

CEGALLA (1985: 150), CUNHA (1984: 278), TERRA & NICOLA (1996: 76), entre outros, apresentam os pronomes pessoais da mesma maneira, segundo eles os pronomes são palavras que se caracterizam por representarem as três pessoas do discurso:

a) *quem* fala = 1.^a pessoa *eu* (singular); *nós* (plural):

b) *com quem se fala* = 2.^a pessoa: *tu* (singular); *vós* (plural):

c) *de quem se fala* = 3.^a pessoa: *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural)

Essa noção de pessoa apresentada pela GT é contestada por Benveniste e por muitos, depois dele. Para BENVENISTE (1976: 250) a noção de “pessoa” está abolida da definição dos pronomes pessoais a partir do momento que se insere ao conjunto o termo *ele*. Segundo o autor a categoria “pessoa” é própria somente de *eu/tu*, pois abrange apenas os participantes do ato comunicativo. Segundo o autor o *eu* tem referência própria, correspondendo, a cada vez que é usado, a um ser único e “só pode ser identificado pela instância do discurso que o contém”. Corresponde à pessoa – o emissor da fala. Da mesma maneira define-se o pronome *tu*: *o indivíduo alocutado na presente instância do discurso contendo a instância lingüística tu*, ou seja, refere-se unicamente ao receptor, a pessoa com quem se fala. Sobre a terceira pessoa ele salienta:

Há enunciados de discurso, que a despeito de sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação “objetiva”. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’.

A “terceira pessoa” representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias do discurso que não devam remeter a elas mesmas...(Pág. 250)

BENVENISTE considera que o processo de comunicação é o discurso, e este, por sua vez, precisa de apenas duas pessoas para acontecer: o *eu* (emissor) e o *não-eu* (receptor). O autor esclarece ainda que o que transcende esses limites é a *não-pessoa*, que não é nem o emissor nem o receptor e que pode ter o traço [\pm animado], em outras palavras, pode representar tanto seres vivos quanto objetos, o que equivale à terceira pessoa (*ele/a*). Isto posto, cabe salientar que o *eu* e o *não eu* são marcados quanto à pessoa e a *não pessoa* não, o que possibilita a sua pluralização: *eles/elas*. Desta forma o *eu* e o *não-eu* não são passíveis de variar em número. Segundo o pesquisador eles não se multiplicam, mas se ampliam. Não existe o *eu + eu* ou *tu + tu* e sim o *nós*, que é o *eu* ampliado (*eu + não-eu* ou *eu + não-eu + não-pessoa*) ou o *tu* ampliado, que é representado pelo *vós*.

O quadro dos pronomes pessoais apresentado pela GT, portanto, não representa a realidade, como atestam muitos pesquisadores como FREITAS (1991 a/b), MONTEIRO (1994), MENON (1995), DUARTE (1996), entre outros, cujos trabalhos estão apresentados no final do capítulo.

Há pelo menos outros dois grandes problemas na representação da GT: a não inclusão da segunda pessoa do singular *você* e do plural *vocês*, mais antiga na língua, e a omissão do pronome *a gente*, representante da primeira pessoa do plural e do singular, advento mais recente no PB. O primeiro desses problemas a ser tratado aqui é a segunda pessoa.

2.1.1. A segunda pessoa *você/vocês*

A GT insiste na apresentação dos pronomes *tu* e *vós* como únicos representantes da segunda pessoa e exclui totalmente a forma *você/vocês*. Quanto à forma plural MENON (1995) comenta que já na época da colonização brasileira o processo de arcaização do *vós* estava bastante adiantado em Portugal, estando completamente arcaizado no século XVIII. No PB a forma é praticamente inexistente, salvo em alguns casos bem específicos, como por exemplo, em textos religiosos. O próprio pronome *tu* tem uso restrito no PB, sendo encontrado apenas em algumas regiões do Brasil, na maior parte do imenso território nacional o pronome de segunda pessoa corrente é o *você/vocês*. CUNHA (1965) faz a seguinte observação acerca do *você*, que ele classifica apenas como pronome de tratamento:

Com exceção de Rio Grande do Sul e áreas vizinhas, a forma pronominal *tu* foi substituída em todo o território nacional por *você*. Pode-se mesmo dizer que só há dois tratamentos de 2.^a pessoa realmente vivos no Brasil: *você* como forma de intimidade e o *senhor* como forma de respeito ou cortesia. (...) O emprego das formas *você* e o *senhor* estende-se dia a dia, não só nas funções de sujeito, mas também nas de objeto...

Apesar disso o autor, à página 279 da sua *Gramática da Língua Portuguesa*, apresenta o mesmo quadro exposto acima quando cita os pronomes pessoais sujeitos. Quadro este que inclui a forma *vós*, que há muito deixou de ser utilizada no Brasil e em Portugal. A atitude de manter formas em desuso, ou de uso reduzido e de omitir formas atuais da língua, demonstra que mesmo os gramáticos mais conceituados mantêm sempre, intacta, a mesma

tradição normativa. Como consequência disso continuamos tendo que assimilar estruturas já em desuso, cristalizadas na GT e ensinadas nas escolas Brasil afora, o que faz com que o ensino da língua materna seja algo pesado, cheio de teorias gramaticais superadas por novos usos, desconhecidos pelas GTs.

Algumas gramáticas brasileiras mais modernas apresentam *você* como pronome, mas no geral o que se constata é uma grande resistência às modificações, inclusive entre autores de livros didáticos. SOARES (1982: 172) é uma das poucas autoras que o insere no quadro dos pronomes pessoais, e justifica:

Você foi considerado pronome de 2.^a pessoa, pois assim é empregado em quase todo país: seria desconhecer a realidade brasileira insistir-se em classificar **você** como pronome de tratamento, que já não é, e negar-se a conhecê-lo como o pronome de 2.^a pessoa mais amplamente usado no Brasil.

Apesar da preocupação em trabalhar com a língua viva, a autora afirma que a forma *você* não é mais pronome de tratamento, afirmação com a qual não concordo. *Você* é pronome de tratamento assim como qualquer outro que se use para dirigir-se ao interlocutor: *você, tu, senhor, senhora...* Inclusive CUNHA (1965: 292), acima citado, ao contrário de SOARES, afirma que *só há dois tratamentos de segunda pessoa realmente vivos no Brasil: você (...) e senhor (...)*.

Segundo FARACO (1982: 191) o uso de *Vossa Mercê* (que originou o *você*) e de *Vossa Senhoria* são medievais e remetiam ao rei, de quem se estava à *mercê*, e aos senhores feudais, com os quais os vassalos mantinham uma relação de *senhorio*. Devido às mudanças ocorridas na sociedade portuguesa, ambas as formas passaram a ter o uso mais habitual entre os nobres, que por sua vez as exigiam como sinal de tratamento respeitoso de seus inferiores. Esses inferiores passaram também, entre eles, a usar as mesmas formas para representar um tratamento de maior respeito. Das duas formas, principalmente *vossa mercê* passou a ser empregada por todos, desaparecendo como exclusividade das cortes.

A forma manteve o uso em situações que exigiam um tratamento mais formal, mas a grande expansão no uso acarretou também uma mudança fonética: de *vossa mercê* para

*você*¹. Durante esse processo de modificação fonética e de valor social a locução nominal (pronome possessivo *vossa* e o substantivo *mercê*) gramaticalizou-se, passando a exercer função de pronome, ou seja, mudou de categoria lexical, de nome para pronome. Gramaticalização, segundo MENON (1996: 623), *é o processo por que passa uma palavra lexical, autônoma, para se tornar palavra gramatical, presa ou funcional*².

No Brasil, desde o início da colonização a forma *vossa mercê* era usada em todo território como tratamento de segunda pessoa. Haja vista que a descoberta do Brasil se deu depois dessas transformações. Como o pronome *vós* já estava em processo de arcaização em Portugal as formas de segunda pessoa no PB se fixaram com os pronomes *tu/você/vocês*.

Hoje no PB é possível inclusive encontrar, na língua falada, a forma *cê* (redução de *você*) em alguns contextos específicos, como por exemplo:

(05) *Cê* vai sair?

Essa redução, contudo, é mais difícil na seguinte sentença:

(06) Você e Maria vão sair?

(07) **Cê* e Maria vão sair?

A redução, portanto, é amplamente admitida em alguns contextos e não em outros, o que merece estudos mais detalhados, por hora o que se pode perceber é que quanto mais gente usando a forma, mais chances ela tem de mudar foneticamente, num processo parecido com o da erosão, que vai corroendo, diminuindo. Porém há poucas chances de este processo seguir além da forma *cê*, monossilábica, característica de quase todos os pronomes pessoais, exceto a terceira pessoa, que inclusive não é considerada pronome pessoal por BENVENISTE (1976). Os pronomes sujeito parecem ter uma força de manutenção que é devida, possivelmente, ao fato de indicarem os interlocutores de um discurso.

A segunda pessoa, tanto a forma singular como a plural, *tu* e *vós*, apresentadas pelas GTs, portanto, não correspondem à realidade do PB. O pronome *vós* raramente é usado e, não se pode negar, o *tu* ainda subsiste em algumas regiões específicas do país como característica do dialeto, mas o uso de *você* é uma realidade na maior parte do Brasil.

¹ Sobre a evolução *vossa mercê* > *você* ver FARACO (1982), LAPA (1970), NASCENTES (1956), entre outros.

² Sobre gramaticalização ver: HOPPER & TRAUGOTT (1993)

CEREJA & MAGALHÃES (2002: 167), autores de livros didáticos, abaixo do quadro dos pronomes pessoais canônicos colocam a seguinte observação:

Atualmente, o pronome **vós** é empregado apenas em situações muito formais, como em textos bíblicos, jurídicos e políticos. No lugar desse pronome, são empregados os pronomes de tratamento **você** e **vocês**.

Os autores admitem o desuso do *vós*, mas não incluem o *você* como pronome pessoal, citam-no inclusive como substituto do *vós*, devendo, portanto, ser usado como segunda pessoa do singular. Eles parecem oscilar entre a imposição padrão da GT como única forma correta de uso da língua e a que realmente se fala e se escreve. Sobre o *você* eles ainda citam a origem *Vossa Mercê* e o atual *cê*: *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *vancê* > *você* > *cê*. O detalhe é que fazem questão de mencionar que o *você* e o *vocês*:

Apesar de serem empregados para designar o nosso interlocutor (a 2ª pessoa da situação de comunicação), os pronomes de tratamento gramaticalmente são pronomes de 3.ª pessoa, e não de 2.ª: **Você se** dirigiu à pessoa errada. (3.ª pessoa do singular)/**Tu te** dirigiste à pessoa errada. (2.ª pessoa do singular).

MENON (1995) não concorda com este tipo de afirmação que, segundo ela, contraria a regra geral de concordância verbal, que determina que o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa. Afirmação que CEREJA & MAGALHÃES repetem à página seguinte onde é colocada em destaque a pergunta “*Devemos usar tu ou você?*” à qual os autores dão a seguinte resposta:

Tanto faz. As duas formas são válidas. Embora muitas pessoas atualmente empreguem **você** para se dirigir ao interlocutor, em algumas cidades e estados brasileiros predomina o emprego do pronome reto **tu**. Também é comum haver a mistura das duas formas e tratamento, como, por exemplo, na frase: “Não **te** convidei porque **você** não poderia ir.” Se, entretanto, o locutor pretende usar a língua de acordo com a variedade padrão, deve optar por uma das formas de tratamento: “Não te convidei porque tu não poderias ir” ou “Não o convidei porque você não poderia ir”.

Além de insistirem na observação da fuga da variedade padrão, quando afirmam que *atualmente* muitas pessoas usam o *você*, os autores dão a entender que antes o pronome usado para a segunda pessoa era única e exclusivamente o *tu*, o que não é, necessariamente,

verdade. MENON & LOREGIAN (2002: 149) salientam que esta é uma afirmação usada por leigos e por alguns com certa formação acadêmica e que necessita de comprovação científica. E acrescentam que *trabalhos históricos e/ou sincrônicos vêm demonstrando que em muitas regiões provavelmente o **você** teria sido o primeiro pronome implantado, sem etapa anterior do uso de **tu**.*

Para encerrar cito duas obras que se referem a outras línguas, uma indígena do território brasileiro e a outra românica, o espanhol, que fazem referência à forma *você/vocês* como pronome.

MANSUR GUÉRIOS (1942: 122) em seu estudo sobre a língua caingangue, uma das línguas indígenas do Brasil, nos dialetos e Palmas e Tibagi (PR), apresenta o seguinte quadro de pronomes pessoais do caso reto, adaptado por mim em tabela para melhor visualização:

Tabela 1 – Pronomes pessoais da língua caingangue

PRONOMES PESSOAIS	PALMAS	TIBAGI
Eu	Hí(g), i (g), ig, ik, i, ixóg, ixâg, etc.	I, eg, ix, ij, áix, ex, eiát, ixó, ixô.
Tu, você, o senhor	Há, hatâg,	A, na, anha
Ele, isso, para pessoa animal ou coisa	Ti, titâg, titóg	Ti, titan
Ela	Fi, fitóg	Fi, fe, hi
Nós	Héng, héngtóg,	Éin, em, enktôn, enton
Vós, vocês, os senhores	Haiág	Aiáng, aiág
Eles	Hagta	Ag, agtôn
Elas	Fágn, fág	Fag, fagtôn, facton

Percebe-se que o lingüista, há mais de seis décadas, já registrava as formas *você*, *vocês* e *senhor* como pronomes pessoais, o que as GTs até hoje não assumem, apesar de todas as pesquisas lingüísticas existentes.

SOLANA e MORAIS (1943), obra publicada no Brasil para estudantes brasileiros, que passaram a ter o espanhol como língua obrigatória a partir da Portaria Ministerial n.º 127 de 3 de abril de 1943, à página 47, após o quadro dos pronomes, que é igual ao do

português, apresentam a seguinte observação: *La persona con quien se habla se indica también con el pronombre **usted** o **ustedes** plural, corrupción de **vuestra** **mercê***. O aluno brasileiro recebia essa informação ao estudar espanhol, mas do PB, onde essa observação caberia exatamente da mesma forma, ele não tinha e ainda hoje não tem.

Como visto o resultado da gramaticalização da forma *vossa mercê* não é novo, mas nem isso, nem as pesquisas que mostram a vitalidade do pronome são suficientes para que *você/vocês* passem a figurar oficialmente na GT.

Outro problema que se pode constatar a partir da observação do quadro canônico dos pronomes apresentados pela GT é também uma omissão: o pronome *a gente*, exposto a seguir.

2.1.2. A primeira pessoa *a gente*

A gramaticalização do pronome *a gente* é mais recente do que a ocorrida com o *vossa mercê* > *você*. MENON (1996: 626) apresenta a seguinte cadeia de transformação para o pronome *a gente*:

LNP	>	LNE	>	LNI	>	P. indef.	>	P.P. 1. ^a p P>S
[... gente...]		a gente		[a gente]		a gente		a gente

LNP (Locução Nominal Plena) é a fase onde o substantivo *gente* funciona como qualquer outro, autonomamente, podendo aceitar constituir locução nominal à direita ou à esquerda. A fase seguinte é a Locução Nominal Especial, ou seja, nesta fase era muito freqüente aparecer o artigo *a* junto ao substantivo, sem que isso impossibilitasse a variação de número da locução nominal. É justamente esta capacidade que a locução perde na próxima etapa do processo de gramaticalização, tornando-se invariável (Locução Nominal Invariável). Perdendo a variação de número a forma se especializou passando a ser empregada como indeterminador do sujeito, transformando-se em pronome indefinido.

A última fase da gramaticalização é a forma *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa (P>S). Segundo MENON (1996) a forma *a gente* teria mantido o sentido

original do substantivo, que tinha um caráter coletivo. Mantido este sentido o falante pode incluir-se nele, semelhante ao que ocorre com o pronome *eu + tu* resultando em um *nós* inclusivo (BENVENISTE 1976) ou ainda individualizar-se, já que, como substantivo, a palavra *gente* varia em gênero e número. Dada a possibilidade de inclusão no coletivo, o pronome passou a exercer a função também de primeira pessoa, com maior uso no plural, mas também usada no singular, simultaneamente à função de indeterminador que, aos poucos, está deixando de exercer.

OMENA (1996: 188) analisou o uso de *a gente* e comprovou que no quadro dos pronomes pessoais há uma expressiva diferença entre a língua falada e o que as gramáticas de língua portuguesa registram. Sobre a forma *a gente* ela observa o seguinte:

Modificou-se, assim, a forma, quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista gramatical. Semanticamente acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminado, a referência a pessoa que fala, deitivamente determinada: gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema de pronomes.

Apesar de ser considerado pronome pelos lingüistas em muitas pesquisas, principalmente na área da Sociolingüística, as GTs não o apresentam como tal, quando o apresentam. Em CUNHA (1985: 295) o pronome *a gente* é citado como forma de tratamento de primeira pessoa, ressaltada ainda a informação de que é uma forma usada apenas na linguagem coloquial, substituindo o *nós* ou o *eu* e que o verbo a ela ligado deve ficar sempre na terceira pessoa. A partir da afirmação de MENON (1995), já citada, onde a autora faz referência ao pronome *você*, e do reconhecimento da forma *a gente* como pronome, observo que há de se considerar que existe uma forma verbal não marcada também para a primeira pessoa, além da segunda.

FARACO e MOURA (2000: 284), após a exposição do quadro dos pronomes pessoais canônicos e da explicação que esses se caracterizam por representarem as três pessoas do discurso, fazem referência ao *a gente*. O detalhe que chama a atenção é que isso se dá à parte, inclusive sob novo título: *a expressão a gente*. O pronome não é reconhecido como tal e sim como *expressão*, nomenclatura que, aliás, não figura nas GTs entre as classes gramaticais. Sobre o *a gente* os autores informam que na língua coloquial é usado com freqüência em substituição ao pronome pessoal *nós*, conforme CUNHA acima citado.

Resta saber o que falta, na opinião dos gramáticos, para o reconhecimento de *a gente* e *você/vocês* como pronomes pessoais. Ambas correspondem as primeiras e segundas pessoas respectivamente, conforme mostram os exemplos abaixo, retirados do *cópus* das revistas Pato Donald do ano de 1993:

- (08) A propósito, como Ø sabia o que *a gente* procurava? (Pato Donald n.º 2006, de 1993.)
- (09) E *você* vai poder mostrar *pra gente* como Ø costumava surfar! (Pato Donald n.º 2019, de 1993.)

Nos dois exemplos a primeira pessoa, quem fala, é, segundo BENVENISTE (1976), o *eu ampliado*, equivalente ao *nós*, nesses casos, o pronome *a gente*. A segunda pessoa, aquela com a qual se fala é o pronome *você*, no exemplo 08, não preenchido e na frase 09, expresso, ou preenchido.

Apesar de CUNHA (1984) e FARACO e MOURA (2000) não apresentarem o pronome *a gente*, e ainda observarem o seu uso restrito ao âmbito coloquial, isto coincide com o uso inicial do pronome, uso esse que tem se ampliado muito, passando atualmente a esferas menos coloquiais da fala e escrita. FREITAS (1991 a) em um estudo com as formas *nós* e *a gente* em elocuições formais constatou um uso maior do pronome *nós*, o que demonstra que de fato, em situações formais, o pronome *a gente* era evitado, mas atualmente atinge esferas menos coloquiais da fala e a escrita. Entende-se assim que o quadro dos pronomes pessoais do PB deveria trazer os pronomes que efetivamente estão em uso na língua:

<i>Pessoa</i>	<i>Pronome sujeito</i>
1ª. singular	Eu/ A gente
2ª. singular	Tu/ Você
3ª. singular	Ele/ela, se
1ª. plural	Nós/ a gente
2ª. plural	Vocês
3ª. plural	Eles/elas

Além das diferenças apresentadas pelo quadro dos pronomes pessoais que a GT apresenta e os em uso no PB há um outro ponto de divergência, desta feita na orientação de uso dos pronomes pessoais, exposta a seguir.

2.2. A ELIPSE DO PRONOME SUJEITO

Se a GT esclarece pouco sobre os pronomes sujeitos preenchidos, menos ainda o faz com relação aos não-preenchidos, este não-preenchimento é chamado de *elipse*. A elipse do sujeito pronominal refere-se àquele sujeito que não está expresso, mas que é facilmente recuperável devido ao contexto em que está inserido ou à flexão do verbo da oração, como nas frases abaixo:

- (10) Você tem que esquecer essas coisas, se Ø quiser emagrecer! (Pato Donald 1632, de 1983)

Você tem que esquecer essas coisas, se você quiser emagrecer!

- (11) Ø Vou precisar da ajuda de vocês mais do que eu pensava! (Pato Donald 1632, de 1983)

Eu vou precisar da ajuda de vocês mais do que eu pensava.

Na GT, o sujeito elíptico é denominado *sujeito oculto*, conforme CUNHA (1984: 140) define:

Sujeito oculto (determinado) é aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado pela desinência verbal ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo.

E em FERREIRA (1992: 208) temos:

O sujeito determinado oculto (ou elíptico), apesar de não estar escrito na oração, pode ser reconhecido pela terminação do verbo ou pelo contexto em que a oração aparece.

Nas definições de sujeito ELIA (1962: 184) cita que *o sujeito subentendido é o que foi pensado, mas não foi enunciado. Pode estar somente no espírito de quem se exprime (elíptico) ou ter sido enunciado em outra oração (zeugma)*.

A GT prega que o português é uma língua que não necessita da explicitação do sujeito pronominal, pois a morfologia verbal é suficiente para indicar a pessoa do sujeito. Segundo CUNHA (1984: 284):

Os pronomes sujeitos, *eu, tu, ele(a), nós, vós, eles (as)*, **são normalmente omitidos em português**,³ porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que refere o predicado, assim como o número gramatical (singular ou plural) desta pessoa.

Segundo CÂMARA JR. (1979: 95):

O pronome pessoal sujeito é, em princípio, **esporádico** em português, (...), **A pessoa do sujeito continua primariamente expressa na desinência verbal**.³

A GT não diz que a língua portuguesa não pode apresentar sujeitos pronominais preenchidos, mas deixa claro a sua inutilidade quando ressalta que a existência das desinências verbais bastam. As condições por ela especificadas não são desprezíveis, mas não justificam o emprego dos pronomes sujeitos em muitos outros contextos observáveis nas línguas faladas e escritos (fora dela, portanto). Ainda, só para citar, já que não será o foco desta pesquisa, segundo a gramática gerativa, o português é uma língua *pro-drop*, ou, de sujeito nulo (ausente), mas estudos gerativistas vêm mostrando que o PB está perdendo este parâmetro.

Segundo SILVA (1996), existem algumas línguas que permitem a elipse do pronome sujeito de uma sentença e outras onde essa possibilidade não existe. Como exemplo do primeiro caso temos o italiano, e do segundo, o francês.

As línguas românicas que possibilitam esse pronome sujeito não preenchido têm um paradigma capaz de identificar essa categoria vazia de forma a evitar a ambigüidade. O paradigma verbal do italiano possui seis flexões distintas:

Io *parlo*
 Tu *parli*
 Lui *parla*
 Noi *parliamo*
 Voi *parlate*
 Loro *parlano*

³ Grifos meus.

O PB, a partir da representação canônica das GTs, também apresenta seis flexões para o presente do indicativo:

Eu *falo*
 Tu *falas*
 Ele *fala*
 Nós *falamos*
 Vós *falais*
 Eles *falam*

O mesmo verbo e tempo acima, a partir do paradigma atualmente em uso no PB apresenta apenas quatro flexões:

Eu *falo*
 Você *fala*
 Ele *fala*
 A gente *fala*
 Nós *falamos*
 Vocês *falam*
 Eles *falam*

É possível observar que o PB está, a partir deste paradigma, muito próximo do francês, que apresenta três desinências para as seis pessoas:

Je *parle*
 Tu *parle (s)*
 Il *parle*
 Nous *parlons*
 Vous *parlez*
 Ils *parle (nt)*

As restrições quanto ao preenchimento do sujeito pronominal vêm desde o latim: MAURER (1959) ressalta que os pronomes pessoais eram empregados largamente no latim vulgar, mesmo não tendo nenhum valor enfático, situação bastante diferente do latim literário,

onde era utilizado somente para evitar ambigüidades. MENON (1996) também relata esta característica do latim literário escrito.

O amplo emprego dos pronomes pessoais pôde ser verificado também por MANSUR GUÉRIOS (1942) em seu estudo da língua caingangue. À página 139 de seu trabalho ele destaca o fato de os pronomes sujeitos raramente estarem ocultos, estando colocados, em geral, no começo das orações:

(12) **I xóg** wéi pâ tügn. (Eu sonho.)

(13) **I xóg** kinhú tké. (Eu beijo.)

(14) **Héntóg** nagu (n) bré ia-toiôn xor-m. (Nós com ele beijar querendo estamos.)

O autor mostra, inclusive, ser muito comum a repetição do pronome:

(15) **I xóg** xaxín hun pénô **xóg**. (Eu pássaros alguns matei eu.)

(16) **I xóg** nâriéh-kuiú kô **ixóg**. (Eu da laranja metade comi eu.)

e salienta que apenas o *imperativo* dispensa o pronome sujeito, semelhantemente ao PB.

Assim sendo, pesquisei alguns trabalhos de variação dedicados ao estudo da elipse do sujeito pronominal na linguagem falada e escrita do PB, objetivando apresentar os resultados alcançados no sentido de verificar de que maneira eles corroboram, ou não, as indicações de que o português é uma língua que prescinde do sujeito pronominal.

2.3. OS TRABALHOS DE VARIAÇÃO

O estudo apresentado aqui se inclui na categoria de análise em tempo real de curta duração, desta forma, os resultados do trabalho de DUARTE (1993) se mostram bastante interessantes. Em um corpus constituído de sete peças de teatro escritas entre os séculos XIX e XX a autora procura mostrar a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução dos paradigmas flexionais dos verbos, o que demonstra através de uma tabela, à página 109 de seu trabalho, reproduzida abaixo na Tabela 02:

Tabela 2 - Paradigmas flexionais apresentados por DUARTE (1993)

PESSOA	NÚMERO	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2	PARADIGMA 3
1. ^a (eu)	Sing.	Cant-o	Cant-o	Cant-o
2. ^a direta (tu)	Sing.	Cantas	-----	-----
2. ^a indir. (você)	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3. ^a (ele/ela)	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
1. ^a (nós)(a gente)	Plur.	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0
2. ^a direta (vós)	Plur.	Canta-is	-----	-----
2. ^a indir. (vocês)	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3. ^a (eles/elas)	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Esta tabela mostra a evolução do PB, de um sistema de seis formas distintas (Paradigma 1) para uma representação de apenas quatro formas (Paradigma 2), que segundo a autora é restrito à língua escrita e à fala das pessoas mais velhas. Este paradigma coexiste com o 3, que apresenta apenas três formas, deixando de apresentar o pronome *nós*, que a autora diz ter sido substituído totalmente pelo pronome *a gente* na fala dos mais jovens e, gradativamente, na fala das pessoas de maior idade. Particularmente não concordo com a exclusão do pronome *tu* a partir do segundo paradigma nem com a substituição total do *nós* pelo *a gente* no Paradigma 3. Levando em consideração que a autora identifica o Paradigma 2 como representante da língua escrita e o 3 como representante da língua falada e os dois em coexistência, deveria ser observado que esta é uma realidade para aquele corpus, haja vista que o pronome *tu* tem sua existência e produtividade comprovadas em trabalhos de variação linguística constituídos de corpus orais e escritos. No corpus das revistas Pato Donald, representação da língua escrita, tanto o pronome *nós* quanto o *a gente* coexistem, apesar da linha decrescente que o uso do *nós* esboça com o passar do tempo, o que pode ser visto mais adiante. Não há dúvida que o pronome *a gente* vem ocupando a posição de primeira pessoa do plural, mas o que se vê no momento é uma disputa pelo uso exclusivo nessa representação, não uma queda total, uma extinção do pronome *nós*.

A autora trabalhou com 1.100 dados e cruzou a variável dependente estabelecida com fatores morfossintáticos: o traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico designado (pessoa do discurso), o tempo e a forma verbal (simples ou composta), a presença de elementos antes do sujeito, ou entre ele e o verbo, o tipo sintático da oração, a existência de

correferência entre o sujeito da principal e o da subordinada e a função do referente do sujeito de 3.^a pessoa.

Seus resultados apontaram para uma nítida preferência pelo sujeito nulo⁴ nos três primeiros períodos analisados, 1845, 1882 e 1918. Ela mostra que a frequência do sujeito nulo, a partir de 1918 (69%), passou a ser menor do que a do sujeito pleno, chegando a 25% em 1992, o que coincide com a mudança do paradigma flexional. De onde se conclui que a redução de marcas do paradigma flexional originou ou obrigou a explicitação do sujeito pronominal. Para a autora o paradigma verbal do português está muito empobrecido⁵ e o resultado esperado é mesmo o surgimento do sujeito pronominal (conforme o Paradigma 3 da Tabela 02).

Examinando como se dá a representação do sujeito, considerando separadamente as pessoas do discurso, DUARTE pôde constatar que a segunda pessoa direta⁶ e a indireta apresentam um declínio de sujeitos nulos no período estudado. O pronome *você*, que se mantém até a última peça analisada, apresenta algo em torno de 82% de sujeitos nulos em 1845 e menos de 10% em 1992. A redução no sistema flexional não afetou somente a segunda pessoa, atingiu também a primeira, porém de forma menos abrupta. Considerando o singular e o plural juntos, a ocorrência de sujeitos nulos que era próxima dos 65% em 1845, caiu para aproximadamente 15% em 1992. Isoladamente a primeira pessoa do plural apresentou 100% de sujeitos nulos em 1845, 7% em 1975 e nenhuma ocorrência em 1992. O que se verificou na última peça analisada, a de 1992, foram dez ocorrências da primeira pessoa do plural: 3 com sujeitos pronominais canônicos expressos, usadas pelas personagens mais velhas e sete da expressão⁷ *a gente*, usada pelos mais jovens. A 3.^a pessoa não mostrou alterações significativas nos resultados, apresentando uma ligeira tendência de queda do sujeito nulo na segunda metade do século, mas mantendo-o ainda como a opção preferida para esta pessoa.

⁴ Faço uso aqui de termos gerativistas apenas para manter a terminologia da autora.

⁵ Mantenho aqui a mesma denominação usada pela autora, apesar de não concordar com a conotação negativa que a palavra *empobrecido* traz. Antes o sistema era *rico* e agora é *pobre*, com menos recursos? Do meu ponto de vista não houve uma perda, um *empobrecimento*, houve uma reorganização do sistema. Na medida em que o número de flexões foi reduzido, houve a necessidade do preenchimento do sujeito, o que é um acréscimo.

⁶ Denominação usada pela autora para referir-se ao pronome *tu*. Para o pronome *você* é usada a expressão “segunda pessoa indireta”.

⁷ A autora não se refere a *a gente* como pronome e sim como “a expressão...”

Assim, todos os fatores lingüísticos testados favorecem o uso do pronome pleno na primeira e segunda pessoa e os contextos de resistência correspondem basicamente:

a) a orações independentes com verbos simples no presente ou passado, quase sempre precedidos de uma negação;

b) às frases interrogativas.

Os resultados da pesquisa evidenciam o fato de que a redução no quadro das desinências verbais modificou as características do PB. A autora ressalta que o fato de seu córpis ser composto de textos escritos é bastante relevante, pois segundo ela *por mais que, em certos gêneros literários, o autor procure reproduzir a linguagem de seu tempo (...) a expressão escrita é mais conservadora* (pág. 122).

DUARTE (1993) encontrou 26% de ocorrências de sujeitos não preenchidos no córpis que analisou. Em 1995, num outro trabalho, encontrou 29% da mesma ocorrência, mais que a pesquisa anterior, mas ainda um percentual muito baixo para uma língua de *sujeito nulo*, muito diferente dos índices encontrados em línguas genuinamente *pro-drop*, como o espanhol e o italiano. A amostra dessa pesquisa foi composta de entrevistas com 13 informantes com formação superior, distribuídos em três faixas etárias: de 25 a 32 anos (faixa 3), de 45 a 53 (faixa 2) e de 59 a 74 anos (faixa 1). A autora trabalhou ainda com duas horas de gravação de entrevistas de rádio e duas horas de entrevistas veiculadas pela TV com o objetivo de comparar os resultados. No total o número de dados foi de 2.812 (1.756 provenientes das entrevistas do projeto NURC, 605 das entrevistas do rádio e 451 da TV). Os grupos de fatores condicionantes foram: pessoa gramatical e desinência verbal, estrutura da oração e seu estatuto sintático dentro do período, o traço do referente de terceira pessoa e o duplo sujeito.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que o PB está perdendo a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo por força da redução da flexão. Os contextos que revelam mais prontamente a mudança são a segunda pessoa, por onde se iniciou a redução do paradigma flexional, e a primeira, que depende mais fortemente da flexão. A terceira pessoa mostrou-se também mais resistente ao preenchimento do sujeito. Os fatores sociais revelam que os jovens e as mulheres estão liderando uma evolução gradual e constante na direção do preenchimento do sujeito pronominal e a entrada da construção com o deslocamento do sujeito (duplo sujeito) pode

ser traduzida como a negação do Princípio “Evite Pronome” e é uma prova do encaixamento da mudança no sistema.

DUARTE analisa a perda progressiva do sujeito nulo nas três pessoas gramaticais, principalmente entre falantes mais jovens, o que nos permite concluir que gradualmente os sujeitos plenos serão praticamente obrigatórios no PB, o que o transformaria em uma língua [-] pro-drop, como o inglês, por exemplo. Esclarece também que os sujeitos nulos ainda existentes são: *meros resíduos de um paradigma que acabou de perder sua riqueza funcional* (pág. 124).

MENON (1993: 191) constata também que o sujeito pronominal está sendo privilegiado. Este fato, segundo a autora;

... reforçaria a hipótese segundo a qual, no PB, existe um processo de mudança que vai no sentido da utilização, cada vez mais freqüente, do pronome sujeito. Assim, a presença de um sujeito expresso está sentida como quase obrigatória.

MONTEIRO (1994) trabalha com um corpus bastante grande, composto por 60 inquéritos do projeto NURC, sendo 45 do tipo DID, diálogo entre informante e documentador, e 15 do tipo EF, elocuções formais. O autor trabalhou com informantes das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife e pesquisou todos pronomes incluindo *você*, *a gente* e o *se* (pronome sujeito de caráter indefinido). Este trabalho apresenta uma análise bastante detalhada dos sujeitos pronominais plenos e questiona muitos resultados obtidos de análise de corpus bem menores que o seu. Em sua análise ele constatou que a presença dos pronomes sujeitos ocorreu em 60% dos enunciados. Para ele, a obrigatoriedade da presença do sujeito começou a acentuar-se a partir da criação do pronome *você*, pronome este que ele afirma que não apenas substitui totalmente o *vós*, mas ameaça a existência do *tu*. À página 161 de seu livro, lemos o seguinte:

A introdução e a ampla aceitação dos pronomes *você* e *a gente* que, embora levando o verbo para a 3.^a pessoa se reporta a outras pessoas do discurso⁸, ocasionou um desequilíbrio no sistema pronominal do português. As formas *tu* e *vós*, que eram dirigidas ao interlocutor perderam, aos poucos, sua razão de existir em virtude da

⁸ MENON (1995) não concorda com esta afirmação, conforme já citado anteriormente.

concorrência imposta pela disseminação de *você*. Fato análogo está ocorrendo com o pronome *nós*, sem que se possa, por enquanto, predizer o seu desaparecimento.

Este autor listou os pronomes pessoais que aparecem nas entrevistas que constituem o *cópus* de sua análise e também comprova que a lista que a GT traz está ultrapassada. Em sua verificação a forma *tu* teve um número muito reduzido de dados e foi retirada da amostra, o *vós* não aparece e ele afirma ser uma forma extinta, substituída por *vocês*. Das capitais analisadas verificou que Porto Alegre é a que mais utiliza o pronome *nós* e o pronome *a gente*, segundo sua pesquisa, é mais utilizado pelos cariocas. MONTEIRO conclui que, de um modo geral, nas cidades analisadas há uma preferência pelo preenchimento do sujeito pronominal: São Paulo apresentou peso relativo .52, Salvador .51, Recife .50, Rio de Janeiro .50. O peso relativo encontrado nos dados de Porto Alegre não favorece o preenchimento do sujeito pronominal, .47, sendo que o *input* foi de .62. Estes números mostram que o PB está deixando de ser uma língua que prescinde do sujeito pronominal.

O autor conclui que as mulheres empregam mais os pronomes pessoais do que os homens e aponta uma porcentagem muito maior de sujeitos explícitos de primeira pessoa do que supunha encontrar. Sobre isto faz o seguinte comentário:

Conforme se evidencia, o pronome *eu* é o que mais ocorre na amostra. Isto afina com a observação de muitos linguistas, pela qual os homens tendem a falar bem mais de si mesmos do que dos outros seres ou coisas que os circundam, fenômeno este que, já fizemos referência, Givon (1976) rotulou de *ego-antropocentrismo do discurso*. Todas as pesquisas que conhecemos confirmam essa preferência do *eu* sobre os demais pronomes (pág. 132).

Entre os resultados obtidos, o que mais o surpreendeu foi a constatação de que os pronomes *eu* e *nós* alcançaram taxas de preenchimento bem mais altas do que o pronome de terceira pessoa. O autor salienta que *nós* é sempre redundante, já que apresenta marca desinencial em todos os tempos. De comportamento semelhante é o pronome *eu*, que com frequência é acompanhado de formas verbais bem marcadas. De maneira oposta, os pronomes de terceira pessoa não apresentam nenhuma marca desinencial na maioria dos tempos. Isto deveria favorecer o preenchimento do sujeito, o que não foi constatado. Apresento abaixo, organizadas numa tabela, as probabilidades de ocorrência de sujeito pronominal explícito para cada pronome:

Tabela 3 – Tendências de uso dos pronomes em ordem decrescente, nos dados de MONTEIRO (1994: 135).

Se .88	Você .82	A gente .77	Vocês .64
Nós .52	Eu .50	Eles .35	Ele .31

Após analisar estes resultados o autor conclui que a terminação verbal tem menos influência do que a noção semântica de pessoa do discurso e afirma que a preferência pelo sujeito explícito varia de acordo com as pessoas gramaticais.

Se a presença de um pronome sujeito não é aleatória, pode ser explicada por inúmeros fatores. LIRA (1988) apresenta uma extensa lista de situações que estimulam a presença dos sujeitos. Entre elas estão: marcar o tópico do discurso, quando o referente do sujeito acabou de ser mencionado, quando o referente do sujeito é distinto daquele da oração anterior, quando a oração for adjetiva e o pronome relativo não exercer a função de sujeito, etc.

A autora, no estudo acima identificado, objetivou comparar a língua falada com a língua escrita em relação aos sujeitos pronominais preenchidos ou não, a partir de um corpus constituído, para a modalidade escrita, de cartas familiares de quatro pessoas do sexo feminino e, para a modalidade da língua falada, de entrevistas feitas pela própria autora com cinco pessoas do sexo feminino da classe média alta. Todas as informantes são naturais do Rio de Janeiro.

Sua hipótese inicial é confirmada pelos resultados: a língua escrita não favorece o preenchimento do sujeito pronominal. A porcentagem de preenchimento na língua falada é de 58%, na escrita, 22%. A autora obteve 1.515 dados a partir da análise das entrevistas e 400 ocorrências do corpus constituído pelas cartas pessoais. A seguir apresentam-se os resultados encontrados por grupos de fatores:

a) **Referência específica e generalizada:** o sujeito pronominal de maior frequência é o de segunda pessoa nas duas modalidades. A primeira pessoa apresentou comportamento inverso: na escrita o predomínio é de não preenchimento, apenas 15% deles estão explícitos, na língua falada o índice de preenchimento chega a 65%. LIRA justifica este alto índice de primeira pessoa

preenchida na língua falada mencionando o ego-antropocentrismo do discurso, já comentado acima, nos resultados de MONTEIRO.

b) **Tipo de oração:** as orações selecionadas foram: independentes, principais, subordinadas e as coordenadas. Destas as que trouxeram resultados mais significativos foram: a oração coordenada em segunda posição, que se mostrou inibidora do preenchimento, e as relativas, que apresentaram preenchimento de 91%, quase categórico.

c) **Informação nova e não nova:** a informação nova parece inibir o preenchimento, mas a autora conclui serem necessárias análises mais exaustivas deste grupo de fatores.

d) **Referencial igual ou diferente:** a autora concluiu, a partir da análise deste grupo de fatores, que se o referente for o mesmo, há a tendência ao não preenchimento, sendo diferente, a probabilidade de preenchimento é maior.

PAREDES DA SILVA (1991) optou por constituir um *cópus* a partir de dados da língua escrita, 70 cartas pessoais de jovens (17 a 24 anos) e adultos (26 a 38 anos) de ambos os sexos, entre 1979 e 1984, totalizando 2.787 dados, de onde também constatou que as pessoas gramaticais têm fatores condicionantes diferentes entre si. Esta pesquisadora chegou a conclusões diferentes das de MONTEIRO. No *cópus* analisado por PAREDES DA SILVA houve 77% de ausência do sujeito pronominal na primeira pessoa, 30% para a segunda e 50% na terceira. A pesquisa de MONTEIRO resultou em números opostos. Muito mais ausência na terceira do que na primeira. Os resultados são distintos, devido a este ter sido constituído com dados da língua oral e aquele se utilizado de dados da língua escrita. DUARTE, acima citada, já mencionou a relativa distância entre ambas, afirmando que a expressão escrita é mais conservadora.

PAREDES DA SILVA (1991: 85) postulou como possíveis condicionadores da ausência do sujeito os fatores lingüísticos *ambigüidade, ênfase, conexão do discurso, tipo de oração, posição das orações, distância do referente, paralelismo e caráter animado do referente* e dois extralingüísticos, *idade e sexo*. Os que se mostraram mais relevantes foram os lingüísticos:

a) **Ênfase e ambigüidade:** mostraram-se altamente favorecedoras do preenchimento pronominal, conforme dizem as GTs.

- b) **Conexão discursiva:** este grupo de fatores mostrou que existe um favorecimento a omissão do sujeito pronominal à medida que se estreita a conexão discursiva entre um referente na função de sujeito e sua menção prévia.
- c) **Tipo de oração:** este grupo mostrou-se pouco significativo, apresentando resultados consideráveis somente com relação à primeira pessoa, onde a posição inicial favorece a omissão do pronome sujeito.
- d) **Distância do referente:** a primeira pessoa mostrou que a menção inicial é a que mais apresenta ausência do pronome, por outro lado na terceira pessoa, quanto mais distante a menção do referente, menor a probabilidade de vê-lo omitido.
- e) **Paralelismo:** confirmou as expectativas na primeira e na terceira pessoa, “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”.
- f) **Caráter animado do referente:** pertinente apenas à terceira pessoa, exerce forte condicionamento com os referentes inanimados, levando-os preferencialmente à omissão do sujeito pronominal.

Segundo a autora o fato de os grupos de fatores extralingüísticos, ou sociais, não terem sido selecionados como relevantes não surpreende. À página 85 ela observa:

Os trabalhos variacionistas sobre o mesmo fenômeno também encontraram pouca ou nenhuma influência de fatores sociais. Ademais não se trata de um fenômeno sujeito à estigmatização social...

A pesquisadora salienta ainda que muitos dos estudos que classificam o PB como língua de sujeito nulo o fazem *a partir do ponto de vista morfológico, em termos dos paradigmas de flexão do verbo, ou do ponto de vista sintático, em que no máximo são observadas relações de correferência em orações vizinhas*. Neste sentido a autora assegura que se faz necessário incorporar à análise informações provenientes do discurso, da situação que se realiza o ato comunicativo, situações de natureza pragmática. Segundo ela as pessoas gramaticais têm comportamento diferenciado em relação ao preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal, e finaliza:

Deixando de lado as especulações, o que se pôde de fato constatar é que sem uma investigação cuidadosa dos enunciados produzidos pelos falantes, levando em conta aspectos do gênero discursivo envolvido e da participação (ou não) dos interlocutores, em outras palavras, sem um estudo da língua que leve em conta as classificações discursivo-pragmáticas, é impossível atribuir classificações e mesmo delinear tendências para a gramática do português com relação a não obrigatoriedade do sujeito (pág. 93).

FREITAS (1991a) utiliza *cópus* das mesmas capitais que usou Monteiro. A autora analisa especificamente os pronomes *nós* e *a gente*. Seu *cópus* foi constituído a partir de quatro inquéritos do Projeto NURC, do tipo EF (elocução formal) na modalidade aula. Seu objetivo foi examinar qual das formas o informante do projeto utiliza quando em situação formal. A amostra totalizou 134 dados, sendo 77,6% (104) do pronome *nós* e 22,4% (30) do pronome *a gente*, ou seja, o *a gente* tende a aparecer menos em contextos mais formais.

A autora compara este estudo com um anterior, onde foram examinados três diálogos entre dois informantes (D2) e comenta os resultados a partir desta comparação:

(...) observada no conjunto de textos mais formais (EF aula) e menos formais (D2), a opção de uso pelas formas *nós* ou *a gente* parece ser ditada preferencialmente pelo tipo de texto...(pág.101)

Em outro trabalho (1991b) a autora analisa os pronomes *tu/você* e *nós/a gente* fazendo um confronto com o elenco das formas pronominais pessoais encontradas nos livros didáticos para a segunda fase do ensino fundamental – 5.^a a 8.^a séries. Esse *cópus* foi constituído a partir de cinco inquéritos do NURC do tipo diálogo entre dois informantes (D2). O número total de ocorrências de segunda pessoa foi 670 (71 do pronome *tu* e 599 de *você*). Dos 71 dados do *tu*, 49% são explícitas e 51 implícitas. Das 599 ocorrências do pronome *você*, 76% são preenchidas e 24% não.

O que chama a atenção nesses dados é o fato de que as ocorrências consideradas elipses do pronome *tu*, de informantes das cidades do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, são todas compreensíveis dos verbos *olhar* e *escutar* no imperativo, ou seja, em todos os casos como:

(17) **Escuta**, em Paris a... (pág. 135)

(18) **Olha**, o Brasil havia erradicado ... (pág. 135)

esses verbos foram considerados com sujeito elíptico de segunda pessoa canônica. Do meu ponto de vista há alguns fatores que deveriam ter sido observados nestes casos. O primeiro deles é o comportamento diferenciado que os verbos no imperativo apresentam, pois raramente estão acompanhados do sujeito pronominal explícito. A autora justifica esta metodologia à página 135 da seguinte forma:

Apesar de não se ter registrado *tu* explicitamente junto a formas do tipo *escuta*, *olha* nos citados inquéritos, essa forma pronominal foi considerada implícita conforme determina a tradição gramatical.

Se a autora decidiu seguir a GT não deveria estar analisando o pronome *você*, já que a *tradição gramatical* não o reconhece como tal.

Faltou considerar que a estrutura da GT é o período e a última classe de palavras de que ela dá conta é a conjunção, que liga períodos. Há uma série de elementos nas línguas que não estão contemplados nas GTs. O *olha* é um destes elementos. Na frase acima notadamente não é verbo, pode ser substituído por *veja*;

(19) **Veja**, o Brasil havia erradicado...

e a idéia continua não sendo a de visualizar, enxergar ou ver algo. Não há nada para ser visto. Esse *olha* (e também o *veja*) é um marcador discursivo (ou marcador conversacional), típico da oralidade, como o *né* em frases como:

(20) Tudo certo, né?

Qual é a função do *né*?

Num outro exemplo citado pela autora o *olha* também está funcionando como marcador discursivo, não como verbo:

(21) Olha, eu vou te dar um aumento... mas eu preciso que você chegue às oito e meia...

Considerar essa expressão, nos contextos citados, como imperativo do verbo *olhar* com pronome *tu* implícito acabou desviando os resultados, que findaram apontando o uso do pronome *tu* em quase todas as cidades incluídas no projeto NURC. A frase 21 mostra claramente que o pronome de segunda pessoa utilizado pelo informante é o *você*. O enunciado acima proporcionou duas ocorrências: uma de *tu* implícito e outra de *você*, explícito, segundo a metodologia da autora.

O marcador discursivo *olha* tem se mostrado muito produtivo na língua, em situações de fala são bastante comuns frases do tipo:

(22) Olha lá, hein! Não vá chegar atrasado...

(23) Olha o que você vai dizer!

(24) Olha, olha!

O mesmo acontece com a forma *escuta*, que em muitos contextos é apenas um chamativo, uma representação usada para chamar a atenção do ouvinte, não necessariamente uma ordem para que ele ouça. As teorias sintáticas não dão conta de muitas ocorrências, pois a GT não vai além do período, não aborda o discurso todo, não contemplando esses marcadores.

A pesquisadora cita que um dos entrevistados usou a forma *olha* quatro vezes ao se dirigir ao entrevistador, outro indício de que ela está sendo usada como um marcador discursivo, não como o verbo *olhar* no *imperativo*. O exemplo abaixo é do corpus das revistas Pato Donald, meu objeto de estudo, saliento que esse é o único de toda a amostra, constituída de mais de 400 páginas de ocorrências:

(25) Olha, gastei todo o dinheiro na feira. Aceita esta maçã? (Pato Donald 1644, de 1983)

Esse enunciado foi emitido por uma senhora ao rapaz que a ajudara carregar suas sacolas de compras da feira. Ela não está usando a segunda pessoa canônica implícita, nem o verbo no *imperativo*. Não há nada para ser olhado, talvez haja para ser escutado. A troca de *olha* por *escuta* resultaria em:

(26) Escuta, gastei todo o dinheiro na feira. Aceita esta maçã?

É mais fácil aceitar, nesta frase, *escuta* como verbo no *imperativo*, que também não é o caso, do que *olha*, que está funcionando apenas como marcador discursivo.

O que parece é que se faz necessária uma análise mais cuidadosa da função da palavra no contexto. MONTEIRO (1994: 126) explica em sua metodologia que não considerou como verbos as palavras *sabia* e *olha* em contextos em que elas funcionavam como marcadores, ou seja, ele analisou mais profundamente, não ficou na superfície do enunciado, não considerou a palavra isoladamente. O autor ainda salienta que, para sua análise, levou em conta todos os predicados, excetuando os verbos no modo *imperativo* e os elementos fáticos como *entendeu*, *digamos*, *viu*, *etc.* (pág. 133)

Seguindo o mesmo raciocínio, MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), num estudo sobre a variação *tu/você* no Sul do Brasil consideraram como marcadores discursivos as formas: *olha*, *veja*, *sabe*, *entendeu*, *entendeste*, *entendesse*, *viu*, *viste*, *imagine/a* em contextos como:

(27) Olha, João, eu vô te dizê uma coisa... (pág. 170)

(28) Olha, Cláudio, quem sabe tu aceita, né? (pág. 170)

Segundo as autoras eles são marcadores discursivos, uma vez que aparecem sempre sem pronome, têm posição fixa na frase e não apresentam mais o conteúdo semântico do verbo de origem. As pesquisadoras salientam ainda que eles *servem para balizar o discurso ou retomar uma idéia ou manter o diálogo enquanto o falante busca uma idéia, constrói uma argumentação ou busca a cumplicidade do interlocutor* (pág. 170, em nota).

Por considerar como *imperativos* os marcadores discursivos e ainda por tê-los considerado como tendo sujeito elíptico *tu*, FREITAS (1991b) acabou tendo resultados sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa, *tu/você*, desviados.

Para a primeira pessoa *nós/a gente* a pesquisadora obteve 438 ocorrências: 246/*nós* (56%) e 192/*a gente* (44%). Os informantes de Recife apresentaram o mesmo número de ocorrências para ambos os pronomes. Em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo foi observado um uso maior do *nós*. Em contrapartida os informantes de Porto Alegre usaram o pronome *a gente* mais do que a primeira pessoa canônica (plural).

A autora faz ainda uma análise de cinco livros didáticos, sem nominá-los ou identificá-los nas referências bibliográficas, e constata que em quatro deles os pronomes *você* e *a gente* não são mencionados como tal. O único que o faz, e o único que ela identifica, é SOARES (1982).

OMENA (1996: 191) apresenta números que apontam o pronome *a gente* como preferido na posição de sujeito, em detrimento de *nós*. A autora procura explicar esta preferência analisando os *condicionadores lingüísticos estruturais e a atuação das características sociais do falante sobre este uso* (pág.193). Segundo ela há uma mudança lingüística em processo de desenvolvimento iniciada a partir do acréscimo da forma *a gente* no sistema. A pesquisa da autora pode ser de grande valia para um comparativo entre os resultados por ela encontrados e os desta pesquisa, visto que no corpus por ela analisado a porcentagem de uso de *a gente* é de 69%, contra 31% de uso de *nós*, na posição de sujeito. A variável *sexo* tem bastante relevância, tendo a autora constatado que a faixa etária de 7 a 14 anos apresenta uma tendência maior ao uso do pronome *a gente* de .23 (sexo masculino) e .30 (sexo feminino) sendo que o uso vai aumentando conforme aumenta a idade do informante. Nas três primeiras (7 a 14, 15 a 25 e 26 a 49) os falantes do sexo feminino apresentam maior tendência ao uso do pronome *nós*. Somente na última faixa, falantes entre 50 e 71 anos, há a inversão, o sexo masculino apresenta .81 para o uso de *nós* e o feminino, .74.

O fator escolaridade mostrou que os falantes com nível ginásial usam mais o sujeito pronominal *nós*, o que diminui consideravelmente com os de nível de 2.º grau. A autora aponta também que os falantes de 7 a 14 anos, com nível de escolaridade primário, apresentam peso relativo .06 para o uso de *nós*. O que significa que usam muito mais a forma *a gente* e os adultos ainda em contato com a escola, cursando o 2.º grau, usam muito pouco o pronome sujeito *nós* (peso relativo .08). Segundo ela, possivelmente o maior uso da forma *a gente* se dê pelo fato de essa forma ser sentida quase como gíria.

A partir dos dados de OMENA passei a observar mais atentamente, no dia-a-dia da sala de aula, a fala dos alunos e realmente o pronome *a gente* é mais utilizado, até para facilitar uma maior aproximação entre eles. O aluno que tenta falar “de maneira mais culta”, usando o *nós* principalmente se combinado com, por exemplo, o *pretérito imperfeito do*

indicativo, o *imperfeito do subjuntivo*, ou o *futuro do pretérito* que resultam em vocábulos proparoxítonos, é estigmatizado, taxado de “caxias” e de “chato”.

OMENA mostrou que a variável renda é relevante, os falantes de maior posse, os falantes que assistem à tv e/ou lêem jornais usam mais a forma *nós*, sendo a forma *a gente* mais utilizada pelos falantes de classe baixa.

2.4. HIPÓTESES

Após observação de todos os resultados aqui expostos podemos constatar que de fato está ocorrendo um processo de mudança no uso dos pronomes pessoais sujeitos, tanto na língua falada como na escrita. Esta evolução reside no fato de estar havendo um maior preenchimento deste tipo de sujeito, ressaltando-se o fato de que na língua falada se preenche bem mais esta categoria do que na escrita. Baseando-se nestas considerações, foram postuladas as seguintes hipóteses:

- a. o índice de preenchimento, de 1950/52 a 2004, apresentará um aumento sutil devido ao corpus ser constituído de língua escrita, que é mais conservadora; se comparada à oral;
- b. as desinências verbais apresentam fator inibidor para o preenchimento do sujeito pronominal e as pessoas verbais têm comportamentos diferentes entre si, ou seja, o preenchimento não se dá da mesma maneira na primeira e na segunda pessoa;
- c. os pronomes *nós* e *a gente* apresentam comportamentos bastante distintos, este em uso crescente, aquele em decréscimo;
- d. *sexo* e *idade* não condicionam a aplicação da regra;
- e. as frases negativas e as interrogativas propiciam o não-preenchimento do sujeito pronominal;

- f. o pronome *a gente* está perdendo a referência indeterminada e assumindo a primeira pessoa do plural;
- g. o pronome *nós* está em processo de declínio, perdendo a sua exclusividade como primeira pessoa do plural e assumindo referência indeterminada.

CAPÍTULO 3

CÓRPUS, METODOLOGIA E UM ENSAIO

Questão de pontuação

*Todo mundo aceita que ao homem
cabe pontuar a própria vida:
que viva em ponto-de-exclamação
(dizem: tem alma dionisíaca);*

*viva em ponto de interrogação
(foi filosofia, ora é poesia);
viva equilibrando-se entre vírgulas
e sem pontuação (na política):*

*o homem só não aceita do homem
que use a só pontuação fatal:
que use, na frase que ele vive
o inevitável ponto-final.*

João Cabral de Melo Neto

3. CÓRPUS, METODOLOGIA E UM ENSAIO

Apresento aqui o córpus que constitui o conjunto de dados desta pesquisa, as revistas Pato Donald, assim como a metodologia utilizada para a análise e os procedimentos tomados no decorrer da coleta de dados.

Atendendo ao objetivo inicial tido como ponto de partida de todo o trabalho, o último item desse capítulo traz os resultados de um ensaio comparativo entre uma revista “genuinamente brasileira”, a Mônica, e outra traduzida, a Pato Donald.

O córpus que constitui as duas amostras para a comparação conta com 6.722 dados que foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, *desenvolvido com o objetivo de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da teoria da variação lingüística laboviana*, SCHERRE (1993). O VARBRUL é composto de dez programas, apresentando resultados percentuais e pesos relativos, que apontam se os grupos de fatores selecionados pelo pesquisador são estatisticamente relevantes ou não. Para chegar à análise da regra variável desta pesquisa foram utilizados os seguintes programas: Checktok, Readtok, Makecell, Ivarb e Crosstab.

3.1. O CÓRPUS

A revista Pato Donald foi escolhida por ser um veículo de comunicação que atinge boa parte da população, tanto crianças como jovens e adultos e por possibilitar um bom recuo no tempo para uma análise em tempo real. O Pato Donald foi criado em 1933 por Carl Barks, um dos maiores colaboradores de Disney. No Brasil, em 1937, a editora Abril o lançava em seu *Suplemento Juvenil* com o nome *Sinfonia Singular* (CAVALCANTI 1949), alcunha motivada possivelmente pelo seu constante mau humor. Sua primeira revista individual foi editada no Brasil em 1950. Esse meio século de produção, a partir da revista individual, portanto, nos permite fazer um estudo em tempo real de curta duração – de 1950 a 2003/2004 (doravante 2003/04). Tendo em vista que a pesquisa teve início em 2003, decidiu-se por selecionar as revistas editadas nos anos de final três para comporem a amostra: 2003, 1993, 1983, 1973, 1963

e as 21 primeiras edições de 1950 a 1952 (doravante referidas como 1950/52). Como não há nenhuma edição das revistas do ano de 1953 disponível para consulta nos locais por mim visitados, optei pela inclusão das primeiras edições. O acesso a estes números iniciais foi possível porque eles foram republicados em edição especial na década de 70. Decidiu-se ainda dividir a amostra do ano de 2003 em duas partes, uma composta por revistas de 2003 e a outra por edições do presente ano, para chegarmos até as ocorrências mais recentes possíveis, no caso, outubro de 2004. Houve ainda muita dificuldade em completar pelo menos vinte edições do ano de 1983, desta forma essa amostra foi completada com uma edição do mês de março de 1984.

As edições consultadas, num total de 138 revistas, foram obtidas junto à Gibiteca (detentora de um acervo superior a 40.000 revistas em quadrinhos), à Diretoria de Patrimônio da Fundação Cultural de Curitiba e à Biblioteca Pública do Paraná. Muitos dos exemplares consultados foram adquiridos em sebos da capital paranaense.

Cabe destacar aqui que as HQ não são a representação da linguagem oral, pois passam pelo crivo da escrita. Segundo MENON (2003: 97) as HQ são produções ambivalentes *já que, na condição de texto impresso passam por um processo de revisão editorial*. Marcas da língua escrita, ou seja, uma preocupação maior com o vocabulário e com as normas da GT pode ser observada com facilidade em todas as décadas analisadas. Na revista número 1, por exemplo, é possível ler as seguintes mesóclises:

(29) Com isto fá-la-emos em pedaços! (Hzi⁹ entre eles.)



⁹ Huguinho, Zezinho e Luizinho, sobrinhos do Pato Donald, crianças.

(30) Eu procurá-lo-ia por ali, irmão... (Hzi)



O uso das mesóclises não é comum na linguagem oral, atualmente pouco se vê delas mesmo em textos escritos, muito menos na linguagem das crianças¹⁰, mesmo nos anos 50. Elas ainda ocorrem nas revistas do ano 1963, em número mais reduzido, por exemplo, no quadrinho abaixo, da revista n.º 582, Donald fala com os sobrinhos usando, além da mesóclise, o *futuro do presente*, tempo verbal que se mostrou em uso decrescente neste corpus e em estudos do PB atual, conforme, por exemplo, GIBBON (2000) e SILVA (2003a).

(31) Levá-los-ei lá, mas eu permanecerei aqui na barraca!



¹⁰ Considero, para efeitos desta pesquisa, as personagens humanizadas como seres humanos de fato. Em Patópolis, a cidade dos patos, há animais humanizados: família pato, Mickey, Minnie, Pateta, etc. estes moram em casas, dirigem carros, empresas, namoram, casam, brincam, têm emoções, enfim, características tipicamente humanas e há ainda animais propriamente ditos, como o Pluto (o cachorro do Mickey) e o gato do Peninha que não falam, não agem como seres humanos, estes foram considerados de forma diferenciada.

Há ainda frases com construções bastante distintas das habitualmente usadas na linguagem falada, ou seja, mais características da linguagem escrita, geralmente mais acurada, o que corrobora com DUARTE (1993) ao afirmar que, por mais que o autor tente simular a fala, em textos escritos a linguagem é mais conservadora.

- (32) Terá pegado fogo a casa? (Pato Donald n.º 2, de 1950)



Ou ainda a sequência de fala do Tio Patinhas com um senhor desconhecido, ao telefone, na revista n.º 606, de 1963:

- (33) Sim, claro que pagarei bem pelas peças que faltam, mas duvido que o senhor as tenha achado, peritos têm realizado escavações em vão há anos!
- (34) Em todo o caso, traga as peças, Sr. Pedreira! Veremos se elas se ajustam à estátua!



Segundo MARCUSCHI (2003), há gêneros textuais muito próximos da oralidade devido ao tipo de linguagem que apresentam e pela natureza da relação entre os indivíduos, havendo, em certos casos, uma proximidade tão grande entre eles que parece haver uma mescla. O autor salienta ainda que é impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas lingüísticos diferentes, já que ambos fazem parte do mesmo sistema de língua. À página 38 o autor explica que:

ambas são, portanto, realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Além disso, os textos orais têm uma realização multissistêmica (palavras, gestos, mímicas, etc.) e os textos escritos também não se circunscrevem apenas ao alfabeto (envolvem fotos, ideogramas, por exemplo, os ícones do computador, e grafismos de todo tipo).

À página 41 o autor apresenta um gráfico com o *contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita*. Esse gráfico apresenta desde a conversa espontânea, como prototípico da fala, ao artigo científico, prototípico da escrita. Entre os textos escritos o autor coloca as cartas pessoais, os bilhetes, as notícias de jornal, textos publicitários, narrativas, telegramas, etc. A representação em gráfico objetiva mostrar que fala e escrita, muitas vezes, se fundem, havendo gêneros textuais mistos, que seriam, por exemplo, os noticiários de TV ou de rádio, que são apresentados oralmente, mas partem de um texto escrito bem como as entrevistas das páginas amarelas da revista *Veja*, que partem do oral para serem apresentadas por escrito. Segundo Marcuschi podemos comparar a carta pessoal, cujo estilo é bem descontraído e pertence ao gênero escrito, com uma fala espontânea e não percebermos diferenças consideráveis. Diferenças marcantes seriam encontradas, por exemplo, entre uma narrativa oral e um texto acadêmico escrito. Uma conferência universitária, preparada com cuidado, mas ainda assim apresentada oralmente, terá maior semelhança com textos escritos do que com uma conversação espontânea, também representação da oralidade.

Segundo o pesquisador *a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observemos e a oralidade é uma prática social com fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas, mas sempre fundadas na realidade sonora.*¹¹

¹¹ Grifos meus.

As HQ objeto dessa pesquisa são narrativas com uma temática mais inocente, e apresentam os dois focos narrativos, ou seja, às vezes o narrador é apenas um observador, em outras uma personagem, estes narradores, inclusive, podem ser oniscientes ou não. Além disso, as HQ analisadas apresentam estruturas gramaticais da escrita padrão, embora objetivem simular a fala.

Segundo CIRNE (1977), as HQ nasceram no final do século XIX, simultaneamente na França e nos Estados Unidos e por muito tempo foram consideradas uma sublitteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes, sendo inclusive apontadas por sociólogos como uma das principais causas da delinquência juvenil. No entanto, aos poucos, foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos.

No Brasil e no exterior existem códigos morais que regem as editoras especializadas neste tipo de publicação. O código brasileiro destaca: *as histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais, - é necessário o maior cuidado para evitar que as histórias em quadrinhos, descumprindo sua missão, influenciem perniciosamente a juventude ou dêem motivo a exageros da imaginação na infância e juventude* CIRNE (1977: 11).

Nesta mesma obra, CIRNE afirma que:

(...) além da importância ideológica e social, os quadrinhos registram uma problematidade expressional de profundo significado estético, tornando-se a literatura por excelência do século XX. Ou um novo tipo de literatura (popular), a literatura gráfico-visual, que substituiu a outra, já gasta e corrompida pelo uso, e que teve em James Joyce e Oswald de Andrade (no caso brasileiro) os últimos expoentes (pág. 23).

As afirmações acima parecem um pouco exageradas, não quando citam as HQ como um novo tipo de literatura, mas na afirmação de que elas substituem a literatura propriamente dita. Também não concordo que Oswald de Andrade seja o último expoente da literatura brasileira, onde ficam autores como Érico Veríssimo e Jorge Amado, por exemplo?

As histórias em quadrinhos têm um público leitor de várias camadas sociais e idades, inclusive crianças em fase de aquisição da língua. A tiragem aproximada das revistas Walt Disney (Pato Donald, Zé Carioca, Tio Patinhas e Mickey) no Brasil chega atualmente à marca de 1.300.000 exemplares por mês.

SILVA (1982) constituiu o corpus de sua pesquisa a partir das histórias em quadrinhos e ressalta que sua amostra é representação do PB por ser composta apenas de revistas brasileiras, produzidas totalmente aqui. Entre as que foram analisadas, que não incluíam o Pato Donald, a autora incluiu a revista Mônica. Pensando em argumentações no sentido de que a revista Pato Donald não é genuinamente brasileira, esta pesquisa parte de um ensaio comparativo entre a revista da Mônica e a do Pato Donald, com o objetivo de verificar se o fato de as revistas do Walt Disney serem traduzidas interfere no objeto de estudo desta pesquisa: preenchimento/não preenchimento do pronome sujeito. Portanto, além das publicações já citadas, foram analisadas onze edições da revista da Mônica, do Maurício de Souza.

Para esta comparação decidiu-se pelo maior recuo possível da revista Mônica, editada a partir de 1970, em edições mensais. Como o corpus desta pesquisa foi composto pelas revistas Pato Donald dos anos de final três, a comparação se deu com as edições do ano de 1973, das duas revistas. A amostra da revista da Mônica, além das edições de final três, num total de oito, foi completada com duas edições do ano de 1971 e pela primeira edição de 1974, devido aos problemas de localizar as revistas faltantes do ano de 1973. Essa revista era de publicação mensal enquanto o Pato Donald, quinzenal.

Nesta época, ambas as publicações eram editadas pela editora Abril, que sempre foi extremamente cuidadosa, apesar de alguns poucos erros de ortografia, especialmente no que diz respeito à revisão de seus textos (traduzidos ou não). É possível encontrar exemplos deste rigor em ambas as publicações.

O quadro abaixo mostra o número total de revistas consultadas, por ano selecionado, incluindo as da Mônica, do ensaio inicial.

Quadro 1 – Número de revistas por ano de publicação que constituem o corpus.¹²

Ano de publicação	Periodicidade	N.º de exemplares
Década de 50	mensal	21
1963	semanal	23
1973	quinzenal	21
1983	quinzenal	20
1993	quinzenal	22
2003/04	quinzenal	20
Mônica 1973	mensal	11

Procurou-se equiparar o número de revistas consultadas por ano selecionado. A revista Mônica apresenta um número reduzido de exemplares, pois sua publicação era mensal, com edições de 66 páginas. As revistas Pato Donald começaram com periodicidade mensal, no ano de 63 foram editadas semanalmente e a partir de 73 passaram a ser quinzenais, com edições de 33 a 35 páginas, periodicidade mantida até os dias atuais.

3.2. METODOLOGIA

Acerca do aspecto desta pesquisa faz-se necessário esclarecer que o próprio LABOV (1994) diz que o estudo das variações lingüísticas em processo pode levar a conclusões errôneas a partir de uma análise em tempo aparente. Para o autor este tipo de análise pode, em alguns casos, não ser suficiente para conclusões definitivas. As observações em tempo aparente podem deixar um problema de interpretação dos resultados: há mudança em processo ou não? A resposta para esta pergunta seria encontrada após uma análise em tempo real.

LABOV (1994) sugere dois caminhos para esta análise. O mais simples e mais eficiente é pesquisar a literatura da comunidade em questão, procurar textos que no passado

¹² A lista de todas as revistas analisadas, por ano de publicação, encontra-se no anexo 1.

registrem as variantes em estudo e compará-las com usos mais recentes. O autor sugere que pode ser usado “*qualquer texto escrito que represente a língua falada em um certo período de tempo*” (pág. 735).

O outro caminho, mais difícil e elaborado, consiste em uma primeira pesquisa de campo e o retorno à mesma comunidade depois de um período de aproximadamente vinte anos para repetir os mesmos estudos, realizando novas gravações com os mesmos informantes do primeiro momento. O problema que este caminho reserva é a dificuldade de encontrar os mesmos informantes depois deste tempo de espera.

Nesta pesquisa optou-se, na constituição do *cópus*, pelo primeiro caminho. Iniciou-se então uma busca pelas revistas cujos anos foram previamente selecionados. A partir daí passou-se à leitura detalhada de todos os contextos, de todas as histórias e à digitação das ocorrências correspondentes ao objeto de estudo. Cada ano de publicação selecionado gerou um arquivo de aproximadamente 60 páginas de ocorrências, o que originou um conjunto superior a 400 páginas para análise. Após esta fase iniciou-se a codificação de cada ocorrência. Os dados foram codificados com três grupos de fatores lingüísticos e três sociais. Os lingüísticos foram: *a pessoa gramatical, tempo e modo verbal e tipos de frases*. Os extralingüísticos ou sociais: *sexo, classificação etária e ano de publicação*. Cada ano selecionado e codificado deu origem a um outro arquivo. Posteriormente todos estes arquivos foram unidos e originaram o arquivo de dados para a análise no VARBRUL.

3.2.1. Os grupos de fatores

Os grupos de fatores arrolados para esta pesquisa foram: *pessoa verbal, tempo e modo verbal, tipos de frases, sexo, classificação etária e ano de publicação*.

O fator *pessoa verbal* é relevante para esta pesquisa, pois permite visualizar como se processa o preenchimento em cada uma das pessoas. O *tempo verbal* permite verificar se as desinências de número e pessoa condicionam ou não o preenchimento/não-preenchimento dos sujeitos.

A maioria dos trabalhos variacionistas sobre preenchimento do sujeito, por exemplo, LIRA (1988), PAREDES DA SILVA (1991), BOTASSINI (1998), entre outros, tem como grupo de fatores selecionado o “tipo de oração”. Nessa pesquisa este grupo não se mostrou muito produtivo devido ao tipo de texto analisado. Como o corpus é constituído pelas HQ Pato Donald e estas são direcionadas a um público infanto-juvenil, sendo constituídas somente de diálogos entre as personagens, diálogos estes inseridos em balões, o que constitui um espaço exíguo, as frases são simples. Analisando os tipos de orações, ficaríamos com um problema, pois a grande maioria das orações é absoluta. As subordinadas e mesmo as coordenadas não ocorrem muito neste tipo de produção.

Além disso, as HQ analisadas têm uma característica interessante: todas as frases, a partir de meados de 1963, são finalizadas com ponto de exclamação, de interrogação ou de reticências. O ponto final não existe. Ele ocorreu muito esporadicamente somente em algumas histórias das edições analisadas dos anos 1950/52 e início de 1963. Portanto, frases como as duas abaixo, da revista Pato Donald 620, de 1963, somam um número bastante pequeno de ocorrências.

(35) Vou estender o lenço.

(36) Estou com tanta fome que seria capaz de comer até a cesta.



Este critério, segundo informações da editora Abril, é devido a uma convenção universal no ocidente que orienta no sentido de que os balões de diálogos devem simular a fala. Por isso, dependendo da língua (português, inglês, italiano, francês, etc.) existem diferentes padrões de simulação, que variam de acordo com o público-alvo e as diretrizes editoriais da

empresa de comunicação. Dessa forma, nem todas as regras da gramática normativa são empregadas. Os sinais de pontuação, por exemplo, não obedecem as normas da GT. As reticências e as exclamações são utilizadas como sinais gráficos nos balões. Aquelas indicam a interrupção de uma fala porque não há mais espaço no balão e por isso ela continua em outro e ainda podem indicar que uma personagem começou uma fala e outra terminou e estas, as exclamações, não são utilizadas para expressar apenas emoções das personagens. Elas são usadas, nas HQ Disney, para demarcar o final de um período. Isso se tornou um padrão gráfico porque, nos primórdios dessas publicações, convencionou-se que os gibis deveriam ser práticos de se manusear. Então, a editora diminui o formato e adotou o ponto de exclamação como um sinal gráfico que marca o fim do período para facilitar a leitura. Como nas HQ não se pode controlar a diagramação dos textos nos balões a exclamação demarca o fim do período e é mais fácil de se ver. Seguindo a tradição, a editora Abril manteve o padrão, *sempre mantendo como orientação editorial o bom uso da língua portuguesa* (editora Abril- via e-mail de 10/11/04, cuja cópia encontra-se no *Anexo 4*). Esta pontuação diferenciada pode ser observada também na revista Pato Donald em inglês, conforme exemplo abaixo:

- (37) A professional chef doesn't burn roasts!
- (38) He purposely burned it to get the ruby out of the house!



Desta forma as variantes da variável dependente arroladas aqui são as frases declarativas afirmativas, as negativas e as interrogativas haja vista que um dos objetivos dessa

pesquisa é verificar se a negação e a interrogação propiciam (ou não) a ausência do pronome sujeito, conforme possibilidade mencionada por DUARTE (1995).

As variáveis independentes *sexo* e *classificação etária* foram incluídas pela possibilidade de estes fatores sociais estarem condicionando a variável dependente. Homens e mulheres podem apresentar comportamento lingüístico diferenciado, conforme mostram muitos trabalhos da área. Algumas pesquisas apontam para o fato de que o sexo feminino se mostra lingüisticamente menos conservador do que o masculino quando a variante não é estigmatizada socialmente, MONTEIRO (1994), por exemplo, embora outros trabalhos, entre eles BOTASSINI (1998), mostrem que estes grupos não apresentam relevância na aplicação da regra variável. Com estes fatores poderemos verificar se há ou não comportamento distinto entre os dois sexos e as faixas etárias, neste corpus.

3.3. CASOS DESCARTADOS

Como princípio de análise, decidiu-se **não considerar** como sujeito preenchido ou não os casos de:

1. uso para desambigüisar e/ou para contrastar as pessoas do discurso:

- (39) Ele conseguirá tirar a foto, a não ser que **eu** faça alguma coisa! (Pato Donald 596, de 1963)
- (40) Por acaso vai começar antes de **eu** voltar da entrega destes ovos? (Pato Donald 1642, de 1983)

No primeiro caso o preenchimento tanto pode estar sendo usado para dar ênfase e separar as pessoas do discurso como para desambigüisar. O pronome *eu* nesta situação deve ser preenchido, caso contrário a interpretação será outra, com certeza. No segundo, o uso do pronome *eu* tem função de desambigüisar, uma ausência aí possibilitaria uma outra interpretação.

2. coordenadas de verbos:

- (41) **Ouvimos e obedecemos**, amo e senhor! (Pato Donald 1128, de 1973)
- (42) **Revistamos** o bandido e não **achamos** nada! (Pato Donald 1634, de 1983).
- (43) Eu **gosto** de fazer projetos e **tomar** decisões! (Pato Donald 1640, de 1983)
- (44) **Derrubamos** todo aquele mato e **construímos** esta maravilha do vale dos colibris! (Pato Donald 2004, de 1993)

As coordenadas de verbos (cujos verbos estejam relativamente próximos) não apresentam um sujeito preenchido para cada verbo, somente o primeiro preenche esta categoria, inclusive no inglês, língua de sujeito obrigatório. Na sentença do inglês, “He comes and goes”, o sujeito só é marcado uma vez, há aí um verbo sem sujeito exposto e isso não é suficiente para dizer que o inglês está deixando de ser uma língua de sujeito obrigatório. É a sintaxe que prevalece se há uma coordenação de verbos, não se repete o sujeito. Em enunciados semelhantes, portanto, não consideramos os sujeitos elípticos como casos de não preenchimento.

3. imperativo canônico e imperativo atenuado: MENON (1996b) menciona este tipo de imperativo e esclarece que se trata de um uso inovador, utilizado no lugar do “canônico”. Sua característica é amenizar, atenuar (como o próprio nome diz) o tom de ordem do imperativo. Por exemplo:

- (45) Cuidado, Dippy, **não a toques!** (Pato Donald n.º 1, de 1950)
- (46) **Vamos escondê-lo** depressa, mesmo que seja na lata de lixo! (Pato Donald n.º 12 de 1951)
- (47) **Vamos parar** com isso! (Pato Donald 590, de 1963)
- (48) **Vamos encarar** de frente! (Pato Donald 1634, de 1983)
- (49) **Vamos pensar!** (Pato Donald 1634, de 1983)
- (50) **Vamos embora!** (Pato Donald 2004, de 1993)
- (51) **Vamos rever** o assalto ao banco! (Pato Donald 2012, de 1993)
- (52) Uma escadaria! **Vamos descer!** (Pato Donald 2276, de 2003)

Como pôde ser observado nos exemplos, os casos de imperativo atenuado, e mesmo os de imperativo canônico, apresentaram casos de não-preenchimento do sujeito pronominal, ou seja, uso categórico de uma ausência, o que não nos interessa pela possibilidade de desvio dos resultados, haja vista que o tempo verbal do primeiro verbo das perífrases onde eles se encontram é sempre o *presente do indicativo*. No início da codificação esse modo verbal foi considerado e a ausência foi categórica nas 418 ocorrências com as quais contávamos até aquele momento. O resultado deste tempo verbal seria desviado devido à inclusão de algo que é categórico em seu conjunto de dados, a exemplo do ocorrido com FREITAS (1991a), trabalho já citado. Perante tais situações optou-se pela exclusão do modo *imperativo* do restante da amostra.

4) Sujeito composto

Os casos de sujeito composto não foram considerados por representarem preenchimento categórico, pelo menos nesta amostra:

- (53) Muito bem, e **tu e eu** juntos faremos ver a todos os animais do bosque, que somos mais espertos que esse miserável leitãozinho! (Pato Donald n.º 1, de 1950)
- (54) **Você e meu filho** estão perdidos! (Pato Donald n.º 1, de 1950)

3.4. CASOS ESPECIAIS

No corpus há ocorrências de sujeitos ausente de segunda pessoa que foram classificados, na segunda coluna, com “/” que, para o programa VARBRUL, significa “não se aplica”. São casos de não-preenchimento que o contexto não permite afirmar se seriam ausências de *você, vocês, senhor (a)* ou *senhores (as)*.

- (55) Ø Pode me vender um caracol vivo? (Pato Donald para um senhor, dono de um restaurante, revista n.º 1631, de 1983.)
- (56) Ø Pode me informar onde fica a Vila da Idade da Pedra? (Um senhor para o Pato Donald, revista n.º 1642, de 1983.)

- (57) Ø Pode dizer o que há de tão importante atrás desta pedra? (Um senhor para o Pato Donald, revista n.º 1642, de 1983.)

Não há como saber o que poderia estar no lugar da ausência: *você* ou o *senhor*.

As locuções verbais também tiveram que ser consideradas de maneira diferenciada, não tiveram um levantamento especial e foram todas codificadas de acordo com o tempo e o modo do verbo auxiliar. Segundo BOTASSINI (1998: 69):

Acreditamos que o fato de o verbo ser simples ou estar em locução verbal não muda a questão do preenchimento e isso pudemos constatar em trabalho anterior (BOTASSINI 1996) quando fizemos um levantamento diferenciado para as locuções verbais e constatamos que o comportamento destas em relação às formas verbais simples é o mesmo.

Assim, casos como:

- (58) Mas **vou ter** que perder alguns quilos pra caber dentro dele! (Pato Donald 1632, de 1983)
- (59) E onde é que **poderia arranjar** um homem valente para ir até lá? (Pato Donald n.º 1, de 1950)

foram classificados como **presente do indicativo** e **futuro do pretérito** respectivamente.

No grupo de fatores *tipos de frases*, não foram consideradas como interrogativas frases com marcadores discursivos, como nos exemplos:

- (60) É que... é que Ø sofro de reumatismo lombar, sabe? (Pato Donald n.º 8, de 1951)
- (61) Então quer resistir, hein? (Pato Donald n.º 2, de 1950)

No primeiro exemplo o sujeito do verbo *sofrer* foi codificado normalmente como não preenchido. O verbo *saber*, neste caso, está sendo usado apenas como marcador discursivo, portanto não foi considerado. No seguinte a interrogação recai sobre o marcador *hein* e não sobre

o resto da fala, que constitui uma frase declarativa, uma constatação de que há uma situação de resistência.

Neste mesmo grupo foram consideradas como negativas as frases com quaisquer um dos elementos de negação: *não, nunca, jamais, nem, etc.*

- (62) **Nem** quero olhar! (Pato Donald n.º 1670, de 1983)
- (63) Só espero **nunca** mais ver aquele cara! (Pato Donald n.º 1670, de 1983)
- (64) **Nunca** trabalhei tanto na minha vida! (Pato Donald n.º 1674, de 1983)
- (65) **Nem** preciso correr muito! (Pato Donald n.º 1674, de 1983)
- (66) **Mal posso** crer no meu próprio olfato! (Pato Donald n.º 1676, de 1983)
- (67) **Jamais** pensei que esta poltrona fosse tão macia! (Pato Donald n.º 2, de 1950)

Quanto aos fatores extralingüísticos, nas duas revistas, Mônica e Pato Donald, há personagens animados humanizados, por exemplo, o Horácio (Mônica), que é um pequeno dinossauro que fala, interage com os amigos, namora, tem sua casa, suas responsabilidades, etc. que foram classificados segundo seus sexos, representantes femininos ou masculinos, há ainda personagens inanimados que não têm vida “humanizada”, por exemplo, um telefone, o ponto final ou o próprio balão de diálogos que “falam”, típicos da revista Mônica, sendo assim, na variável independente *sexo*, foi acrescentado, junto com *masculino* e *feminino*, a possibilidade “outros” para registrar as ocorrências nestas situações. Na revista PATO DONALD, a que constitui o corpus da análise em tempo real, as ocorrências de “outros” estão ligadas às personagens Pluto, cachorro do Mickey, e Lampadinha, uma pequena lâmpada-robô inventada pelo professor Pardal (o cientista de Patópolis, a cidade dos patos).

3.5. CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados selecionados foram codificados seguindo as especificações do programa VARBRUL para que pudessem receber um tratamento estatístico, o que possibilita uma análise mais apurada dos fenômenos lingüísticos em questão.

Cada uma das variantes da variável dependente e cada um dos fatores que compõem as variáveis independentes recebeu um símbolo, para facilitar o processo de codificação e a digitação¹³. Para se ter uma noção do resultado final da codificação seguem abaixo alguns exemplos das colunas de codificação de alguns dados desta pesquisa:

- (68) (0epema1) **O caso é que tenho** muito bom dinheiro embora em moedas antigas, mas ignoro onde está escondido!
- (69) (0npemc2) **Encontramos** este tesouro logo de golpe!
- (70) (1vPema3) **Você se saiu** bem com esta câmera sem filme!
- (71) (1gPemc4) Algumas medidas de precaução que **a gente bolou** pra ajudar sua força de vontade!
- (72) (0npefa5) **Queremos** transformar esta região numa reserva ecológica!
- (73) (1epema6) **Eu estou** derretendo com esta roupa!

Assim, nos exemplos acima temos em:

- (68) pronome *eu* não preenchido (0e) , com verbo no presente do indicativo (p), numa sentença declarativa afirmativa (e), produzida por uma personagem representante do sexo masculino (m), adulto (a), do período de 1950/52 (1).
- (69) pronome *nós* não preenchido (0n), com verbo no presente do indicativo (p), em sentença declarativa afirmativa (e), produzida por uma personagem representante do sexo masculino (m), criança (c), em 1963 (2).

¹³ A lista dos símbolos e a sua descrição está no *Anexo 2*.

- (70) pronome *você* preenchido (1v), com verbo no pretérito perfeito do indicativo (P), numa sentença declarativa afirmativa (e), produzida por uma personagem do sexo masculino (m), adulta (a), em 1973 (3) .
- (71) pronome *a gente* preenchido (1g), com verbo no pretérito perfeito do indicativo (P), numa sentença declarativa afirmativa (e), produzida por uma personagem do sexo masculino (m), criança (c), em 1983 (4).
- (72) pronome *nós* não preenchido (0n), com presente do indicativo (p), numa sentença declarativa afirmativa (e), produzida por uma personagem representante do sexo feminino (f), adulta (a), em 1993 (5).
- (73) pronome *eu* preenchido (1e), com verbo no presente do indicativo (p), numa sentença declarativa afirmativa (e), produzida por uma personagem representante do sexo masculino (m), adulta (a), em 2003 (6).

3.6. UM ENSAIO: MÔNICA 1973 X PATO DONALD 1973

Esta análise, como citado anteriormente, tem como objetivo comparar a revista Pato Donald, quase que totalmente traduzida de outras línguas, com a revista Mônica que, segundo SILVA (1982), é *genuinamente brasileira*, a fim de verificar se há profundas diferenças no que se refere ao uso da regra variável, ou seja, se o fato de a revista Pato Donald ser traduzida interfere no preenchimento do sujeito pronominal.

Foram analisadas 11 revistas Mônica e 22 Pato Donald, cabe lembrar ainda que em 1973 a Mônica era uma revista mensal de 66 páginas e a Pato Donald, quinzenal com edições de 31 a 33 páginas cada uma. Assim, as 11 edições da Mônica equivalem às 22 Pato Donald.

Para rodar no programa VARBRUL foi necessário retirar da amostra os casos de nocaute apresentado no *Makecell*: uma ocorrência da segunda pessoa canônica, ou seja, do pronome *tu*, não preenchida, na revista Mônica. O uso desta pessoa não apresenta variação no conjunto de dados e, para que a rodada pudesse ser concluída, ela teve que ser retirada. Houve ainda 418 casos de infinitivo (atenuado e/ou canônico), 214 da Mônica e 204 do Pato Donald,

retirados do conjunto total devido ao não preenchimento categórico. Antes da primeira rodada, portanto, contávamos com 6.722 dados.

O número de que pudemos dispor para este ensaio foi de **6.304** ocorrências, com **36%** de **sujeito pronominal preenchido** e **64%** de **não preenchimento**. Em rodadas separadas, mas ainda em números gerais, temos o Pato Donald com 28% dos pronomes sujeitos preenchidos e 71% não preenchidos com input .39. Já a revista Mônica, “genuinamente brasileira” (segundo SILVA 1982), nos revelou 47% dos pronomes sujeitos preenchidos e 53% não-preenchidos, com input .48.

3.6.1. Resultados do ensaio com a revista Mônica/1973

Os grupos de fatores selecionados pela rodada separada dos dados da Mônica foram: *pessoa gramatical, tempo e modo verbal, classificação etária e tipos de frases*, nesta ordem de relevância. O grupo de fatores *sexo* não foi selecionado por apresentar pesos relativos bem próximos do ponto neutro, o que pôde ser observado em níveis anteriores da rodada, .50 para o sexo masculino e .53 para o feminino, o que indica uma leve tendência ao preenchimento pelas personagens femininas. A tabela abaixo traz o grupo de fatores apontado como mais relevante, *as pessoas gramaticais*:

Tabela 4 – Preenchimento do sujeito pronominal em relação às pessoas verbais na revista Mônica/1973 (Input .48)

PRONOME	APL./TOTAL	%	P.R.
Eu	605/1.477	40	.44
Você	550/765	72	.77
Nós	42/388	11	.13
A gente	31/32	97	.97
Vocês	66/92	72	.77
TOTAL	1.294/2.754		

Pode-se observar que a primeira pessoa é a que concentra um maior número de sujeitos preenchidos: 1.897 ocorrências, 1.477 no singular e 420 no plural. Quase todos os verbos conjugados na primeira pessoa do singular têm flexão bem marcada, ou seja, apresentam vogal temática (que indica a que conjugação o verbo pertence), sufixo temporal (indicativo do tempo e do modo) e a desinência pessoal (marca de pessoa e número), independente disto, essa pessoa mostra um índice de preenchimento de 40% com peso relativo de .44. A primeira pessoa do plural, *nós*, cuja flexão é sempre bem marcada (*-mos*) apresenta porcentagem de preenchimento de apenas 11%, com peso relativo .13, o que parece pouco, mas não é, tendo em vista que esta tendência para formas sempre marcadas é muito significativa. O pronome que mais favorece a regra do preenchimento é o *a gente* com .97, seguido de *você/vocês*, com .77.

Na segunda pessoa, o pronome que mais ocorre nesta amostra é o *você*. O pronome *tu* apresentou apenas uma ocorrência (que foi retirada da rodada por não apresentar variação):

(74) Por onde Ø andavas, ó honrado sacerdote?

Os pronomes *você* e *vocês* apresentaram porcentagens de preenchimento e pesos relativos exatamente iguais, com número de ocorrências bastante distintos. A tendência de preenchimento do sujeito pronominal quando este for a segunda pessoa *você/vocês* é de .77, apresentando, em porcentagem, 72% de preenchimento e 28% de ausência.

Há ainda, neste córpus três ocorrências de sujeito não recuperável, ou seja, sujeito ausente que o contexto não permite identificar, por exemplo, na revista *Mônica* de março de 1973, a Magali diz a um homem:

(75) Eu ensinei pra ele como imitar papagaio imitando cachorro, (Ø) quer ver?

Não é possível afirmar se esta ausência refere-se ao pronome *você* ou ao pronome de tratamento *senhor*.

No cômputo geral a revista *Mônica* apresenta uma leve tendência ao não-preenchimento do sujeito pronominal: input .48, muito próximo do ponto neutro. Foram preenchidas 47% das ocorrências e 53% delas apresentaram pronome elíptico.

O resultado do segundo grupo selecionado, *tempo e modo verbal*, será apresentado na Tabela 5, na seqüência.

Tabela 5 – Preenchimento do sujeito pronominal em relação ao grupo de fatores, *tempo e modo verbal* na revista Mônica/1973.

TEMPOS E MODOS VERBAIS	APL./TOTAL	%	P.R.
Presente do subjuntivo	17/37	46	.33
Presente do indicativo	782/1.864	42	.46
Futuro do subjuntivo	12/23	52	.51
Pretérito perfeito do ind.	239/442	54	.52
Futuro do presente	47/111	42	.54
Infinitivo	87/132	66	.58
Gerúndio	3/5	60	.60
Pretérito imperfeito do indicat.	12/18	67	.73
Futuro do pretérito	82/108	76	.79
Imperfeito do subjuntivo	13/17	76	.88
TOTAIS	1.294/2.757	47	

O *presente do indicativo* é detentor do maior número de ocorrências, 1.864 e apresenta uma tendência ao não-preenchimento (.46). Com número bem menor de ocorrências o *pretérito perfeito do indicativo* mostra um pequeno favorecimento ao preenchimento do sujeito pronominal, (.52). Os tempos e os modos que apresentam os maiores pesos relativos para o preenchimento dessa categoria são: *imperfeito do subjuntivo*/.88, *futuro do pretérito*/.79, *imperfeito do indicativo*/.73 e o *gerúndio*/.60. Tendo em vista os pronomes que constituem esse *cópus (eu/você/vocês/a gente/nós)* esses *tempos e modos verbais* apresentam a mesma flexão número-pessoal para quase todos eles, excetuando apenas o *nós*, o que justifica seus altos pesos relativos, pois o não-preenchimento do sujeito acarretaria imprecisão na interpretação. O *infinitivo*, que não possui marca de pessoa ou tempo, mostra tendência ao preenchimento, com peso relativo .58. Tendem, ainda, a preencher esta categoria, mas com menos freqüência, frases com verbo no *futuro do presente*. O *futuro e o presente do subjuntivo* não apresentam desinência número-pessoal junto aos pronomes *eu, você, vocês, a gente*, mas, apesar disso têm comportamento distintos, nesse *cópus*. O *futuro do subjuntivo* apresenta peso relativo muito

próximo do ponto neutro, favorecendo em 1 ponto apenas o sujeito pronominal, enquanto o *presente do subjuntivo* favorece grandemente a elipse, com .67

O terceiro grupo selecionado, *classificação etária*, nos mostra que as personagens representantes das crianças tendem ao preenchimento, com peso relativo .51, enquanto personagens adultas apresentaram peso relativo .45, ou seja, as crianças das HQ da revista Mônica apresentam uma pequena tendência ao preenchimento do sujeito, enquanto os adultos tendem ao não-preenchimento desta categoria.

O último grupo mostra que as frases negativas são as que mais propiciam o preenchimento do sujeito pronominal, .57, enquanto as interrogativas favorecem a ausência com peso relativo, com .44.

3.6.2. Resultados do ensaio com a revista Pato Donald/1973

A rodada com os dados somente da revista Pato Donald teve apenas dois dos cinco grupos selecionados: *pessoa e tempo e modo verbal*, ou seja, para esta rodada os grupos de fatores *tipos de frases, sexo e classificação etária* não foram relevantes.

O input para a aplicação da regra neste corpus foi de .25, em outras palavras, a tendência de preenchimento do sujeito pronominal na revista Pato Donald é bastante baixa. O pronome *a gente*, nesta revista, apresentou 19 ocorrências, com preenchimento categórico, sendo retirado da análise após constatação deste *nocaute*. A tabela abaixo traz os números de todas as outras pessoas.

Tabela 6 - Preenchimento do sujeito pronominal em relação às pessoas verbais na revista Pato Donald/1973. (Input .25)

PRONOME	APL./TOTAL	%	P.R.
Eu	467/2.194	21	.43
Você	398/588	66	.86
Nós	52/611	9	.25
Vocês	76/128	59	.83
TOTAIS	993/3.523	28	

Na revista Pato Donald 28% das ocorrências apresentaram pronome explícito e 72%, elípticos. O input .25 mostra uma forte tendência ao não preenchimento desta categoria nestas revistas e, ao mesmo tempo, pode estar esboçando o início de uma mudança.

Essa tabela mostra que a primeira pessoa do singular é a que mais apresenta ocorrências, em valores absolutos, apontando uma tendência de não-preenchimento do sujeito, aqui com peso relativo .57.

A primeira pessoa do plural, *nós*, devido a sua flexão bem marcada mostra um alto favorecimento ao não-preenchimento do sujeito. A flexão *-mos* remete sempre à primeira pessoa do plural, não havendo, nesse caso, possibilidade de interpretações dúbias, o que não ocorre com o pronome *a gente*, também com todas as ocorrências correspondendo a primeira pessoa do plural. *A gente* possui marca desinencial zero, não têm flexão exclusiva, o que pode ter ocasionado o preenchimento categórico neste corpus. Sem flexão exclusiva também são os pronomes de segunda pessoa. O plural, *vocês*, possui flexão *-m*, o que coincide com a terceira pessoa e favorece o preenchimento do sujeito com essas pessoas para evitar interpretações equivocadas. Os pesos relativos são bastante favorecedores ao preenchimento com esses dois pronomes: .86 para *você* e .83 para *vocês*. A Tabela 7, abaixo traz os números relativos ao grupo de fatores *tempo e modo verbal*:

Tabela 7 – Preenchimento do sujeito pronominal em relação ao grupo de fatores, *tempo e modo verbal* na revista Pato Donald/1973.

TEMPOS E MODOS VERBAIS	APL/TOTAL	%	P.R.
Presente do indicativo	447/2.157	21	.42
Futuro do subjuntivo	9/36	25	.34
Futuro do presente	105/319	33	.60
Pretérito perfeito do ind.	230/638	36	.57
Infinitivo	48/108	44	.53
Presente do subjuntivo	21/46	46	.57
Pretérito imperfeito do ind.	40/72	56	.82
Futuro do pretérito	76/127	60	.81
Imperfeito do subjuntivo	17/25	68	.88
TOTAIS	993/3.528	28	

A maior parte das ocorrências deste corpus tem o verbo no *presente do indicativo*, seguido do *pretérito perfeito* do mesmo modo. No *presente* o peso relativo é .42, favorecendo a não aplicação da regra. Já no *pretérito perfeito do indicativo* o peso relativo mostra uma tendência ao preenchimento do sujeito, .57. Os tempos que mais favorecem a aplicação da regra variável são: o *futuro do presente*.60, o *futuro do pretérito*.81, o *imperfeito do indicativo*.82 e o *imperfeito do subjuntivo*.88. O *imperfeito do subjuntivo*, com peso relativo .57 também favorece o preenchimento desta categoria, enquanto o *futuro do subjuntivo* funciona, neste corpus, de maneira oposta, inibindo a aplicação da regra, com .34. O que se percebe é que de modo geral este grupo de fatores mostra uma tendência ao preenchimento, possivelmente impulsionado pela falta de uma desinência número-temporal que os verbos apresentam quando conjugados com a maioria das pessoas aqui analisadas (*você/vocês/a gente*) e, em alguns casos, o *eu*.

Como os grupos *tipos de frases*, *sexo* e *classificação etária* não foram selecionados como relevantes na rodada individual da revista Pato Donald, só foi possível, observar os resultados em termos percentuais. Nos *tipos de frases* nenhuma das analisadas mostrou favorecer o preenchimento do sujeito. O grupo de fatores *sexo* mostrou que as mulheres tendem a preencher o pronome sujeito um pouco mais que os homens, mas o número de ocorrências das personagens representantes do sexo feminino é muito menor do que a dos representantes do sexo masculino: 373 para 3.125. Números bastante distintos são encontrados também no grupo *classificação etária*: 256 ocorrências são de personagens representantes da classificação *criança* e 3.242, de *adultos*. Em termos percentuais temos as *crianças* preenchendo 13% das ocorrências e os *adultos*, 29%. Números percentuais dizem muito pouco, diferente do peso relativo, ausente nestes grupos não selecionados.

3.6.3. Conclusão do ensaio entre as revistas Mônica e Pato Donald, ambas de 1973.

Apesar de os percentuais de preenchimento entre as duas revistas serem bastante distintos pode-se observar que a probabilidade de preenchimento para a primeira pessoa do singular é praticamente a mesma, a diferença é de .01 entre os pesos relativos de ambas as publicações. Pato Donald apresenta peso relativo .43 para o preenchimento do pronome *eu* e a Mônica, .44, diferença pouco significativa.

No contraste entre as duas revistas no tocante ao pronome *a gente* percebe-se que na revista Mônica há 32 ocorrências, contra 388 do pronome *nós* e na Pato Donald, 19 casos de *a gente* (todos preenchidos) para 611 *nós*. Este resultado distinto pode ser devido ao fato de que na revista Mônica as personagens, em sua grande maioria, são crianças: os resultados nos mostram que 78% das ocorrências desta revista correspondem à classificação etária *crianças*, contra apenas 8% de representantes da mesma classificação na revista Pato Donald. Segundo OMENA (1996: 211) a faixa etária de 7 a 14 anos tende a um maior preenchimento do sujeito pronominal e a um uso maior do pronome *a gente*,

O uso de *a gente* em detrimento de *nós* é influenciado pela idade do falante: os jovens utilizam-no mais do que os adultos e esses mais do que os velhos. As probabilidades de uso se distribuem assim: 7 a 14 - .81; 15 a 25 - .66; 26 a 49 - .48; 50 em diante - .12.

Assim como OMENA, constatamos, em nosso ensaio (Mônica e Pato Donald juntos,) que 29% das ocorrências da amostra aparecem na fala das personagens representantes da classificação *adulta* e 71% na classificação *criança*. De todos os pronomes analisados este é o único com uso maior pelas crianças. Somadas todas as ocorrências temos as personagens representantes da classificação *adulta* usando 70% dos pronomes *eu*, 61% dos pronomes *você*, 58% dos *nós* e 69% dos *vocês*.

Portanto, os números bastante distintos entre as duas revistas nos sugerem apenas a necessidade de verificar separadamente quem é que está usando mais o pronome *a gente* na revista Pato Donald, possivelmente também as crianças, sendo que a análise deste pronome isoladamente já é um dos objetivos iniciais da pesquisa.

Dizer que a revista Mônica preenche mais o pronome sujeito ou apresenta mais usos da forma *a gente* e justificar que isto se deve ao fato de as personagens serem crianças parece inconsistente, haja vista que quem está por trás da personagem provavelmente é um adulto. Parece que se está supondo que os criadores das histórias são lingüistas. Não se trata disso, mas de leitura de mundo, pois não é preciso ser lingüista para perceber e ter o conhecimento que a criança não fala como o adulto, que o habitante da cidade não fala como o do interior. No lançamento da personagem Chico Bento, das revistas Mônica, por exemplo, ele falava como todas as outras crianças da revista. Algumas edições depois, a mesma personagem

aparece falando o dialeto caipira, não só ela como todos os membros de sua comunidade. O mesmo ocorreu com a personagem Urtigão, da Disney, que é um habitante da zona rural e aparece em algumas histórias das revistas Pato Donald a partir de 1963. Esta leitura de mundo é necessária para que a personagem esteja o mais próximo possível da realidade em que está situada. Graciliano Ramos, que não é lingüista, percebeu a artificialidade que a não observância deste detalhe dá à personagem. Sobre *São Bernardo*, o autor escreveu:

Não é exagero dizer que o escritor brasileiro tem a obrigação de traduzir o seu português (língua aprendida na escola, exercida através da função individual dentro da classe dominante, uniformizada pelo convívio, aprimorada e conscientizada através dos nossos bons autores daqui e de além mar) para o brasileiro falado por pessoas de diferentes estratos sociais, que não tiveram acesso às “instâncias de purificação da língua”. Depois do livro pronto, notei que não era Paulo Honório que falava. Eram os grandes estilistas, através da minha pena. Precisava, portanto, traduzir o livro para a língua dele. (SANTIAGO, Silviano 1981: 115)

Não se supõe aqui que todos os escritores tenham a genialidade de Graciliano Ramos, mas há de se ter uma leitura mínima de mundo para perceber a artificialidade que a não adaptação da fala à personagem, ocasiona. Esta artificialidade é que Graciliano Ramos percebeu em seu Paulo Honório. A revista da Mônica sempre foi, independente da editora que a veiculasse, de total responsabilidade de seu criador, Maurício de Souza, cuja equipe, por sua vez, tem como função criar situações pertinentes ao mundo infantil. Já na revista Pato Donald as situações criadas são do mundo adulto, onde há crianças sim, mas em menor número já que a personagem central é um adulto com todos os seus problemas e confusões. Do mesmo modo na revista Mônica há adultos, os pais das crianças e outros que interagem com elas em algumas histórias, mas em número bastante reduzido por não serem o foco da revista. A não-observância da maneira como cada um diz o que precisa ser dito faria com que tudo parecesse muito artificial. Percebe-se que essa leitura de mundo existe nas HQ, como existe também a revisão, que atua sobre o texto escrito, que difere da língua falada. Por mais que a intenção seja de simular a fala, em todo o corpus não há nenhum caso de interrogação como, por exemplo: *O que que você quer?* típica da língua oral.

Quanto ao *tempo* e o *modo verbal*, nas duas amostras o que apresenta maior números de ocorrências é o *presente do indicativo*, em segundo lugar está o *pretérito perfeito do*

indicativo e em último o *gerúndio*. Na revista Mônica os tempos e modos verbais *presente do indicativo*, *pretérito perfeito do indicativo* e *futuro do presente*, com flexão bem marcada para as primeiras pessoas canônicas, apresentam peso relativo próximo ao ponto neutro, .46, .52 e .54, respectivamente. Com exceção do *presente* e do *futuro do subjuntivo*, com pesos relativos próximos do .50, os demais tempos e modos verbais, sem flexão bem marcada (exceto para o pronome *nós*), apresentam maior tendência ao preenchimento do sujeito pronominal. No entanto, o número de ocorrências destes tempos é bastante reduzido, representa pouco mais de 10% do total de amostras desta revista. O mesmo se pode observar nas revistas Pato Donald, os tempos e modos verbais com flexão bem marcada apresentam probabilidade de preenchimento menor do que os sem marca para todas as pessoas, excetuando neste caso o *futuro do presente*, que nas revistas Pato Donald apresentam peso relativo .60 para o preenchimento do sujeito. Comparando as duas amostras, percebemos que o *presente* e o *futuro do subjuntivo* apresentam comportamento inverso, ou seja, na revista Mônica o *presente do subjuntivo* apresenta peso relativo .33, favorecendo o não preenchimento e o *futuro do subjuntivo* favorece levemente a aplicação da regra variável. Na revista Pato Donald o *presente do subjuntivo* favorece o preenchimento e o *futuro do subjuntivo*, a elipse. Não há significativas diferenças entre as duas revistas. O que se percebe é que a falta de desinência número-temporal colabora para que o sujeito seja preenchido, evitando a ambigüidade de interpretação. O *imperativo* representou 6,2% das ocorrências totais da revista Pato Donald e 6,9% na Mônica, todas com sujeito elíptico, por esse motivo este modo não foi incluído nas tabelas de ambas as revistas, nem considerados a partir deste ensaio, que, cabe lembrar, tem como objetivo único comparar os dois tipos de HQ.

No tocante ao grupo de fatores *sexo*, nas revistas que constituem as amostras há uma porcentagem muito grande de informantes representantes do sexo masculino. Segundo CIRNE (1977) 72% das personagens que povoam as histórias em quadrinhos são masculinas. O quadro abaixo traz os números de ocorrências a partir do grupo de fatores nas duas revistas:

Quadro 2 – Distribuição das ocorrências a partir do grupo de fatores *sexo* nas revistas Mônica e Pato Donald.

REVISTA	MASCULINO	FEMININO	OUTROS	TOTAL
MÔNICA	1.367	792	598	2.757
PATO DONALD	3.125	373	30	3.528

Das 6.285 ocorrências das duas revistas, 4.492 são de personagens representantes do sexo masculino (71,5%), o que corresponde ao indicado por CIRNE e 1.165 (18,5%) são de personagens representantes do sexo feminino. Na Mônica temos 2.757 ocorrências, das quais 1.367 (49,5%) são de representantes do sexo masculino e 792 (28,7%) do sexo feminino. Na revista Pato Donald, das 3.528 ocorrências, 3.125 (88%) são do sexo masculino e apenas 373 (11%) de representantes do sexo feminino. Neste corpus 10% das ocorrências, 628, referem-se a *outros*, conforme explicitado anteriormente, destas, 95% estão na revista da MÔNICA e apenas 5% na Pato Donald, estes, referentes aos pensamentos das personagens Pluto e Lampadinha¹⁴. Em ambas as revistas o maior número de ocorrências são de personagens masculinas. Não há nenhuma inversão relevante. A maior diferença diz respeito aos *outros*, que predomina na revista Mônica.

No grupo de fatores *classificação etária* temos 87% do número total das ocorrências de personagens representantes dos *adultos* nas revistas Pato Donald e 86% dos representantes da classificação *crianças* nas revistas Mônica. Os números são quase igualmente inversos: Pato Donald com 87% das ocorrências na classificação *adultos* e 13% na *crianças*; Mônica com 14% na classificação *adultos* e 86% na *crianças*. Separadamente, temos 468 ocorrências de representantes dos adultos nas revistas Mônica (17%), 1.690 de representantes das crianças (61%) e 598 ocorrências (22%) de outros. Na revista Pato Donald, das 3.528 ocorrências, 3.243 são de personagens representantes dos adultos (92%), 255 (7%) das crianças e 30 (1%) de *outros*.

Para um maior refinamento da análise foram gerados arquivos do programa Crosstab, cruzamento de tabulações, do VARBRUL, a saber:

a) Primeira rodada – preenchimento/não-preenchimento *versus* pessoas verbais¹⁵.

Esta tabulação teve como objetivo verificar quais as pessoas verbais apresentam maior preenchimento do sujeito: a revista Pato Donald apresenta porcentagens maiores de preenchimento com os pronomes *nós* e *vocês* e a Mônica com *eu*, *ocê* e *a gente*.

b) Segunda rodada – preenchimento/não-preenchimento *versus* tipos de frases.

¹⁴ A configuração do balão de texto deixa claro que estas personagens não falam.

¹⁵ O *application value* nas duas primeiras rodadas foi Pato Donald e Mônica.

Esta rodada mostrou que as frases negativas, na Mônica, parecem não interferir no preenchimento do pronome sujeito. São 94 ocorrências das quais 48 estão preenchidas e 46 não. Na revista Pato Donald as frases negativas propiciam largamente a ausência do sujeito, 74% delas não apresentam pronome sujeito expreso. As frases interrogativas propiciam mais o preenchimento desta categoria na revista Mônica.

c) Terceira rodada - pessoas verbais *versus* classificação etária, na revista Pato Donald.

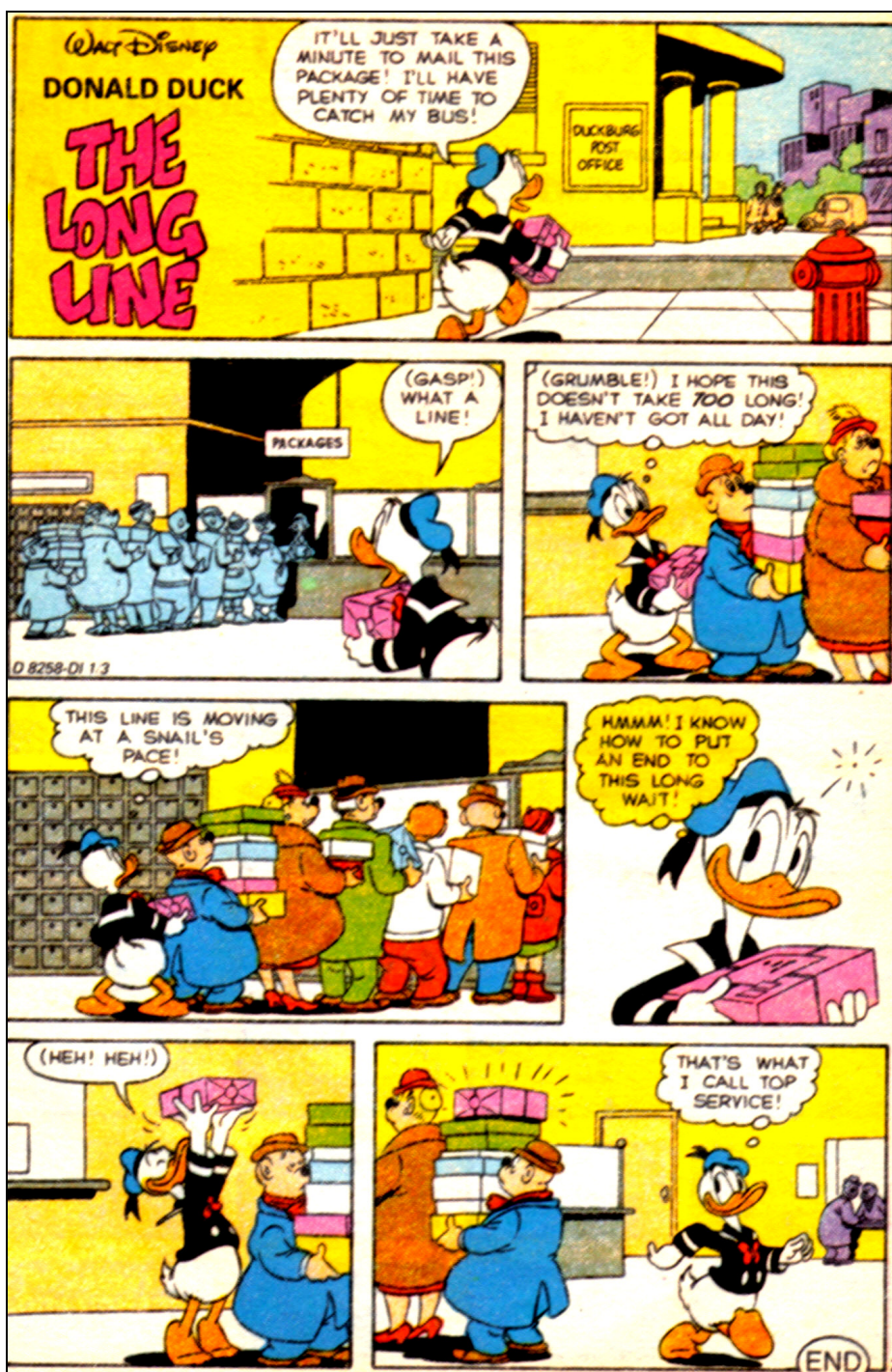
Tanto adultos como crianças usam mais o pronome *eu*. Dos 19 casos de *a gente* no Pato Donald, 10 são de adultos, 7 de crianças e 2 de *outros*. Estas 7 ocorrências representam um uso bastante alto, quando comparadas ao número total de pronomes sujeitos, já que há apenas 255 ocorrências destes utilizados por personagens representantes das crianças nesta revista, neste ano, o que dá 2,74 %. Os 10 casos de adultos representam apenas 0,3% das ocorrências, ou seja, na revista Pato Donald também as crianças estão usando mais do que os adultos o pronome *a gente*, quase dez vezes mais.

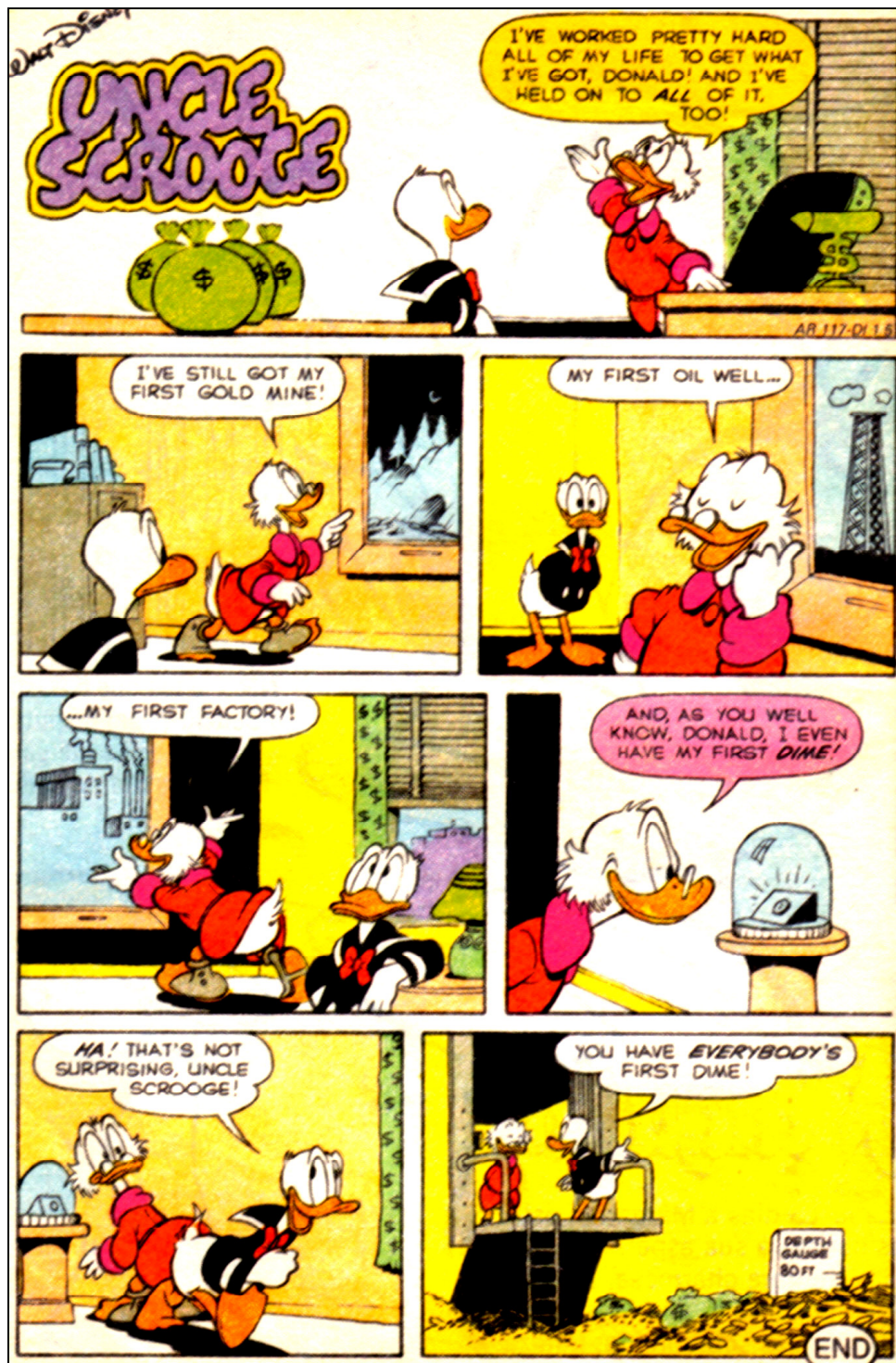
d) Quarta rodada – grupo das pessoas verbais *versus* tempo e modo verbal, na revista Pato Donald.

Os resultados desta rodada informam separadamente em que tempo verbal os pronomes estão distribuídos. É possível localizar aí, por exemplo, os 19 casos de *a gente* da revista Pato Donald, saber quais os verbos que ocorreram com este pronome e assim com todos os verbos e todos os pronomes.

As inúmeras informações que estas rodadas nos deram não serão exploradas aqui, pois o objetivo deste ensaio era somente de verificar se o fato de as revistas Pato Donald serem traduzidas interferiria na variável dependente deste estudo. Em outras palavras, como a maioria das histórias da revista Pato Donald provêm da Disney e a língua inglesa é uma língua de sujeito obrigatório, o oposto do PB, poderia haver a suspeita de que a tradução estivesse mantendo uma grande porcentagem de sujeitos preenchidos. A língua inglesa exige o preenchimento desta categoria mesmo para, por exemplo, sentenças envolvendo os fenômenos da natureza, onde deve

haver um pronome sujeito expletivo. Este preenchimento obrigatório pode ser visualizado nas duas historinhas abaixo:





Os números gerais mostram que a língua de origem não está interferindo, pois a revista da Mônica apresentou 47% de preenchimento e a Pato Donald apenas 28%. Os números em si são muito diferentes, o que é natural, já que provêm de corpúscos distintos, mas provam que o fato de a revista Pato Donald ser traduzida não está interferindo, pelo menos não no sentido de apresentar um preenchimento elevado.

Em relação aos fatos de a GT sugerir o não preenchimento do sujeito pronominal, temos a revista Pato Donald preenchendo menos do que a “genuinamente brasileira”, ou seja, este resultado justifica a composição do corpúscos com as revistas em quadrinhos Pato Donald, criação da Disney. Se a gramática da língua de origem das histórias tivesse influenciado, os dados mostrariam um preenchimento muito superior ao encontrado, muito superior inclusive ao da revista da Mônica. A revisão na revista Pato Donald parece estar sendo mais normativista do que na revista Mônica, já que a comparação se deu com exemplares da mesma época e da mesma editora.

Este resultado me permite citar uma frase de MENON (2003: 97), para concluir esse capítulo: *a língua d'O Pato Donald parece ser mais lusitana que brasileira, aproximando-se da língua literária*, que é a escrita usada como referência pelas GTs de **língua portuguesa**, observo.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As mariposa

*As mariposa quando chega o frio
Fica dando vorta em vorta da lâmpida pra si isquentá
Elas roda, roda, roda, dispois si senta
Em cima do prato da lâmpida pra discansá
Eu sou a lâmpida
E as muié é as mariposa
Que fica dando vorta em vorta de mim
Todas as noites, só pra mi beija
___ Boa noite, lâmpida!
___ Boa noite, mariposa!
___ Pelmita-me oscular-lhe as alfácias
___ Pois não, mas rápido porque daqui a pouco eles mi apaga.*

Adoniran Barbosa

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos e discutimos os resultados referentes à variação do preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal no PB a partir do recorte de língua escrito composto pela revista Pato Donald, conforme já mencionado.

Primeiramente apresentamos os resultados dos grupos de fatores lingüísticos, todos considerados relevantes para o programa VARBRUL, ao qual os dados foram submetidos. Na seqüência apresentamos os resultados do único grupo de fatores extralingüísticos selecionado: o *ano de publicação* e comentamos os resultados dos grupos sociais não selecionados, no presente cópua, para o estudo da regra variável em questão: *sexo* e *classificação etária*.

4.1 OS GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS PELO VARBRUL

Não houve nenhum *nocaute* na rodada e os grupos selecionados como relevantes foram: *peçoas gramaticais*, *tempo e modo verbal*, *tipos de frases* e *ano de publicação*, nessa ordem. Este cópua principal é constituído de 19.980 ocorrências, com input de .27 para o preenchimento, ou seja, bastante baixo, o que corrobora com os resultados encontrados por LIRA (1988) e PAREDES DA SILVA (1991) que, ao analisarem cópua de língua escrita encontraram baixa tendência ao preenchimento.

O primeiro grupo a ser analisado, as *peçoas verbais*, apresenta um total de 19.872 ocorrências devido a 108 dados referentes a sujeitos não recuperáveis apresentados na amostra, ou seja, sujeitos implícitos cujos contextos não permitiram afirmar se poderiam ser elipses de *você* ou *senhor (a)*.

4.1.1. As pessoas verbais

O primeiro grupo selecionado pelo programa foi o das *pessoas verbais*: *eu, tu, você, nós, a gente* e *vocês* e os resultados podem ser observados na tabela abaixo:

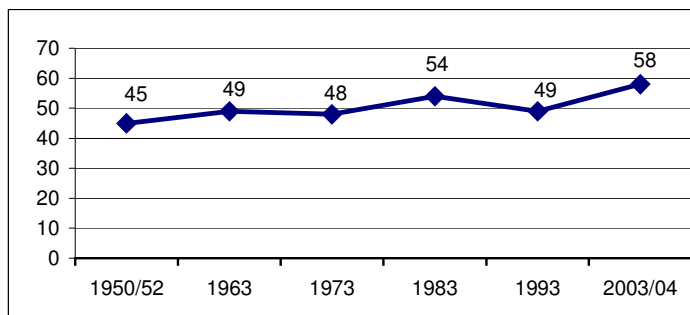
Tabela 8 – Preenchimento dos pronomes sujeitos nas revistas Pato Donald (Input .27).

PRONOME	APL./TOTAL	%	P.R.
Eu	2.799/12.212	23	.42
Tu	7/25	28	.60
Você	2.103/3.143	67	.87
Nós	248/3.374	7	.18
A gente	289/292	99	1.00
Vocês	467/826	57	.82
TOTAIS	5.913/19.872	30	-

Esses números mostram que as HQ aqui analisadas são bastante conservadoras. Apesar de a intenção do editor ser a de simular a fala o que se percebe são números bastante diversos dos obtidos em *cópus* de língua falada. BOTASSINI (1998) encontrou 61% de preenchimento e 39% de ausência. LIRA (1988), comparando textos de língua escrita (cartas familiares) com transcrições de entrevistas, obteve resultados bem próximos dos acima para a língua oral, 58% de preenchimento para 42% de zeros (terminologia da autora), o que corresponde aos sujeitos não-preenchidos. No *cópus* da língua escrita LIRA encontrou 22% de preenchimento e 78% de ausência. As HQ que compõem esta pesquisa apresentaram resultados muito próximos destes: 30% de preenchimento para 70% de elipses, ou seja, a língua escrita favorece o não preenchimento do sujeito pronominal.

O gráfico abaixo mostra a progressão do preenchimento do sujeito na amostra:

Gráfico 1 – Evolução dos pesos relativos do preenchimento do pronome sujeito em tempo real nas revistas Pato Donald.



Estes números nos mostram que, apesar de lenta, há uma tendência crescente de preenchimento, partindo do peso relativo .45 em 1950/52, que revela uma tendência à omissão do pronome sujeito e chegando a .58 em 2003/04, número revelador de uma tendência ao preenchimento desta categoria. Há um acréscimo de .13 entre o ano inicial e o final, no sentido do preenchimento do sujeito.

Ao observarmos as pessoas verbais separadamente verificamos que o comportamento delas é diferente entre si. A primeira pessoa difere das demais primeiramente pelo elevado número de ocorrências. 80% do total das ocorrências do corpus são de pronomes de primeira pessoa, resultado que corrobora com os de outras pesquisas variacionistas. Independente da origem da amostra, se de língua falada ou escrita, a primeira pessoa tem se mostrado a mais utilizada. DUARTE (1995) em 1.416 dados teve 631 casos de pronome *eu* e BOTASSINI (1998), num estudo da primeira e segunda pessoa encontrou 21.334 ocorrências do pronome *eu* em um corpus constituído de 24.181 dados. MENON em seus trabalhos de 1994 e 1996 também obteve um número maior de ocorrências deste pronome. Segundo PAREDES DA SILVA (1991: 92), que também encontrou a primeira pessoa com número superior de ocorrências, isso ocorre porque ela é a mais central, a mais freqüente como sujeito, enquanto a segunda pessoa é menos comum por ser periférica, permanecendo menos no discurso. Já, MONTEIRO (1994), justifica a alta ocorrência da primeira pessoa fazendo referência ao ego-antropocentrismo do discurso, pelo qual os homens tendem a falar mais de si mesmo do que de outros e de outras coisas.

A primeira pessoa tende mais ao não-preenchimento, exceto com o pronome *a gente*, que será tratado mais adiante, característica oposta a da segunda pessoa, que apresenta pesos relativos acima de .80. Em números gerais as primeiras pessoas canônicas apresentaram um percentual de 80% de ausências do sujeito, contra 35% de ausências na segunda. Estes números altos para uma pessoa e baixos para outra corroboram com resultados encontrados em corpúscos distintos, mas também de língua escrita. PAREDES DA SILVA (1991) encontrou 77% de ausência para as primeiras pessoa canônicas e 30% para as segundas. Em corpúscos de língua falada a segunda pessoa também apresenta preenchimento bastante elevado MONTEIRO (1994) encontrou porcentagem superior a 80%.

Na revista Pato Donald a primeira e a segunda pessoa também mostraram comportamento bastante distinto entre si e entre as formas no singular e no plural. A primeira pessoa do singular, *eu*, apresenta uma leve tendência ao não-preenchimento do sujeito, com peso relativo .42. Apenas 23% (2.799) dos 12.212 dados apresentaram o pronome explícito. Apesar de o peso relativo apresentar um favorecimento ao não-preenchimento, .42 para uma língua de sujeito nulo é relativamente alto. Não são muitas, mas há situações com o pronome de primeira pessoa do singular preenchido repetidamente, sem que o uso destas repetições tenha sido feito para desambigüisar ou destacar o sujeito, como orienta a GT. No terceiro balão, abaixo, excetuando o sujeito do verbo *ter*, antecedido da palavra *mesma*, que parece favorecer o preenchimento, os demais poderiam estar implícitos, como o primeiro:

- (77) Já vi que, se eu quiser fazer algo direito, como eu quero, eu mesma tenho de fazê-lo! (Pato Donald, edição especial de julho de 1963)



Neste diálogo ocorre um preenchimento diante de *infinitivo* e outro antes do *presente do indicativo*. O terceiro *eu* não foi considerado como ocorrências por ter seu uso previsto pela GT, usado para dar ênfase: *eu mesma*, não há como eliminá-lo, a não ser eliminando junto a palavra *mesma*. Situação semelhante é a do quadrinho abaixo:

- (78) O que eu preciso é de uma história! E como você tem me azucrinado por uma chance pra ser repórter, eu vou lhe dar esta chance agora! (Pato Donald 2258, de 2003)



Os dois pronomes *eus* explícitos no balão acima poderiam perfeitamente estar implícitos, pois estão diante de um verbo no *presente do indicativo*, cuja desinência é bem marcada. Ocorrências como estas seqüências acima são raras no *corpus*.

A primeira pessoa do singular tem desinência bem marcada em três dos *tempos* e *modos verbais* selecionados para a pesquisa: o *presente* e o *pretérito perfeito do indicativo* e o *futuro do presente*. Nos demais tempos e modos sua desinência coincide com a de outros pronomes, o que possibilita um preenchimento maior para evitar interpretações ambíguas. Para verificar que tempo e modo estão incidindo sobre o preenchimento do sujeito em cada pessoa verbal realizamos uma tabulação cruzada (crosstab) entre estes dois grupos de fatores.

Na Tabela 1 do *Anexo 3* pode-se verificar que é justamente nos tempos e modos onde a primeira pessoa do singular tem desinência bem marcada que o preenchimento é menor. Com o *presente do indicativo* houve 18% de preenchimento contra 82% de ausência. No

pretérito do indicativo, 23% de preenchimento para 77% e ausência e no *futuro do presente* 19% de preenchimento, com 81% de elipses pronominais. Os demais tempos, aqueles sem desinência exclusiva para a primeira pessoa do singular, apresentaram preenchimentos que variam de 59% (*futuro do pretérito*) a 75% (*imperfeito do subjuntivo*), ou seja, a desinência verbal parece condicionar o preenchimento do sujeito, como na frase abaixo onde o *presente do subjuntivo* (com apenas 27% de elipses no *cópus*) apresenta sujeito preenchido para eliminar qualquer possibilidade de confusão, já que esse tempo verbal não apresenta flexão bem marcada para quase todas as pessoas objeto de estudo desta pesquisa.

- (79) E que espera que *eu faça*? Que eu dê pulos de alegria? (Pato Donald 596, de 1963)



A primeira pessoa do plural apresentou peso relativo .18, mostrando uma resistência bem maior ao preenchimento. Ao contrário do singular, o plural apresenta desinência bem marcada em todos os tempos e modos verbais (-mos), de maneira que as 248 ocorrências de pronome explícito poderiam ser elipses e não o são. O único caso de *gerúndio* não preenchido da amostra é uma elipse da primeira pessoa do plural:

- (80) Bem... devolvendo a orquídea, podemos ir embora! (Pato Donald n.º 1 de 1950)

A segunda pessoa do singular (*você*), neste *cópus*, tende a preencher mais o pronome sujeito do que o plural (*vocês*), com pesos relativos de .87 e .82 respectivamente. Esta

forte tendência ao preenchimento possivelmente se deva à desinência não marcada, portanto não exclusiva destas pessoas verbais, que elas apresentam em todos os tempos e modos. PAREDES DA SILVA (1991) encontrou 70% de preenchimento para a segunda pessoa. MONTEIRO (1994) obteve resultados que também indicaram um preenchimento maior com o pronome *você* (68%) do que com o plural, que teve 89%. Segundo ele a terminação verbal tem menos influência do que a noção de pessoa do discurso, ou seja, a ocorrência do sujeito explícito varia de acordo com as pessoas gramaticais. Nas HQ analisadas a segunda pessoa apresentou um percentual de preenchimento de 65%, número bastante próximo ao encontrado por PAREDES DA SILVA.

O que chama a atenção na tabela acima é a segunda pessoa canônica, ou seja, o *tu*. Este pronome também tem flexão bem marcada e sua tendência de preenchimento é de .60. O que temos neste caso é uma inversão entre porcentagem e peso relativo. O *tu* preenchido representa 28% do número total deste pronome no corpus e sua tendência de preenchimento é de .60, enquanto o não-preenchimento representa 72% com peso relativo .40, tendendo ao não-preenchimento. Neste corpus as ocorrências deste pronome estão restritas aos três primeiros números da revista Pato Donald (01, 02 e 03 de 1950) , ou seja, a partir da quarta edição da revista o pronome de segunda pessoa passa a ser exclusivamente o *você*. Na revista número 1 o *tu* ocorre no ambiente da floresta, com a personagem Lobão e seu filho, o Lobinho, mas não com as demais personagens que interagem no mesmo espaço.

(81) Meu filho, já é tempo de *pensares* nas responsabilidades de família! (Página 26)

(82) É tempo de *procurares* um meio de vida! (Página 26)



(83) Ouve! Tu és meu filho! (...) (Página 27)



(84) Sou eu! Vim brincar com *ocê*! Lobinho para Prático, um dos porquinhos.
(...) (Página 27)

(85) Então *tu* te viraste contra mim! *Tu*, meu próprio filho! Que infeliz sou eu!
(Página 28)

(86) Então, a verdade é que *tu* gostas que eu seja o palhaço do bosque! Que todos se riam de mim! (Lobão para Lobinho, página 28)

(87) Agora sim, *falas* como meu verdadeiro filho! Estou orgulhoso de *ti*! (Página 28)

(88) *Você* acertou! (Lobinho para Prático, página 29)

(89) E *você*, por acaso, esperava alguma coisa como isso, seu tratante? (...) *Você* deve estar cheio de pulgas! Vamos ver se com isso elas se acabam para sempre! (Prático para Lobão, página 29)

(90) Ah, porquinho de má sorte! Quando eu te agarrar *vais* te arrepender de ter nascido! (Lobão para Prático, página 30)

(91) *Meteste* de novo os pés pelas mãos... (Lobinho para Lobão, página 30)

(92) Que dizes? Venceste o porquinho? (Lobão para Lobinho, página 30)

(93) *Você* e meu filho estão perdidos! Agora *vão* pagar bem caro por esta brincadeira! (Lobão para Prático e Lobinho, página 30)

Estes exemplos nos mostram, numa mesma história, *você* e *tu* aparentemente alternados, inclusive na fala da mesma personagem. No entanto, Lobinho usa com o Lobão *tu* e com os porquinhos, *você*. O Lobão usa o *tu* quando esta só com o Lobinho e quando este está com os porquinhos, é tratado pelo pai pelo pronome *você*.

Na revista número 2 este pronome já não está mais sendo usado pelos habitantes da floresta, aparece da fala da Minie, namorada do Mickey e nas falas das crianças, sobrinhas do Pato Donald:

(94) Se *gostas* de sua vida fuja, Mickey, depressa! (Minie, página 10)

(95) Já *vês* que a coisa não é tão fácil! (Hzi, página 24)

Nesta revista há uma alternância no uso da segunda pessoa, ora os sobrinhos do Donald usam *tu*, como acima, ora usam *você*, como abaixo:

(96) Por que não acende o fogo? (Página 15)



A revista de número 3 traz os sobrinhos do Pato Donald, Huguinho, Zezinho e Luizinho, utilizando somente o pronome *tu*:

(97) Tu não podes soprar e eu tampouco! (Página 28)

(98) Até logo, tio! Deixamos-te sozinho porque *prometeste* ficar acordado!
(Página 29)



(99) Não cantes vitória, irmão! (Página 36)



Nesta mesma edição a personagem Lobão, que na revista número 1 utilizava o pronome *tu*, faz uso apenas do pronome *você*.

(100) O que você está fazendo? (página 25)



(101) Você está louco? (Página 25)



(102) Você não tem vergonha de ser lobo e não poder nem mesmo apagar esta miserável vela? (Página 25)



A partir desse número não há mais nenhuma ocorrência da segunda pessoa canônica, inclusive, na edição de número 10, de 1951, página 32, há uma personagem que conjuga o verbo gostar usando o pronome *você* na segunda pessoa:

- (103) Eu gosto de milho! Você gosta de milho! Nós gostamos de milho!



A segunda pessoa do plural canônica (*vós*) apresentou uma única ocorrência neste corpus de 19.980 dados (revista 2276, de 2003) e não recebeu codificação:

- (104) Vós ireis vos arrepender do dia em que entrastes aqui!

A personagem que utilizou esta forma, na fala imediatamente anterior, e em outras, usou a segunda pessoa *vocês*:

- (105) Posso levar vocês até o outro lado por uma moeda de ouro!

4.1.1.1. O pronome *a gente*

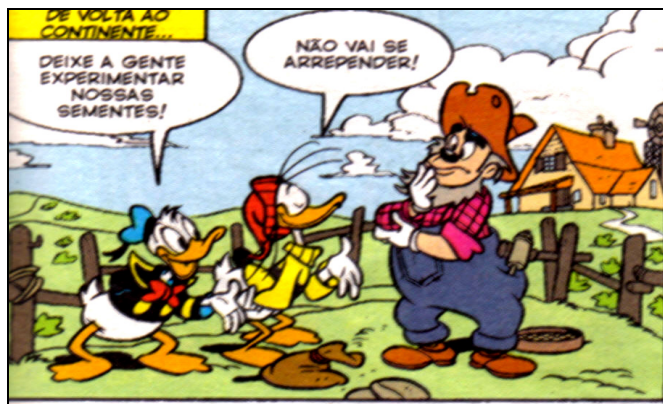
O pronome de primeira pessoa *a gente* apresentou peso relativo 1.0, preenchimento categórico, apesar de, neste conjunto de dados, haver três casos de sujeito não-preenchidos aos quais o programa não atribuiu peso. Esta tendência acentuada ao preenchimento era previsível uma vez que a forma verbal que se compatibiliza com este pronome é de morfema

número-pessoal não marcado. A elipse do sujeito *a gente* se dá em situações bem específicas. As três ocorrências de elipse com o pronome apresentam-no expresso na sentença anterior: Destaque-se aqui que o primeiro dos exemplos abaixo, apesar de apresentar uma coordenada, teve a ausência de preenchimento considerada devido à distância entre os verbos, ou seja, partiu-se do princípio de que um preenchimento nesta posição seria aceitável.

- (106) Claro! *A gente* recortava as embalagens da bolacha croc e Ø enviava... (Pato Donald 1634, de 1983)
- (107) *A gente* só queria dar os parabéns pela sua recompensa antes de Ø ir para a escola! (Pato Donald 1648, de 1983)
- (108) É melhor se livrar da grana ou os tiras vão pegar a gente com a mão na massa. (Pato Donald 2023, de 1993)

Segundo OMENA (1996) os tempos não marcados e o presente mostram maior probabilidade para o uso de *a gente*. Através da Tabela 1 do Anexo 3, já referida, pode-se perceber que os *tempos e modos verbais* que mais propiciam o uso deste pronome são o *presente do indicativo*, com 52% das ocorrências do *a gente*, seguido pelo *infinitivo* com 24,4%, como na frase abaixo:

- (109) Deixe a gente experimentar nossas sementes!



Em terceiro estão dois *tempos e modos verbais*: o *pretérito perfeito do indicativo* e o *futuro do pretérito*, ambos acompanhando 7,2% das ocorrências. Na sequência estão o *pretérito imperfeito* (4%), o *imperfeito do subjuntivo* (2,4%), o *presente do subjuntivo* (1,4%), o

futuro do presente (1%) e em último o *futuro do subjuntivo* (0,4%). O *gerúndio* não teve nenhuma ocorrência junto ao pronome *a gente*, neste corpus.

Para fazer o levantamento das ocorrências do pronome em questão cuja referência é indeterminada foram feitas e destacadas anotações no corpus à medida que elas iam surgindo. Nas revistas do período 1950/52 há dez ocorrências do *a gente*, destas, duas têm referência indeterminada, não correspondendo à primeira pessoa do plural.

(110) É formidável *a gente* passear com a noiva! (Pato Donald n.º 2)

(111) *A gente* sente-se abatido sem vontade de fazer nada! (Pato Donald nº 9)

Em 1963 foram 22 ocorrências do pronome e somente uma delas teve como referência a primeira pessoa do plural, todas as demais são de referência indeterminada:

(112) Se isto continuar assim *a gente* não poderá sequer tirar uma soneca!
(Pato Donald 592)

No ano de 1973 este pronome teve 19 ocorrências, 11 de referência indeterminada e uma de primeira pessoa do singular. Na história onde essa ocorrência aparece, a personagem Mickey está vendo seu sobrinho Chiquinho se exibir com um bastão, que lança para cima dizendo que irá pegá-lo sem olhar, mas não consegue e fala:

(113) Às vezes *a gente* erra! Agora não poderei desfilar na parada! (Pato Donald 1136)

No diálogo acima Chiquinho refere-se única e exclusivamente a ele mesmo, foi ele quem errou, só ele, tanto é que na seqüência o pronome sujeito não preenchido, que antecede o *futuro do presente*, é da primeira pessoa do singular (eu).

Em 1983 há dois casos de indeterminação do pronome *a gente* em 84 ocorrências, ou seja, este pronome, neste ano, ocorreu quase que exclusivamente como primeira pessoa do plural, praticamente deixando de ter referência indeterminada:

(114) Só você não sabe que *a gente* deve segurar a urtiga pelo caule, tio Donald! (Pato Donald 1678)

- (115) A gente recortava as embalagens da bolacha croc e enviava...(Pato Donald 1634)

Das 50 ocorrências do ano de 1993, somente três têm referência indeterminada:

- (116) O melhor disso tudo é que a gente garante a almoço! (Pato Donald 2008)
- (117) Com eles a gente pode falar com qualquer um, onde quer que esteja! (Pato Donald 2011)

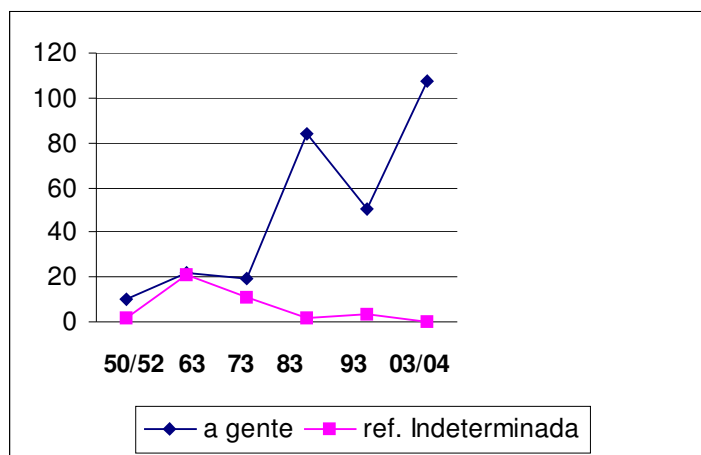


- (118) Nem no circo a gente vê saltos acrobáticos tão perfeitos! (Pato Donald 2017)

No último período analisado foram 107 pronomes *a gente*, destes nenhum apresentou referência indeterminada, ou seja, todos exercem função de primeira pessoa do plural. Este resultado, no último período analisado, pode estar mostrando que o *a gente* assumiu a primeira pessoa do plural, deixando de ter referência indeterminadora.

O gráfico abaixo permite uma melhor visualização da trajetória do pronome *a gente* nas HQ analisadas:

Gráfico 2 – O pronome *a gente* e sua referência na revista Pato Donald, em números absolutos.



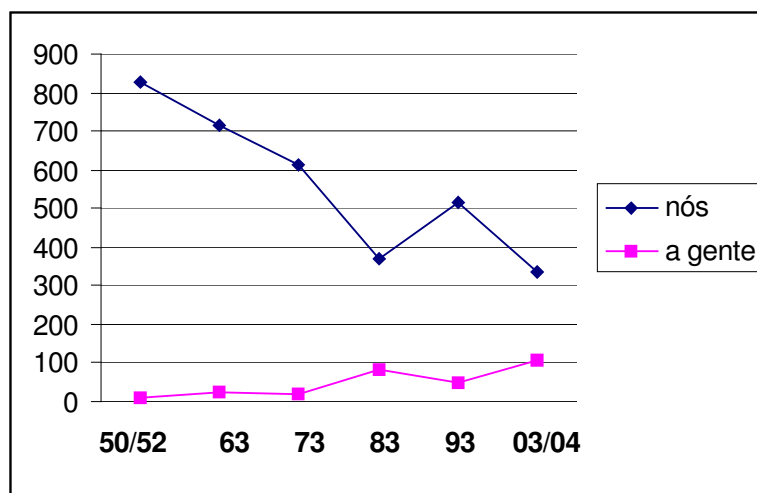
Pode se observar, acima, a trajetória do *a gente*, com picos altos e a curva terminando em ângulo bastante favorecedor à ascensão do uso desse pronome, enquanto a curva da referência indeterminada termina em zero. No primeiro período temos 10 ocorrências do pronome e apenas duas indeterminações, o que passa, no segundo ano analisado, a representar quase a totalidade dos casos deste pronome no corpus (21 indeterminações para 22 ocorrências). A partir deste ano ela mostra-se em queda, 11 para 19 em 1973, apenas 2 para 84 em 1983 e finalmente o pronome *a gente* assume apenas a função de primeira pessoa do plural em 2003/04, com 107 ocorrências. Em outras palavras, dos 292 dados do pronome *a gente*, somente 39 são de referência indeterminada, 13% dos casos, todos anteriores a 2003/04, o que nos mostra que este pronome, neste corpus, assumiu a função de primeira pessoa do plural.

Esta trajetória do pronome *a gente* vem confirmar os passos de sua gramaticalização. Segundo OMENA (1996: 190) provavelmente o *a gente* substituindo o *nós* e perdendo sua referência indeterminadora tenha tido origem na necessidade de contrapor uma referência precisa a uma imprecisa, na primeira pessoa do plural. Esta ascensão apresentada pelo pronome *a gente* na língua escrita é mais significativa em corpus de língua oral. Em SILVA (2003b) encontrei apenas 7 ocorrências do pronome em 699 dados em um corpus constituído de 77 produções escolares de alunos da 4.^a e 8.^a séries do Ensino Fundamental e do 3.^o ano do

Ensino Médio. Em contrapartida, BOTASSINI (1998) em um estudo sobre o preenchimento pronominal na primeira pessoa, *eu/nós*, encontrou um número maior de *gente* do que do plural canônico, 3.717 ocorrências do pronome *a gente* (todas com pronome explícito) para 2.847 do pronome *nós*. Em outras palavras percebe-se uma tendência maior do uso do pronome *a gente* na língua falada, normalmente menos formal por ser mais espontânea, enquanto na língua escrita o pronome mostra um uso mais moderado, mas em crescimento, conforme LIRA (1988) e FREITAS (1991a). Não houve, em todo o *corpus*, nenhum caso de uso do pronome *nós* com referência indeterminada, o que também corrobora com os resultados de OMENA (1996) que afirma ser o *a gente* a forma preferida¹⁶ para a referência mais geral, indeterminadora. Estes dados confirmam nossa hipótese inicial de que o pronome *a gente* está perdendo a referência indeterminadora e assumindo a primeira pessoa do plural.

Em contrapartida o pronome *nós* parece estar fazendo o caminho inverso do *a gente* na referência da primeira pessoa do plural, conforme mostra o gráfico abaixo, no qual foram utilizados números absolutos para melhor visualização. A linha destes pronomes, traçada em porcentagem, pode ser vista no gráfico 6, adiante, juntamente com os demais pronomes da amostra.

Gráfico 3 – Uso dos pronomes *nós* e *a gente*, por década.



¹⁶ Terminologia da autora.

Embora o número de ocorrências seja bastante diferente entre os pronomes e entre as décadas o que se percebe é um acréscimo no uso do pronome *a gente* enquanto ocorre um decréscimo com o pronome *nós*. As ocorrências da primeira pessoa do plural no corpus (*nós* e *a gente*) representam 18% de todos os dados. Em 1950/52 o pronome *nós* representava 18% das ocorrências do período, em 1963, 22%, em 1973, 17%, em 1983, 14%, em 1983 15% e em 2003/04, 11%. Com o pronome *a gente* os números são os seguintes: 1950/52/0,22%, 1963/0,70%, 1973/0,53, 1983/3,2%, 1993/1,5% e 2003/04/3,6%. As exposições em gráfico destas ocorrências apresentam uma curva em S, que, segundo MENON (2003), é característica da mudança. Esta mesma curva em S, tanto para o *a gente* como para o *nós*, foi encontrada pela autora, que apresentou uma distribuição das variantes em peso relativo, por década, onde se pode verificar que a primeira pessoa do plural canônica tem peso relativo .90 em 1950 e em 1999 está com .18, enquanto o *a gente* começa com .10 e em 1999 apresenta tendência de uso de .82. No gráfico acima o que se percebe é uma ligeira queda no uso no pronome *a gente* nos períodos de 1973 e 1993, mas no cômputo geral o pronome *nós* está em queda, em 1950/52 ele era usado oitenta vezes mais que o pronome *a gente* e em 2003/04 esta correspondência caiu para três por um.

Não fizemos, por hora, por não ser o objetivo deste trabalho, uma análise procurando observar a alternância do *nós* e do *a gente*, ou seja, se a personagem começa usando *a gente* e passa para *nós*, ou vice-versa. Não houve nenhum caso em todo o corpus de variações estigmatizados como “a gente fizemos” ou “nós fez”. OMENA (1996: 311) e BOTASSINI (1998) destacam que encontraram poucos casos do pronome *a gente* com o verbo conjugado na primeira pessoa do plural canônico, em dados de língua falada. O fato de não haver neste corpus nenhuma ocorrência desses casos revela que, aparentemente, todas as concordâncias estão de acordo com os cânones gramaticais, característica do conservadorismo mais inerente ao texto escrito.

Segundo MENON (2003: 104):

... uma das características finais do processo de gramaticalização é, de um lado, justamente a integração da nova forma ao paradigma já existente e, de outro, a incorporação (apropriação) de formas já existentes, relacionadas à variante que a nova forma vem desalojar: seria o caso do uso do possessivo *nosso* aplicado a *a gente*.

Quanto à integração da nova forma ao sistema, este corpus e outros já citados neste trabalho, mostraram que é um fato. No tocante a incorporação de formas relacionadas ao pronome *nós*, neste corpus há três exemplos de *a gente* com o possessivo em questão:

(119) *A gente* pode emprestar o dinheiro do *nosso* cofrinho! (Pato Donald 1644, de 1983)

(120) *A gente* só queria ajudar *nosso* tio! (Pato Donald 2011, de 1993)



(121) Sugiro que *a gente* recomece *nosso* emagrecimento já! (Pato Donald 2011, de 1993)

Esses resultados em tempo real mostram o processo de gramaticalização do pronome *a gente*.

A análise dos números totais referentes à primeira e à segunda pessoa vem confirmar a hipótese inicial de que as pessoas verbais têm comportamentos bastante distintos entre si. A primeira pessoa, excetuando o pronome *a gente*, mostra-se mais conservadora devido a possuir desinência específica em alguns casos, no singular, e em todos, no plural, enquanto a segunda, *você/vocês*, favorece largamente o preenchimento por não possuir desinência bem

marcada, o que confirma outra hipótese: as desinências verbais representam fator inibidor para o preenchimento do pronome sujeito.

Para finalizar os comentários sobre o grupo de fatores *pessoa verbal* destaca-se que o preenchimento dos pronomes sujeitos no *cópus* foi de somente 30%, índice que favorece grandemente o não preenchimento. Em dados de *cópus* constituídos de língua falada os índices são bastante diferentes, cerca de 60% de preenchimento e 40% de ausência, BOTASSINI, por exemplo, encontrou, num *cópus* constituído a partir das entrevistas do VARSUL, 61% de preenchimento e 39% de ausência. O índice baixo de preenchimento deste *cópus* mostra que a revista em quadrinhos Pato Donald não é representação da língua oral; apesar da intenção do editor de simular a fala e do senso comum, inclusive de muitos professores de português, que condenam sua leitura com a justificativa de que elas representam a fala, e, portanto, não são indicadas para a leitura dos alunos. Se fosse, os resultados desta seriam semelhantes àquela. O fato de ser escrito e revisto e esta revisão estar voltada à GT está fazendo diferença. 30% de preenchimento, em um *cópus* constituído de amostra da língua escrita está bem próximo do encontrado por LIRA (1988) que foi 22%. Este resultado vem confirmar que a língua escrita realmente apresenta um índice de preenchimento bem menor do que a língua falada. De qualquer forma, como já mencionado anteriormente, este índice é considerado alto para uma língua cuja orientação vai no sentido de não empregar o sujeito pronominal, exceto em alguns casos específicos: dar ênfase à pessoa do discurso, evitar ambigüidades e opor as pessoas gramaticais.

4.1.2. Tempo e modo verbal

Das dez formas verbais encontradas no *cópus* nenhuma apresentou *nocaut*, não havendo necessidade de exclusão. A tabela abaixo traz os números percentuais e os pesos relativos de cada tempo e modo verbal encontrado no *cópus*.

Tabela 9 – Preenchimento do pronome sujeito a partir do grupo fatores *tempo e modo verbal* na revista Pato Donald.

TEMPO E MODO VERBAL	APL./TOTAL	%	P.R.
Presente do indicativo	3.429/13.510	25	.46
Futuro do presente	395/1.660	24	.50
Pretérito perfeito do ind.	930/2.722	34	.52
Infinitivo	383/731	52	.57
Futuro do subjuntivo	32/102	31	.58
Presente do subjuntivo	69/136	51	.70
Futuro do pretérito	350/600	58	.79
Pretérito imperfeito do ind.	234/384	61	.83
Imperfeito do subjuntivo	86/129	67	.87
Gerúndio	5/6	83	.96
TOTAIS	5.913/19.980	30	-

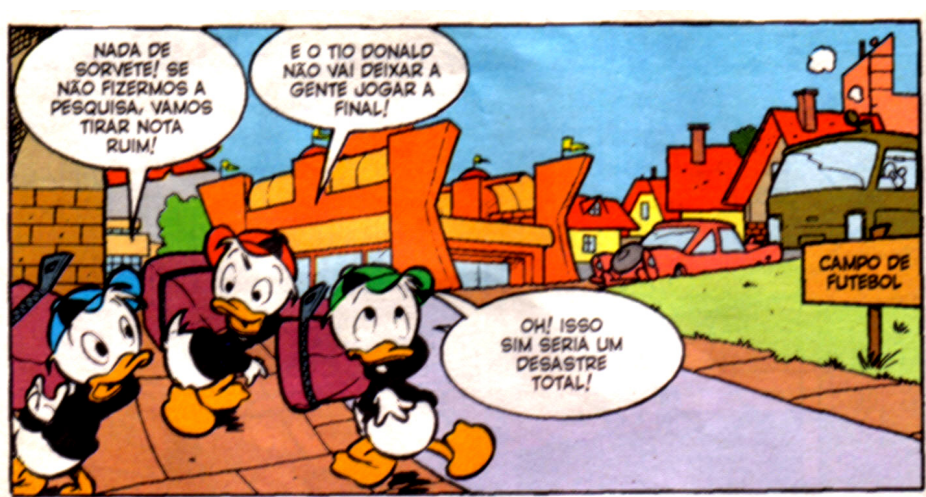
Os tempos e os modos verbais que mais ocorrem são o *presente* e o *pretérito perfeito do indicativo*, apresentando .46 e .52 de tendência ao preenchimento da regra variável, respectivamente. Há, portanto, um ligeiro favorecimento no sentido de preencher o sujeito pronominal com o *pretérito perfeito do indicativo*. Aparentemente as desinências parecem não estar inibindo o preenchimento do sujeito, por outro lado, se observarmos os outros *tempos e modos verbais*, veremos que os pesos relativos apontam um grande favorecimento ao preenchimento do sujeito, exceto com o *futuro do presente*, ou seja, as desinências bem marcadas permitem o preenchimento do sujeito, mas em menor escala, pois os verbos com menos marcas desinenciais apresentam maior tendência de preenchimento.

O *pretérito perfeito do indicativo* tem 34% das ocorrências preenchidas, contra 66% de ausências do pronome sujeito e o que o programa nos mostra é que a tendência de ocorrer um sujeito pronominal explícito com este *tempo e modo verbal* é maior (.52) do que a tendência de o pronome aparecer elíptico (.48), pois os pronomes *você*, *vocês* e *a gente* apresentam porcentagem de preenchimento, neste caso, 65%, 62% e 95% respectivamente (o que pode ser verificado a partir da leitura da Tabela 1 do Anexo 3, já referida). Com este *tempo e modo verbal* somente os pronomes de primeira pessoa canônicos apresentaram baixo percentual de preenchimento por serem bem marcados, neste caso: *eu* 23% e *nós* 25%, o que resulta em

uma tendência favorecendo o preenchimento, o inverso do que os números percentuais mostram. Este é o único tempo verbal em que o pronome *nós* apresentou porcentagem de preenchimento maior do que a primeira pessoa do singular, revelando-se como um contexto favorecedor do preenchimento da primeira pessoa do plural, canônica, na posição de sujeito.

O mesmo pode ser observado com o *futuro do subjuntivo*, que teve 31% de suas ocorrências com sujeitos preenchidos e 69% de ausências e a tendência de preenchimento é de .58. A tendência é o inverso da porcentagem. Em outras palavras, houve uma ausência maior do pronome, mas a tendência é que esta categoria seja mais preenchida do que elíptica com este *tempo e modo verbal*. Das 102 ocorrências do *futuro do subjuntivo*, 44 tem como sujeito o pronome *nós* e 98% destes estão elípticos, conforme exemplo abaixo. As outras pessoas apresentaram índices percentuais bem maiores no preenchimento desta categoria, exceto o pronome *você*, por isso esta tendência mostrou-se mais elevada (*eu* 56%, *vocês* 64% e *a gente* 100%).

- (122) Se não fizermos a pesquisa, vamos tirar nota ruim! (Pato Donald 2258, de 2003)



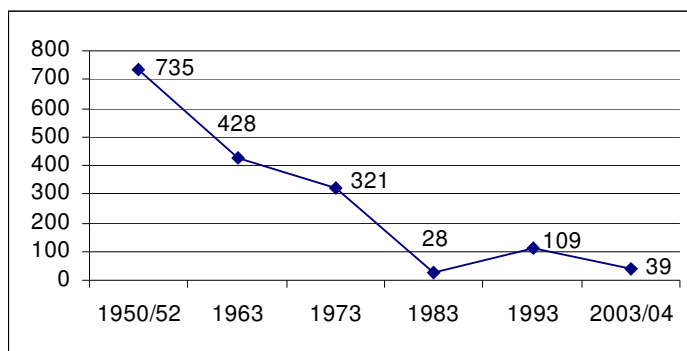
O *futuro do presente*, no entanto, nos mostra uma porcentagem baixa de preenchimento, apenas 24% destes verbos tiveram os sujeitos preenchidos e 76% deles apresentaram pronome ausente, mas, apesar disso o que a análise probabilística nos mostra é que com este *tempo e modo verbal* não há tendência nenhuma, nem de preenchimento, nem de

ausência, ou seja, o peso relativo é neutro, em outras palavras, a amostra analisada não aponta o *futuro do presente*, que é um tempo com marcas desinenciais específicas, como favorecedor ou inibidor da aplicação desta regra variável. A primeira pessoa canônica teve baixo percentual de preenchimento, o oposto do pronome *a gente*, que teve 100% de preenchimento com três ocorrências e da segunda pessoa, inclusive a canônica, que teve 100% de preenchimento, mas apenas uma ocorrência. Possivelmente esse ponto neutro tenha sido obtido a partir do grande número de ocorrências de primeira pessoa canônica, 1.425, que apresentaram baixa porcentagem de preenchimento, apenas 16% e o alto índice percentual do pronome *a gente* e da segunda pessoa, inclusive a canônica, que, apesar do reduzido número de ocorrências, 235, apresentaram preenchimento em 70% delas. BOTASSINI (1998) encontrou apenas duas ocorrências deste *tempo e modo verbal*, em um corpus constituído de língua falada e com 24.181 dados. A pesquisadora justifica este reduzido uso do *futuro do presente* afirmando que ele *é muito pouco usado na língua falada*, o que corrobora com CUNHA (1984: 439), onde se pode ler a mesma observação. A análise de revista Pato Donald apresenta 1.660 ocorrências, num corpus menor do que o da pesquisadora acima, o que vem somar às outras evidências de que as HQ não são representação do oral, apesar de tentarem simular a fala.

Em pesquisa anterior constatei que o *futuro do presente*, mesmo em dados de língua escrita, apresenta um declínio bastante acentuado no uso (SILVA 2003). Analisando duas obras do autor Pedro Bandeira, *Mariana e Descanse em paz, meu amor*, obtive 89 ocorrências de contextos de futuridade e apenas dezesseis delas, no livro *Descanse em paz, meu amor*, se fizeram representar pelo *futuro do presente*, todos os outros contextos de futuridade foram representados por perífrases verbais. Das dezesseis ocorrências, quatorze faziam parte de uma inscrição em uma tumba egípcia que a personagem, um arqueólogo, procurava há muito tempo. Parece que o autor do livro preferiu usar uma forma verbal menos produtiva na língua, no estágio atual, para representar o futuro em um passado bastante distante. Como as HQ analisadas têm se mostrado conservadoras, no sentido de estarem preenchendo menos o pronome sujeito do que omitindo, era previsível que o número de ocorrências do *futuro do presente* fosse relativamente alto. Da mesma maneira que o preenchimento do sujeito vem aumentando com o passar do tempo, revelando uma mudança no que diz respeito à aplicação desta regra variável, o número das ocorrências com este tempo verbal vem diminuindo.

O gráfico abaixo permite uma melhor visualização desta queda, trazendo os números de ocorrências deste verbo, por período analisado:

Gráfico 4 – Uso do *futuro do presente*, nas revistas Pato Donald.



Os números acima mostram que o *futuro do presente* está se tornando raro também na escrita¹⁷, não somente na língua falada, como propala a GT. Uma das poucas ocorrências do último período analisado é a frase abaixo, única da revista, que ocorre após um contexto de futuridade representado por um verbo no *presente*:

(123) Mantereí o hotel são e salvo, chefe! (Pato Donald 2302, de 2004)



¹⁷ Relembro aqui que a orientação da editora é seguir a GT e, mesmo assim, é possível detectar algumas variações do PB neste corpus.

O período de 1993 apresenta um comportamento diferente, mostrando uma elevação bastante considerável em relação ao ano anterior, para voltar a cair no período seguinte. O mesmo pode ser verificado nos gráficos anteriores. No gráfico 1, que mostra a evolução do peso relativo do preenchimento, em 1993 o crescimento é interrompido, voltando no período seguinte. Nos gráficos 2 e 3, sobre os pronomes *a gente* e *nós* o que se percebe é que o crescimento do uso do pronome *a gente* foi interrompido em 1993, voltando a crescer em 2003/04 e o pronome de primeira pessoa do plural, canônico, que apresenta, no gráfico 3, uma linha decrescente, no ano de 1993 apresenta um pico de acréscimo. Possivelmente sejam necessários outros estudos para entender o comportamento distinto neste ano, que aparenta uma tentativa de retomar mais severamente os princípios normativos da GT.

O *presente do subjuntivo* também apresentou resultados bastante interessantes, suas porcentagens de preenchimento/não-preenchimento estão bem próximas, 51/49%, no entanto a tendência de preenchimento obtida pela análise é de .70 contra .30 para o não-preenchimento. Este *tempo e modo verbal* apresenta a mesma desinência número-pessoal para a primeira pessoa do singular, *eu*, para a segunda, *você* e para o pronome *a gente* (-e), a segunda pessoa do plural também tem desinência idêntica à terceira (-em). Desta forma o sujeito pronominal deve tender mesmo ao preenchimento, para evitar interpretações dúbias. O que contribuiu para que a porcentagem de preenchimento ficasse baixa foi o pronome *nós*, que apresentou 25 dos seus 26 casos com o *presente do subjuntivo*, elípticos, representando 96%.

Além deste, os *tempos e modos verbais* que mais propiciam o preenchimento do sujeito são: *gerúndio*/.96, *imperfeito do subjuntivo*/.87, *imperfeito do indicativo*/.83, o *futuro do pretérito*/.79 e o *infinitivo*/.57. Apesar de os números mostrarem uma grande tendência ao preenchimento com eles, todos esses tempos juntos somam 1.850 ocorrências, de um total de 19.980 dados, menos de 10% da amostra. Quanto ao *gerúndio* a GT não menciona o fato de esta forma aceitar sujeito pronominal e o *corpus* apresentou 5 ocorrências de preenchimento e uma ausência. São três ocorrências em 1993, uma em 1973, uma em 1983 e uma em 1950. Não há nenhuma ocorrência de *gerúndio* nos anos de 1963 e 2003/04. Como o *gerúndio* não apresenta desinência pessoal, o caso de elipse foi constatado levando-se em consideração toda a frase. O número de dados do *gerúndio* representa apenas 0,03% da amostra, mesmo tendo uma representatividade exígua o que se verifica é algo não previsto pela GT. Das seis ocorrências de *gerúndio*, das quais cinco podemos ver abaixo, quatro estão acompanhadas do pronome *eu*

explícito, uma com *você* também explícito e um sujeito ausente da primeira pessoa do plural canônica:

- (124) Eu gastando minhas energias e a porta estava aberta! (Pato Donald 1638, de 1983)
- (125) E eu pensando que ia agradecer! (Pato Donald 1134, de 1973.)
- (126) Bem... devolvendo a orquídea, podemos ir embora? (Pato Donald 01, de 1950)
- (127) E eu pensando que queria vendê-la! (Pato Donald 2001, de 1993)



- (128) Eu escutei você falando em seu quarto que não queria que eu morasse mais com você. (Pato Donald 1017, de 1993)

Para finalizar os comentários sobre os *tempos* e *modos verbais* importa destacarmos que os dados da amostra se concentram mais no *presente do indicativo*, que representa 67% do total de ocorrências, seguido do *pretérito perfeito do indicativo*, com 14%, tendo em terceiro lugar o *futuro do presente*, com suas 1.660 ocorrências, 8,3% dos 19.980 dados. O restante, 10,7%, é representado pelos demais *tempos* e *modos verbais* selecionados para este grupo de fatores.

4.1.3. Tipos de frases

Esse grupo de fatores foi selecionado como relevante pelo programa Varbrul em terceiro lugar, e é o último dos grupos de fatores lingüísticos aqui apresentados. Para um maior refinamento da análise foi feita uma tabulação cruzada entre os grupos de fatores *tipos de frases* e *peçoas verbais*, que pode ser observada no Anexo 3, Tabela 2. A distribuição geral das 19.980 ocorrências dentro do grupo de fatores pode ser observada abaixo:

Tabela 10 – Preenchimento do pronome sujeito a partir do grupo de fatores *tipo de frases* na revista Pato Donald.

TIPOS DE FRASES	APL. TOTAL	%	P.R.
Interrogativa	961/2.501	38	.34
Declarativa negativa	524/1.998	26	.49
Declarativa afirmativa	4.428/15.481	29	.53
TOTAIS	5.913/19.980	30	

As frases declarativas afirmativas representam 77% da amostra, enquanto as interrogativas, 13% e as negativas, exatos 10%. Há uma tendência de preenchimento nas frases declarativas afirmativas, que apresentaram peso relativo .53. as frases negativas tendem levemente à ausência, com .51, enquanto as interrogativas a propiciam largamente, com .66.

Com as frases declarativas afirmativas houve uma inversão de valores entre as porcentagens e os pesos relativos. Das 15.481 frases afirmativas, 11.053 (71%) não apresentaram pronome sujeito expreso, mas a análise probabilística mostra peso relativo de .53 para o preenchimento, ou seja, há uma tendência maior ao preenchimento do que à omissão quando a frase é afirmativa.

As pessoas verbais que apresentaram alto índice de preenchimento foram as não canônicas, que representam 16% do número total das frases afirmativas: *você* preencheu 78%, *vocês*, com 67% de preenchimento e o *a gente*, que apresentou pronome explícito em 99% das ocorrências. As pessoas canônicas representam 84% das frases afirmativas e apresentaram altos índices de ausências, sendo elas as mais responsáveis pelos 71% das elipses: *eu*/77%, *nós*/93% e *tu*/81%. O que se pode perceber é que a desinência verbal bem marcada inibe o preenchimento

quando a frase é afirmativa, o que não acontece exatamente desta forma com os demais tipos de frases.

Os números da tabela acima corroboram com os resultados de DUARTE (1995), que menciona o fato de as frases interrogativas e as negativas propiciarem a ausência do sujeito pronominal. No *cópus*, quando a frase é interrogativa, os pronomes que não apresentam tendência ao não preenchimento são o *você*, que apresenta 50% dos dados preenchidos e 50% ausentes e o *a gente*, com 98% de preenchimento nesta situação. A primeira pessoa canônica preenche mais a posição de sujeito quando a frase é interrogativa do que nas negativas ou declarativas afirmativas, o pronome *eu* apresentou pronome explícito em 29% das ocorrências e o *nós*, em 8%, os maiores índices de preenchimento destas duas pessoas.

A grande tendência de ausência com as frases interrogativas possivelmente se deva à circunstância pragmática, isto é, na grande maioria das situações de indagações o olhar do falante (ou um outro gesto) geralmente é dirigido ao seu interlocutor antes da pergunta propriamente dita, o que minimiza as interpretações ambíguas.

(129) Que quer? (Pato Donald nº 13, de 1963.)



Este é um diálogo entre o Pateta e o Mickey. O Pateta, neste caso, olha para o Mickey e faz a pergunta, o seu olhar, direcionado ao interlocutor, dispensa o uso do pronome sujeito. O mesmo acontece na situação abaixo:

(130) Não acha que esse arame está eletrificado? (Pato Donald n.º 14, de 1951)



Em circunstâncias como esta não há necessidade de explicitar o pronome sujeito, só há duas pessoas, o verbo *achar*, conjugado no presente do indicativo, *acha*, só pode ter como sujeito o *você*, a pessoa com a qual se está conversando, os dois estão sozinhos e não falam sobre a opinião de outra pessoa a respeito de o arame estar ou não eletrificado, portanto a elipse do sujeito é perfeitamente entendida pela situação pragmática. Possivelmente um sujeito explícito nestas circunstâncias serviria para enfatizar o sujeito, o que, na minha opinião, também depende da situação. Há ocasiões que a ênfase no pronome lexicalmente desnecessário se dá pela circunstância. Na situação:

(131) O quê? Você andou bebendo? (Pato Donald n.º 14, de 1951)



o preenchimento do sujeito do verbo *andar* pesa sobre a pergunta. “*Andou bebendo?*” tem um valor semântico, com o pronome expresso tem outro, ou outros, um deles pode ser “Você, que não bebe, andou bebendo? Você?”

As frases negativas, neste córpus, apresentam peso relativo .51 para a ausência, o que representa uma pequena tendência. O que provavelmente conduziu o resultado da análise para este lado foi a primeira pessoa, o pronome *eu* apresenta 80% de suas ocorrências com pronomes elípticos e o *nós*, 94%. A única pessoa canônica a apresentar tendência ao preenchimento foi o pronome *tu*, que tem apenas três frases com elemento de negação em todo o córpus, destas, duas estão preenchidas e uma não. O pronome *você* preencheu 74% das ocorrências em declarativas negativas, o *vocês*, 57% e o *a gente* 100% das 26 ocorrências com este tipo de frases. O que pôde ser observado é que quatro pronomes apresentaram preenchimento menor com as negativas do que com as afirmativas. O pronome *vocês*, apesar de preencher 57% das suas ocorrências, com as negativas está preenchendo menos do que com as afirmativas, com as quais preencheu 67%. O singular, *você*, preencheu 78% com as afirmativas e 74% com as negativas. A primeira pessoa canônica apresentou o mesmo comportamento, o pronome *eu* preencheu 23% com as afirmativas e 20% com as negativas e o *nós*, 7% com as afirmativas e 6% com as negativas. Para estes pronomes o elemento de negação está funcionando como inibidor do sujeito. Os pronomes *tu* e *a gente* preencheram mais a categoria do sujeito com as negativas do que com os outros tipos de frases do grupo.

4.1.4. Os fatores extralingüísticos

Os grupos de fatores extralingüísticos permitem que se visualize se fatores não lingüísticos têm alguma influência na aplicação da regra variável em estudo. Os fatores sociais arrolados nesta pesquisa foram *sexo*, que objetiva verificar se homens e mulheres apresentam comportamento diferenciado quanto ao preenchimento/não-preenchimento do pronome sujeito, *classificação etária*, que intenta verificar se crianças e adultos aplicam ou não a regra variável e de que maneira e *ano de publicação*, que permite que se faça uma análise da evolução do preenchimento do sujeito pronominal deste a primeira edição da revista até a última analisada, permite, portanto, uma leitura diacrônica do objeto de estudo, uma análise em tempo real. Destes, somente o *ano de publicação* foi selecionado como relevante pelo programa e é por ele que começamos.

4.1.4.1. Ano de publicação

A distribuição das 19.980 ocorrências que constituem o corpus, por ano de edição, pode ser visualizada abaixo:

Tabela 11 – Preenchimento do pronome sujeito a partir do grupo de fatores *ano de publicação* nas revistas Pato Donald.

ANO DE PUBLICAÇÃO	APL./TOTAL	%	P.R.
1950/52	1.088/4.538	24	.54
1963	826/3.127	26	.49
1973	1.015/3.551	29	.48
1983	879/2.547	35	.54
1993	989/3.289	30	.49
2003	1.116/2.928	38	.58
TOTAIS	5.913/19.980	30	

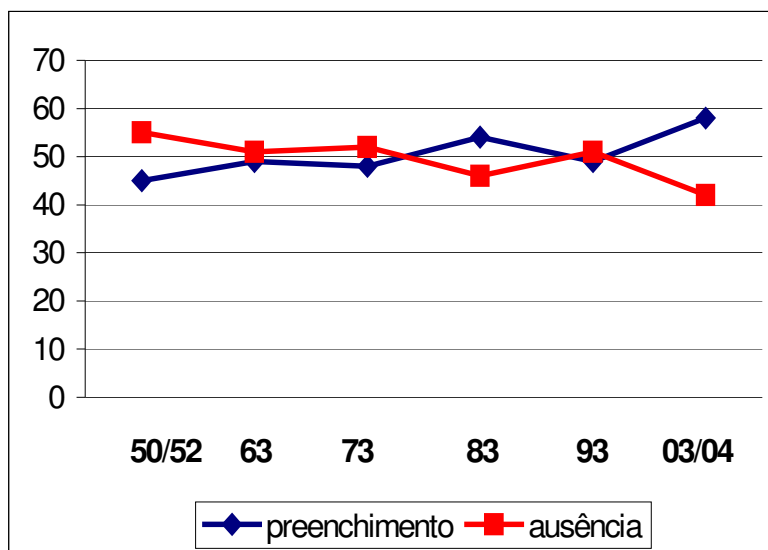
Nos períodos analisados tanto a porcentagem de preenchimento quanto a tendência de um sujeito aparecer explícito apresentam crescimento. Nos três primeiros percebe-se uma tendência à elipse do pronome sujeito, situação que se inverte em 1983 e 2003/04.

No ano de 1983 o peso relativo apresenta um acréscimo de .09 em relação a 1950/52, situação que mostra uma tendência ao preenchimento do pronome sujeito.

Em 1993 esta tendência de preenchimento cai. .05 em relação ao ano anterior. Neste ano é possível ver que, apesar da porcentagem de ausência (70%) ser mais que o dobro do preenchimento (30%), os pesos relativos continuam próximos do ponto neutro, que é .50, em outras palavras, apesar do aparente crescimento no rigor da revisão neste ano, o preenchimento ou a ausência tendem a ocorrer quase na mesma proporção.

No último período analisado está a maior tendência de preenchimento (.58). Os números, neste caso, mostram uma inversão: menor porcentagem (38%)/maior tendência (.58), maior porcentagem (62%)/menor tendência (.42). Estes pesos relativos, colocados em gráfico, possibilitam um traçado curioso.

Gráfico 5 – Comportamento do preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal na revista Pato Donald, a partir do grupo de fatores *ano de publicação*.

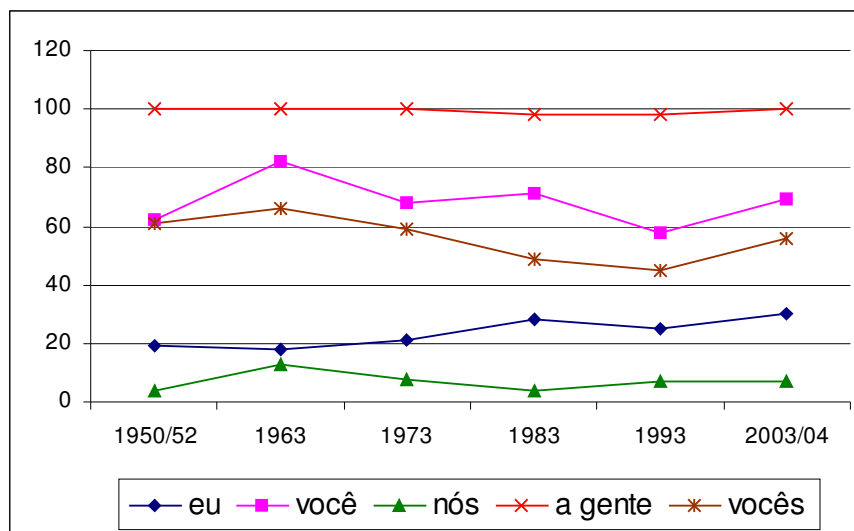


O preenchimento e a ausência apresentam um distanciamento entre si de 10 pontos no primeiro período analisado, sendo que a ausência era a mais favorecida nesta fase. No último período esta diferença sobe para .16, de modo que há um distanciamento invertido nos dois pólos. O preenchimento inicia sua trajetória com o menor peso relativo da amostra e termina com o maior. Sua curva, no último período, apresenta um aumento na tendência de aplicação da regra variável de .13 e finaliza de forma ascendente.

A tendência de preenchimento mais baixa do *cópus*, apresentada no ano de 1973, já é considerada alta para uma língua de sujeito nulo como o PB (.48), segundo a classificação gerativista. Em todos os anos o que se vê é uma porcentagem reduzida de sujeitos preenchidos com uma tendência ao preenchimento relativamente alta. Exceto os três pronomes canônicos (*eu, tu, nós*) os demais apresentam índices de preenchimento bastante altos, mas com reduzido número de ocorrências. São 4.261 ocorrências de *você/vocês* e *a gente*, com 2.959, 67% , de pronomes explícitos, enquanto com os pronomes *eu, tu* e *nós* são 15.611 dados com apenas 3.054, 20% , de preenchimento. Estes números resultam em porcentagem baixa e tendência de explicitação do pronome mais alta, de modo geral, em todos os períodos analisados.

Ponderando o comportamento de cada pronome isoladamente através de uma tabulação cruzada entre os grupos de fatores *peçoas verbais* e *ano de publicação* (Tabela 5 do *Anexo 3*), foi possível elaborar o gráfico abaixo, que traz a evolução diacrônica de todas as peçoas analisadas na pesquisa, exceto o pronome *tu*, que ocorreu só no ano de 1950, nas três primeiras edições da revista Pato Donald e, portanto, não apresenta nenhuma variação:

Gráfico 6 - Preenchimento do sujeito pronominal a partir da tabulação cruzada entre os grupos de fatores *pessoa verbal* e *ano de publicação* nas revistas Pato Donald, em porcentagem.



O pronome de primeira pessoa na forma singular, *eu*, o mais utilizado pelas personagens da revista e o de maior ocorrência também na maioria dos trabalhos variacionistas (por exemplo, MONTEIRO (1994) e BOTASSINI (1998), entre outros) apresenta uma tendência diacrônica no sentido de um maior preenchimento do sujeito, passa de 19% em 1950/52 para 30% em 2003/04. A primeira pessoa do plural, canônica, que de modo geral explicita muito pouco o sujeito devido a sua sempre presente desinência bem marcada (-mos), apesar disso, apresenta, em média, um crescimento no preenchimento, muito embora, como já citado, o número de ocorrências esteja diminuindo vertiginosamente, dando lugar ao pronome *a gente* que, perdendo sua referência indeterminadora, assume função de primeira pessoa do plural, neste corpus. Este pronome apresenta preenchimento praticamente categórico em suas 292 ocorrências no decorrer dos cinquenta anos analisados.

As segundas pessoas: *você* e *vocês* apresentam comportamento distinto entre si. A forma singular apresenta uma média de crescimento no preenchimento do sujeito, no período analisado, e a forma plural, ao contrário, apresenta uma queda, tendo um percentual de mais ausências em 2003/04 do que em 1950/52. O pronome *você* apresenta, em 1950/52, 61% de preenchimento, o que aumenta consideravelmente nos dados de 1963, indo para 82%, caindo

para 68% em 1973 e subindo novamente em 1983, 71%. Em 1993 a porcentagem volta a descer, chegando a 58%, o que aumenta para 69% no último período analisado, resultando em uma evolução em S, característica da variação.

Esta mesma evolução não é apresentada pela forma pluralizada, o pronome *vocês* só apresenta crescimento na porcentagem de preenchimento em 1963 e em 2003/04 e a porcentagem deste último período é menor do que nos dois primeiros. Aparentemente, nos dados deste corpus, a segunda pessoa plural favorece menos o preenchimento do sujeito do que o singular.

Exceto com o pronome *nós* e *a gente*, ambos primeira pessoa do plural, e que apresentam uma estabilidade ao final do período, os demais pronomes apresentam uma curva para cima, assinalando que o preenchimento do sujeito com estas pessoas tende a crescer.

Neste gráfico também é possível verificar o que já foi mencionado em situação anterior sobre o comportamento diferenciado do ano de 1993 e aqui também de 1963, possivelmente resultado de uma revisão mais acurada por parte da editora. Especificamente sobre 1963 cito MENON (2003: 102) que também observou um comportamento diferente nos dados dos anos 60 e lembra que, nesta época, *o país vivia sob a égide da censura prévia e do cerceamento da livre expressão*.

4.2. OS GRUPOS DE FATORES NÃO SELECIONADOS PELO VARBUL

Os grupos de fatores *sexo* e *classificação etária* não foram selecionados pelo programa computacional e em um nível anterior ao que apresentou o conjunto de dados mais significativos para a análise foi possível verificar o porquê.

O *sexo* masculino apresentou peso relativo .50, neutro. O feminino apresentou probabilidade de preenchimento de .53, bem próxima da neutralidade. O fator “outros” propicia a ausência, mas o número de ocorrências é menor que 0,8%, o que o torna pouco significativo para a amostra. Mesmo não selecionado este grupo foi cruzado em um Crosstab com o grupo de fatores *pessoa gramatical* (conforme Tabela 03, no Anexo 3) o que nos permitiu observar que as mulheres apresentam porcentagem mais elevada de preenchimento do que os homens com os

pronomes *você*, *vocês*, *a gente* e muito mais com o pronome *nós*, normalmente não preenchido. Os números mostram, portanto, que mesmo com índice de preenchimento muito baixo o pronome *nós* é mais preenchido pelas mulheres do que pelos homens. As pesquisas na área apontam a mulher à frente quando a variável inovadora (no caso aqui o preenchimento) não é estigmatizada. O pronome *tu*, que teve poucas ocorrências no corpús, apresentou um uso altíssimo pelas personagens representantes do sexo masculino, dos 25 dados, 24 são do sexo masculino. As ocorrências das personagens representantes do sexo feminino são poucas (1.785) se comparadas às masculinas (17.938). Levando isso em consideração tem-se 12% de preenchimento do pronome *nós* com as representantes do sexo feminino, um número bem maior do que o preenchimento total do pronome no corpús (que é de 7%), e 7% de preenchimento com personagens representantes do sexo masculino. As mulheres preenchem mais o sujeito também com os pronomes *você* e *vocês*.

Na *classificação etária* há uma leve tendência ao preenchimento pelas personagens representantes da classificação *crianças*, .52 enquanto os adultos apresentam exatamente .50 de probabilidade de preenchimento, ou seja, peso relativo neutro. Estes dois grupos não apresentaram relevância também em estudos anteriores, um exemplo é BOTASSINI (1998).

Apesar de não selecionado como relevante, o grupo de fatores *classificação etária* também foi cruzado com o grupo das *pessoas gramaticais* (conforme Tabela 04 no Anexo 3). Na intenção de analisar o comportamento do pronome *a gente* verificou-se que as personagens representantes da classificação etária *crianças* não o usaram sem preenchimento nenhuma vez. O número de ocorrências é muito próximo entre as duas classificações etárias (147/adultos e 139/crianças), mas levando em consideração a diferença acentuada entre o total das ocorrências das personagens representantes dos adultos (17.197) e das representantes das crianças (2.526) é possível perceber que, proporcionalmente, as crianças usam mais o *a gente* do que os adultos. O pronome *a gente* representa 0,8% das ocorrências da classificação adulta e 5,5% entre as crianças, ou seja, neste corpús, as personagens representantes da classificação *crianças* usam o pronome *a gente* quase sete vezes mais que os adultos.

Esses resultados parecem explicar porque os grupos de fatores não foram selecionados: estatisticamente não são relevantes, provavelmente por causa da (má) distribuição dos dados.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

“Na abertura de sua obra Política, Aristóteles afirma que somente o homem é um “animal político”, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. Os outros animais, escreve Aristóteles, possuem voz (phone) e, com ela, exprimem dor e prazer, mas o homem possui a palavra (logos) e, com ela, exprime o bom e o mau, o justo e o injusto. Expressar e possuir em comum esses valores é o que torna possível a vida social e política e, dela, somente os homens são capazes.”

Marilena Chauí. *Convite à Filosofia*

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou examinar a situação do português escrito em uma das histórias em quadrinhos de maior tiragem no território nacional e, diante das hipóteses levantadas durante a realização deste trabalho, pudemos chegar a conclusões relevantes.

No número de dados obtidos com as revistas Mônica e Pato Donald foi possível constatar que uma revista cujo conteúdo seja traduzido não deixa de ser válida para estudos das variações do PB. Nosso ensaio comparativo mostrou que a revista traduzida, no caso a Pato Donald, apresenta um comportamento mais conservador, no sentido de respeitar mais a GT do que uma considerada genuinamente brasileira.

No cômputo geral dos 19.980 dados analisados da revista Pato Donald obtivemos 30% de preenchimento do pronome sujeito e 70% de ausência. O que corrobora com outros resultados compostos a partir de dados da língua escrita, como LIRA (1988), que obteve 22% dos pronomes explicitados e conclui que a língua escrita não favorece o preenchimento. Da mesma forma DUARTE (1993) afirma que em cópulas de língua escrita a explicitação do pronome será menor devido a maior formalidade que o texto escrito tem.

Cruzando as informações do grupo de fatores *peças verbais e tempo e modo verbal* constatamos que a hipótese de que as desinências verbais apresentam fator inibidor do preenchimento do sujeito e as peças verbais apresentam comportamentos distintos entre si, foi confirmada. As primeiras peças canônicas (*eu/nós*) tendem a omitir o sujeito pronominal, apesar de terem apresentado índices de preenchimento em elevação no decorrer dos cinquenta anos analisados. Estas peças apresentam desinências bem marcadas com a maioria dos *tempos e modos verbais* que compõem a análise, o oposto das segundas peças *você/vocês* e do pronome *a gente*, desprovidas destas desinências número-pessoal em todos os tempos e modos verbais analisados, e que, por isso, apresentam maiores índices de preenchimento. Em outras palavras este grupo de fatores mostrou que as desinências parecem ainda representar fator inibidor para o preenchimento do sujeito quando se trata dos pronomes canônicos. Essa diferença também foi observada por PAREDES DA SILVA, que encontrou 23% de preenchimento para as primeiras peças e 70% para as segundas. DUARTE (1993) também verificou que os contextos que revelam mais profundamente a mudança são os de segunda pessoa, onde, segundo ela, teve início a redução do paradigma flexional. MONTEIRO (1994), ao verificar o comportamento

diferente entre as pessoas verbais concluiu que a noção de pessoa do discurso é mais favorecedora do preenchimento que a desinência verbal. O autor encontrou peso relativo de explicitação do sujeito bastante superior para a segunda pessoa do singular, *você*, em relação ao plural, *vocês*. Os resultados aqui obtidos corroboram com os dos autores acima citados, inclusive o maior preenchimento pela segunda pessoa singular. O pronome *você* apresentou 67% de preenchimento e o *vocês*, 57%

O pronome *a gente* mostrou, neste cópula, etapas da sua gramaticalização. Nos períodos iniciais da análise sua referência indeterminadora era bastante acentuada e o número de ocorrências, reduzido. Na análise em tempo real o *a gente* assumiu a função de primeira pessoa do plural e perdeu a referência indeterminadora. Em contrapartida o pronome *nós* apresentou acentuada queda no uso, que agora é dividido com a forma inovadora.

As hipóteses de que o pronome *a gente* está em uso crescente e assumindo a função de primeira pessoa do plural foram confirmadas inclusive com dados que mostram o pronome sendo usado juntamente com o possessivo *nosso*, forma até então exclusiva da primeira pessoa canônica, o que deixou de ser.

Não pudemos confirmar a hipótese de que o pronome *nós* está assumindo a referência indeterminadora deixada pelo *a gente*, mas visualizamos o seu declínio e possivelmente ele venha a assumir, no futuro, esta função para garantir a sua sobrevivência na língua.

Mesmo no grupo de fatores *tipos de frases* os pronomes mostram comportamento diferenciado entre eles. O pronome *eu* preenche mais o sujeito quando a frase é interrogativa, parece que a entonação da pergunta possibilita um maior preenchimento com a primeira pessoa do singular. Em contrapartida o pronome *você*, que apresentou, no geral, um alto índice de explicitação do pronome, tende a preencher menos o sujeito nesta mesma circunstância. As frases negativas revelaram uma tendência maior de inibir o preenchimento com os pronomes *eu*, *nós*, *você* e *vocês*. No geral os resultados com estes dois tipos de frases confirmam a hipótese inicial: ambas inibem o preenchimento do pronome. As frases negativas apresentaram peso relativo .49 e as interrogativas, .34

Podemos perceber que os grupos de fatores lingüísticos influenciam fortemente no preenchimento ou não do sujeito pronominal. Dos extralingüísticos *sexo e faixa etária* não foram selecionados como relevantes, o que nos permite afirmar que este fenômeno já esteja de certa forma estável na língua, já que as personagens representantes dos sexos femininos e masculinos fazem uso da regra variável na mesma proporção, o mesmo se pode dizer das personagens representantes das classificações etárias adultos e crianças. PAREDES DA SILVA (1991) já mencionou o fato de que os fatores sociais, ou extralingüísticos, raramente são selecionados como relevantes na maioria dos trabalhos variacionistas que se debruçam sobre esse assunto, pois o fenômeno do preenchimento pronominal não é estigmatizado socialmente.

O grupo de fatores *ano de publicação*, único extralingüístico selecionado, vem confirmar a hipótese de que, apesar da tendência conservadora do texto escrito, encontraríamos um aumento em tempo real na aplicação da regra variável objeto deste estudo. Houve um leve aumento nos pesos relativos encontrados entre o primeiro período analisado e o último, o que permite afirmar que está havendo um maior preenchimento do pronome sujeito na língua escrita representada pelas HQ Pato Donald, apesar da orientação da editora de seguir a GT e do input geral apresentado que é .27. Cabe destacar que a média dos pesos relativos apresentados na análise da variação em tempo real é de .52, tendendo à explicitação pronominal. Este número é bastante significativo, haja vista que as frases que compõem a amostra são simples. DUARTE (1993) encontrou um contexto de maior resistência ao preenchimento com este tipo de frases. Isto, posto ao lado do resultado aqui encontrado nos revela que a variante inovadora está ocorrendo em situações que antes eram consideradas favorecedoras da elipse. O peso relativo estar próximo do ponto neutro significa que o parâmetro pro-drop está, no mínimo, comprometido, ou seja, o PB está deixando de ser uma língua de sujeito nulo. Uma tendência à elipse pronominal de .48 em dados de língua escrita é um indicador deste fato. Resumindo, a análise em tempo real de curta duração aqui apresentada mostrou que, no tocante ao preenchimento do pronome sujeito, há uma mudança em processo no PB.

Este cópula particularmente mostrou resultados bem próximos aos obtidos por LIRA (1988) e PAREDES DA SILVA (1991) o que põe por terra resquícios de preconceito por parte de alguns pais e professores de língua que insistem em dizer que “gibi” não é leitura recomendável por ser representação da língua oral, como se, sendo, fosse algo desprovido de qualidade, pensamento bastante retrógrado e ultrapassado. Sabemos que esta análise não se

encerra aqui, que o exame de outros fatores pode contribuir com respostas mais concretas e esclarecedoras para a variação aqui analisada, mas concluímos a pesquisa assumindo a validade do estudo realizado como contribuição para a descrição do PB, além do nosso próprio crescimento pessoal e intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBAN, Maria Del Rosário; CRUZ, Rosineide R.; OLIVEIRA, Ivonete; PASSOS, Fradelina; RAPP, Carola. 1991. *Nós e a gente: uma sondagem na norma culta brasileira*. Estudos Lingüísticos e Literários. Salvador n.º 11. Pág. 103 – 116.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. 1988. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 35.^a ed. São Paulo. Saraiva.
- BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo G. dos Santos. 1972. *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*. Vol. I. São Paulo. Ed. FTD.
- BENVENISTE, Émile. 1976. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo. Companhia Editora Nacional.
- BORBA, Lílian do Rocio. 1993. *Alguns aspectos sobre o uso de nós e a gente em Curitiba*. Revista Fragmenta, n.º 10. UFPR. Pág. 65 - 76.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan M. 1998. *A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. UFPR.
- CÂMARA JÚNIOR. Joaquim Mattoso. 1979. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.^a ed. Rio d Janeiro. Padrão.
- CAVALCANTI, Ionaldo A . 1949. *O mundo dos quadrinhos*. Símbolo.
- CEGALLA, Domingos P. 1981. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo. Ed. Nacional.
- CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar, 2002. *Português: Linguagens*, 5.^a série. Livro do professor. São Paulo. Atual.
- CIRNE, Moacy. 1975. *Para ler os quadrinhos*. Petrópolis. Editora Vozes
- _____. 1977. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis. Editora Vozes

- _____. 1982. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Angra/Achiamé. Rio de Janeiro.
- CUNHA, Celso F. da. 1965. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. FAE
- CUNHA, Celso F. da. 1984. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10^a. ed.. Rio de Janeiro. FAE
- CUNHA, Celso F. da e CINTRA, Lindley. 1985. *Nova Gramática do Português Contemporânea*. 2^a. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. 1970. *Syntaxe histórica portuguesa*. 5.^a ed. Lisboa. Livraria Clássica Editora.
- DORFMAN, A. & MATTELART, A. 1977. *Para ler o Pato Donald*. Tradução de Álvaro de Moya. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. 1993 *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs.) – *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas. Unicamp. Pág. 107 – 128.
- _____. 1995. *A perda do Princípio "Evite pronome" no português brasileiro* – Tese de doutoramento. Unicamp.
- _____. 1996. *Aspectos do sistema pronominal do Português falado nas regiões sudeste e centro-oeste*. João Pessoa: ANPOLL. Pág. 505-509.
- ELIA, Silvio Edmundo 1962. *"Dicionário Português"* In: *Globo Dicionário Gramatical*. Porto Alegre: Globo.
- FARACO, Carlos Alberto. 1982. *The imperative sentence in portuguese: a semantic e historical discussion*. Tese de doutoramento. University of Salford, UK.
- FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco M. de. 2000. *Gramática*. Editora Ática. São Paulo.

- FERREIRA, Mauro 1992. *Aprender e praticar gramática: teorias, sínteses das unidades, atividades práticas, exercícios de vestibulares: 2.º grau*. São Paulo: FTD.
- FREITAS, Judith. 1991a. *Nós e a gente em elocuições formais*. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n.º 11. Pág. 91 – 102.
- _____. 1991b. *Os pronomes pessoais na norma culta e nos textos pedagógicos*. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n.º 11. Pág. 133 – 145.
- GALVES, Charlotte C. 1996 – *O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro*. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (orgs.) (1996) – *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp. Pág. 387 – 408
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge. Cambridge University.
- LABOV, William. 1974. *Estágios na aquisição do inglês standard*. In FONSECA. M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro. Eldorado.
- _____. 1994. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell Publishers, v.1
- LAPA, Manuel Rodrigues. 1982. *Estilística da língua portuguesa*. 1.ª ed. Brasileira. São Paulo. Martins Fontes.
- LIRA, Solange de Azambuja. 1988. *O sujeito pronominal no português falado e escrito*. Ilha do Desterro, Florianópolis: UFSC, n.º 20. Pág. 31 – 43.
- MANSUR GUÉRIOS, R. F. 1942. *Estudos sobre a língua Caingangue – Notas histórico comparativas: Dialeto de Palmas e Dialeto de Tibagi – Paraná*. Separata dos arquivos do Museu Paranaense. Vol II. Artigo IX. Empresa Gráfica Paranaense. Curitiba.
- MARCUSCHI, L. ANTONIO. 2003. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo. Cortez.

- MAURER JR. T. H. 1959. *Gramática do Latim vulgar*. Rio de Janeiro. Acadêmica..
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. 2001. *Contradições no Ensino de Português*. São Paulo: Contexto.
- MENON, Odete Pereira da Silva. 1992-93. *Considerações em torno do se: 1.se passivo*. Revista Letras, Curitiba, n.º 41-42. Pág. 171 - 199. UFPR
- _____. 1994. *Português: língua de sujeito nulo?* Comunicação apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador.
- _____. 1995. *O sistema pronominal no Brasil*. Revista Letras. Curitiba, n.º 44. UFPR.
- _____. 1996a. *A gente: um processo de gramaticalização*. Estudos Lingüísticos, XXV. Anais do XLIII Sem. GEL. UNAERP. Ribeirão Preto.
- _____. 1996b. *Aspectos do sistema pronominal relevantes para o ensino básico*. João Pessoa. ANPOLL. Pág. 502 - 503.
- MENON, Odete P. S., LAMBACH, Jane B., LANDARIN, Noeli R. X. N. 2003. *Alternâncias nós e a gente nos quadrinhos, análise em tempo real* in RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara. *Português Brasileiro, contatos lingüísticos, heterogeneidade e história* (orgs.). Rio de Janeiro. 7 Letras
- MOLLICA, M. Cecília. 2003. *Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação* in MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo. Contexto. Pág. 9-14
- MONTEIRO, José Lemos. 1994. *Pronomes Pessoais*. Fortaleza: Edições UFC.
- _____. 1996. *O sistema pronominal na região Nordeste*. João Pessoa. ANPOLL. Pág. 513 - 515.

- NARO, Anthony J. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In MOLLICA, Maria C. & BRAGA, M. Luiza (orgs.). 2003. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo. Contexto.
- NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. 1991. *Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Unicamp, n.º 20. Pág. 9 - 16.
- OLIVEIRA, Marco A. de, 1986. *Algumas notas sobre o conceito de variável linguística e sua dimensão nas descrições gramaticais*. ABRALIN. n.º 8. Pág.87 – 95.
- OMENA, Nelize Pires de. 1996. *A referência à primeira pessoa do plural*. In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. Pág. 185 – 215.
- _____. 1996. *As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito*. In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Pág. 311 - 323.
- PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. 1991. *Cartas Cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Boletim da Abralín, n.º 11. Pág. 83 – 96.
- PERINI, Mário A. 1993. *Para uma nova gramática do Português*. 3.^a ed. São Paulo. Ática (Série Princípios).
- _____. 1998. *Gramática descritiva do português*. 3.^a ed. São Paulo: Ática.
- ROBERTS, Ian. 1996. *O português brasileiro no contexto das línguas românicas*. In ROBERTS & KATO (orgs.). *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas. Unicamp. Pág. 409 – 425.
- SANTIAGO, Silviano. 1981. *Em Liberdade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
- SCHERRE, Maria M. P. 1993. *Introdução ao Pacote Varbrul para microcomputadores*. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras/Departamento de

- Linguística e Filosofia/ Programa de estudos sobre o uso da língua (PEUL), 1992. Universidade de Brasília / Instituto de Letras/ Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas.
- _____. 1991. *Uma indicação de mudança em tempo real*. ABRALIN nº. 11. Pág. 191 – 201.
- SILVA, Giselle M. de Oliveira e. 1982. *O estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. UFRJ. Tese de Doutorado.
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo. 1996. *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas. SP. Editora da UNICAMP.
- SILVA, Rita do Carmo Polli da. 2003a. *A expressão do tempo futuro: forma sintética X perífrases*. In Revista de Letras 6 – www.cefet.pr.br/deptos/dacex/rita6.htm
- _____. 2003b. *A elipse do sujeito pronominal em produções escritas*. Comunicação apresentada no 52.º Seminário do GEL. UNICAMP. Campinas.
- SOARES, Magda. 1982. *Novo português através de textos*. Livro do professor. São Paulo. Abril.
- SOLANA, Vicente & MORAIS, Bento Bueno. 1943. *Gramática Castellana*. 1.ª ed. São Paulo. Edições e Publicações Brasil.
- TAMANINE, Andréa. M. B. 2002. *Alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação de mestrado. UFPR.
- TARALLO, Fernando. 1985. *A Pesquisa Sociolinguística* – São Paulo: Ática (Série Princípios).
- TERRA, Ernani & NICOLA, José de 1996. *Gramática & Literatura para o 2º. grau – Curso Completo*. São Paulo. Scipioni.

ANEXOS

poesia em tempo de fome
fome em tempo de poesia

poesia em lugar do homem
pronome em lugar do nome

homem em lugar de poesia
nome em lugar do pronome

poesia de dar o nome

nomear é dar o nome

nomeio o nome
nomeio o homem
no meio a fome

nomeio a fome

Haroldo de Campos

ANEXO 1

Lista de todas as revistas consultadas para a composição do corpus.

1. REVISTAS PATO DONALD

1950

Número da revista	Data de publicação
01	Julho
02	Agosto
03	Setembro
04	Outubro
05	Novembro
06	Dezembro

1951

Número da revista	Data de publicação
07	janeiro
08	fevereiro
09	março
10	abril
11	maio
12	junho
13	julho
14	agosto
15	setembro
16	outubro
17	novembro
18	dezembro

1952

Número da revista	Data de publicação
19	janeiro
20	fevereiro
21	março

1963

Número da revista	Data de publicação
582	11/01
584	15/01
588	12/02
590	24/02
592	12/03
596	09/04
598	23/04
600	07/05
602	21/05
603	28/05
610	16/07
612	30/07
616	27/08
618	10/09
620	24/09
622	08/10
626	05/11
628	19/11
630	03/12
634	31/13

1973

Número da revista	Data de publicação
1104	05/01
1106	19/01
1110	16/02
1112	02/03
1114	16/03
1120	27/04
1158	13/04
1124	25/05
1126	08/06
1128	22/06
1130	06/07
1132	20/07
1134	03/08
1136	17/08
1138	31/08
1140	14/09
1142	28/09
1144	12/10
1146	26/10
1148	09/11
1152	07/12

1983

Número da revista	Data de publicação
1632	11/02
1634	25/02
1638	25/-3
1640	08/04
1642	22/04
1644	06/05
1646	20/05
1648	03/06
1650	17/06
1654	17/07
1656	29/07
1658	12/08
1660	26/08
1664	23/09
1668	21/10
1670	04/11
1674	02/12
1676	16/12
1678	30/12
1688	março de 1984

1993

Número da revista	Data de publicação
2000	janeiro
2001	janeiro
2002	fevereiro
2003	fevereiro
2004	março
2005	março
2006	abril
2008	maio
2009	maio
2010	maio
2011	junho
2012	junho
2014	julho
2015	julho
2016	agosto
2017	outubro
2019	novembro
2020	novembro
2021	novembro
2022	dezembro
2023	dezembro

2003

Número da revista	Data de publicação
2258	janeiro
2259	janeiro
2260	fevereiro
2261	março
2265	maio
2266	maio
2267	maio
2268	junho
2269	junho
2276	outubro

2004

Número da revista	Data de publicação
2286	fevereiro
2287	março
2289	abril
2292	maio
2296	junho
2298	agosto
2299	agosto
2300	setembro
2301	setembro
2302	outubro

PATO DONALD em inglês – número 1 – janeiro de 1990.

2. REVISTAS MÔNICA

Número da revista	Data de publicação
11	Março/71
19	Novembro/71
35	Março/73
36	Abril/73
38	Junho/73
40	Julho/73
41	Setembro/73
42	Outubro/73
43	Novembro/73
44	Dezembro/73
45	Janeiro/74

ANEXO 2

Lista dos símbolos e respectivas descrições utilizadas na codificação das ocorrências:

1. variável dependente:

símbolo	descrição
1	preenchimento do pronome
0	ausência do pronome

2. pessoas gramaticais:

símbolo	descrição
e	pronome eu
t	pronome tu
n	pronome nós
v	pronome você
g	pronome a gente
V	pronome vocês
/	sujeito pronominal não recuperável

3. tempo e modo verbal:

símbolo	descrição
p	presente do indicativo
P	pretérito perfeito do indicativo
I	imperfeito do indicativo
c	futuro do pretérito
f	futuro do presente
s	presente do subjuntivo
S	imperfeito do subjuntivo
F	futuro do subjuntivo
g	gerúndio

4. tipo de frases:

símbolo	descrição
e	exclamativa com função declarativa afirmativa
n	exclamativa com função declarativa negativa
i	Interrogativa

5. sexo:

símbolo	Descrição
f	feminino
m	masculino
o	Outros ¹⁸

¹⁸ Outros refere-se ao que corresponderia ao “sexo” dos seres inanimados e dos animais de estimação (conforme já diferenciados anteriormente) que “falam” nas HQ. Cada símbolo “o” na quarta linha de codificação corresponde a um sinal de “não se aplica” (/) na quinta.

6. faixa etária:

símbolo	descrição
c	Criança
a	Adulto
/	não se aplica

7. ano de publicação:

símbolo	descrição
1	1950/52
2	1963
3	1973
4	1983
5	1993
6	2003
7	Turma da Mônica

ANEXO 3

Tabela 1 - Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *pessoa verbal e tempo e modo verbal*.

		e		v		n		V		g		t		T	
P	1	435	23%	392	65%	18	25%	62	72%	21	95%	2	50%	930	34%
	0	1490	77%	209	35%	54	75%	24	28%	1	5%	2	50%	1780	64%
	T	1925		601		72		86		22		4		2710	
p	1	1476	18%	1286	70%	169	6%	343	55%	151	100%	4	22%	3429	26%
	0	6673	82%	556	30%	2490	94%	280	45%	0	0%	14	78%	10013	74%
	T	8149		1842		2659		623		151		18		13442	
r	1	141	54%	166	53%	3	7%	3	27%	70	97%	0	0%	383	54%
	0	120	46%	150	47%	43	93%	8	73%	2	3%	2	100%	325	46%
	T	261		316		46		11		72		2		708	
f	1	191	19%	124	74%	42	10%	34	56%	3	100%	1	100%	395	24%
	0	803	81%	43	26%	389	90%	27	44%	0	0%	0	0%	1262	76%
	T	994		167		431		61		3		1			
S	1	62	75%	16	73%	1	8%	0	0%	7	100%	0	0%	86	67%
	0	21	25%	6	27%	12	92%	4	100%	0	0%	0	0%	43	33%
	T	83		22		13		4		7		0		129	
c	1	236	59%	70	65%	9	18%	14	78%	21	100%	0	0%	350	59%
	0	166	41%	37	35%	41	82%	4	22%	0	0%	0	0%	248	41%
	T	402		107		50		18		21		0		598	
I	1	190	64%	27	75%	4	13%	2	33%	11	100%	0	0%	234	61%
	0	109	36%	9	25%	28	88%	4	67%	0	0%	0	0%	150	39%
	T	299		36		32		6		11		0		384	
F	1	18	56%	5	36%	1	2%	7	64%	1	100%	0	0%	32	31%
	0	14	44%	9	64%	43	98%	4	36%	0	0%	0	0%	70	69%
	T	32		14		44		11		1		0		102	
s	1	46	73%	16	43%	1	4%	2	33%	4	100%	0	0%	69	51%
	0	17	27%	21	57%	25	96%	4	67%	0	0%	0	0%	67	49%
	T	63		37		26		6		4		0		136	
g	1	4	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	5	83%
	0	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	17%
	T	4		1		1		0		0		0		6	
T	1	2799	23%	2103	67%	248	7%	467	57%	289	99%	7	28%	5912	30%
	0	9413	77%	1040	33%	3126	93%	359	43%	3	1%	18	72%	13959	70%
	T	12212		3143		3374		826		292		25		19872	

LEGENDA

1/ PREENCHIMENTO 0/AUSÊNCIA T/TOTAL

PESSOAS VERBAIS: e/eu, v/você, n/nós, V/vocês, g/a gente, t/tu

TEMPO E MODO VERBAL: P/pretérito perfeito do indicativo, p/presente do indicativo, r/infinitivo, f/futuro do presente, S/imperfeito do subjuntivo, c/futuro do pretérito, I/pretérito imperfeito, F/futuro do subjuntivo, s/presente do subjuntivo, g/gerúndio

Tabela 2 – Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *tipos de frases e pessoa verbal*.

		e		v		n		V		g		t		T	
n	1	288	20%	155	74%	17	6%	36	57%	26	100%	2	67%	524	26%
	0	1125	80%	54	26%	264	94%	27	43%	0	0%	1	33%	1471	64%
	T	1413		209		281		63		26		3		1995	
e	1	2346	23%	1346	78%	208	7%	302	67%	223	99%	3	19%	4428	29%
	0	7882	77%	386	22%	2603	93%	147	33%	2	1%	13	81%	11033	71%
	T	10228		1732		2811		449		225		16		15461	
i	1	165	29%	602	50%	23	8%	129	41%	40	98%	2	33%	961	40%
	0	406	71%	600	50%	259	92%	185	59%	1	2%	4	67%	1455	60%
	T	571		1202		282		314		41		6		2416	
T	1	2799	23%	2103	67%	248	7%	467	57%	289	99%	7	28%	5913	30%
	0	9413	77%	1040	33%	3126	93%	359	43%	3	1%	18	72%	13959	70%
	T	12212		3143		3374		826		292		25		19872	

LEGENDA

1/ PREENCHIMENTO 0/AUSÊNCIA T/TOTAL

PESSOAS VERBAIS: e/eu, v/você, n/nós, V/vocês, g/a gente, t/tu

TIPOS DE FRASES: n/negativas, e/declarativas, i/interrogativas

Tabela 3 - Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *sexo* e *pessoa verbal*.

		e		v		n		V		g		t		T	
m	1	2544	23%	1790	66%	218	7%	416	56%	263	99%	7	29%	5238	29%
	0	8514	77%	918	34%	2925	93%	323	44%	3	1%	17	71%	12700	71%
	T	11058		2708		3143		739		266		24		17938	
f	1	234	22%	303	73%	24	12%	49	58%	20	100%	0	0%	630	35%
	0	830	78%	114	27%	174	88%	36	42%	0	0%	1	100%	1155	65%
	T	1064		417		198		85		20		1		1785	
O	1	21	23%	10	56%	6	18%	2	100%	6	100%	0	0%	45	30%
	0	69	77%	8	44%	27	82%	0	0%	0	0%	0	0%	104	70%
	T	90		18		33		2		6		0			
T	1	2799	23%	2103	67%	248	7%	467	57%	289	99%	7	28%	5913	30%
	0	9413	77%	1040	33%	3126	93%	359	43%	3	1%	18	72%	13959	70%
	T	12212		3143		3374		826		292		25			

LEGENDA

1/ PREENCHIMENTO 0/AUSÊNCIA T/TOTAL

PESSOAS VERBAIS: e/eu, v/você, n/nós, V/vocês, g/a gente, t/tu

SEXO: m/masculino f/feminino o/outros

Tabela 4 - Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *classificação etária e pessoa verbal*.

		e		v		n		V		g		t		T	
a	1	2558	23%	1883	67%	156	7%	429	57%	144	98%	6	30%	5176	30%
	0	8690	77%	914	33%	2072	93%	328	43%	3	2%	14	70%	12021	70%
	T	11248		2797		2228		757		147		20		17197	
C	1	220	25%	210	64%	86	8%	36	54%	139	100%	1	20%	692	27%
	0	654	75%	118	36%	1027	92%	31	46%	0	0%	4	80%	1834	73%
	T	874		328		1113		67		139		5		2526	
T	1	2778	23%	2093	67%	242	7%	465	56%	283	99%	7	28	5868	30%
	0	9344	77%	1032	33%	3099	93%	359	44%	3	1%	18	72%	13855	70%
	T	12122		3125		3341		824		286		25		19723	

LEGENDA

1/ PREENCHIMENTO 0/AUSÊNCIA T/TOTAL

PESSOAS VERBAIS: e/eu, v/você, n/nós, V/vocês, g/a gente, t/tu

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: c/criança a/adulto

Tabela 5 - Tabulação cruzada entre os grupos de fatores *pessoa verbal* e *ano de publicação*.

		e		v		n		V		g		t		T	
3	1	468	21%	400	68%	52	8%	76	59%	19	100%	0	0%	1015	29%
	0	1727	79%	190	32%	560	92%	52	41%	0	0%	0	0%	2529	71%
	T	2195		590		612		128		19		0		3544	
4	1	427	28%	312	71%	13	4%	45	49%	82	98%	0	0%	879	35%
	0	1124	72%	125	29%	357	96%	47	51%	2	2%	0	0%	1655	65%
	T	1551		437		370		92		84		0		2534	
1	1	550	19%	399	62%	34	4%	88	61%	10	100%	7	28%	1088	24%
	0	2285	81%	243	38%	793	96%	57	39%	0	0%	18	72%	3396	76%
	T	2835		642		827		145		10		25		4484	
2	1	332	18%	272	82%	91	13%	109	66%	22	100%	0	0%	826	26%
	0	1564	82%	59	18%	622	87%	56	34%	0	0%	0	0%	2301	74%
	T	1896		331		713		165		22		0		3127	
6	1	533	30%	373	69%	23	7%	80	56%	107	100%	0	0%	1116	38%
	0	1242	70%	167	31%	314	93%	63	44%	0	0%	0	0%	1786	62%
	T	1775		540		337		143		107		0		2902	
5	1	489	25%	347	58%	35	7%	69	45%	49	98%	0	0%	989	30%
	0	1471	75%	256	42%	480	93%	84	55%	1	2%	0	0%	2292	70%
	T	1960		603		515		153		50		0		3281	
T	1	2799	23%	2103	67%	248	7%	467	57%	289	99%	7	28%	5913	30%
	0	9413	77%	1040	33%	3126	93%	359	43%	3	1%	18	72%	13959	70%
	T	12212		3143		3374		826		292		25		19872	

LEGENDA

1/ PREENCHIMENTO 0/AUSÊNCIA T/TOTAL

PESSOAS VERBAIS: e/eu, v/você, n/nós, V/vocês, g/a gente, t/tu

ANO DE PUBLICAÇÃO: 1 - 1950/52, 2 – 1963, 3 – 1973, 4 – 1983, 5 – 1993

6 – 2003/04

ANEXO 4

Resposta dos meus *e-mails* à editora abril:

De: "Emerson Agune" EAGUNE@abril.com.br
 Para: rita.do.silva@terra.com.br
 Cópia: "Disney Abril" DISNEY.ABRIL@atleitor.com.br
 Data: Wed, 10 Nov 2004 11:29:56 -0200
 Assunto: Quadrinhos Disney

> Olá, Rita.

> Vamos fazer um apanhado geral da linguagem específica dos quadrinhos, passando por um breve histórico e abordando um pouco dos elementos técnicos. Esperamos que isso seja suficiente para ajudar em sua pesquisa.

> 1) É convenção universal no ocidente que os balões de diálogos simulam a fala. Por isso, de acordo com a língua (português, inglês, italiano, francês, etc.) existem diferentes padrões de simulação. Eles variam de acordo com o público-alvo das publicações e das diretrizes editoriais da empresa de comunicação. Dessa forma, algumas regras da gramática normativa não são empregadas.

> 2) As reticências e as exclamações são utilizadas como sinais gráficos nos balões. Em alguns momentos, as reticências indicam que uma fala foi interrompida porque não há mais espaço no balão e por isso continua em outro balão. Ou que um personagem começou uma fala e outro terminou. O ponto de exclamação não é utilizado para expressar apenas emoções dos personagens. É usado nos quadrinhos Disney para demarcar o final de um período. Isso se tornou um padrão gráfico porque, nos primórdios dessas publicações, convencionou-se que os gibis deveriam ser práticos de se manusear. Então, diminui-se o formato e adotou-se o ponto de exclamação como um sinal gráfico que marca o fim do período para facilitar a leitura. Como não se pode controlar a diagramação dos textos nos balões como em livros ou reportagens (aumentando ou diminuindo a largura das colunas de texto ou as entrelinhas), a exclamação demarca o fim do período e é mais fácil de se ver. Seguindo a tradição, mantivemos o padrão.

> 3) A revista do Donald em inglês não tem correspondente em português, mas as histórias já tinham sido publicadas no Brasil em português. Sugerimos a consulta do site www.inducks.org para mais informações sobre cada uma delas.

> Abraços,

➤ Emerson Agune
 ➤

Sobre o fato de a revista apresentar um índice relativamente baixo de preenchimento do sujeito pronominal, obtive a seguinte resposta, em 11/11/2004:

Olá, Rita.

Acredito que simulamos bem a fala nos diálogos dos quadrinhos Disney, mas temos como orientação editorial garantir o uso bom uso da língua portuguesa. Afinal, temos que respeitar o padrão Abril de qualidade de texto. No entanto, temos mais liberdade na colocação pronominal, por exemplo. O resultado de sua pesquisa só confirma que temos realizado bem o nosso trabalho.

Emerson